

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROJETO PESSOAL DE VIDA & TRABALHO:
a orientação profissional
na perspectiva de orientadores e orientandos.

Maria Cristina Folmer-Johnson

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de Psicologia Educacional, sob orientação do Prof. Dr. Valério José Arantes.

Unicamp, 2000

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROJETO PESSOAL DE VIDA & TRABALHO:
a orientação profissional na perspectiva de orientadores e orientandos.

Autor: Maria Cristina Folmer-Johnson
Orientador: Prof. Dr. Valério José Arantes

Este exemplar corresponde à redação final da
dissertação defendida por Maria Cristina Folmer-
Johnson e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data ____ / ____ / ____

Comissão Julgadora:

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

J625e Johnson, Maria Cristina Folmer.
Projeto pessoal de vida e trabalho : a orientação profissional na perspectiva de orientadores e orientandos / Maria Cristina Folmer Johnson. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Valério José Arantes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Orientação profissional. 2. Orientação educacional.
I. Arantes, Valério José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

RESUMO

Pesquisa de natureza descritiva, com orientação qualitativa. Trata da análise de conteúdo de depoimentos escritos de 13 vestibulandos de Campinas, de ambos os sexos, com 17 a 29 anos, sobre problemas enfrentados na escolha de profissão, objetivos visados e expectativas em relação à Orientação Profissional -OP. As categorias temáticas emergentes foram relacionadas aos temas tratados pelos modelos teóricos da OP. Os resultados indicaram que os modelos são insuficientes para atender às necessidades dos estudantes, por serem parciais, concentrando-se em determinantes pessoais ou socioeconômicos. A escolha da profissão é um fenômeno complexo resultante da relação tensa e dinâmica entre o indivíduo e a sociedade e requer uma abordagem dialógica, com enfoque compreensivo e o exame das características de seus determinantes pessoais e sociais. A prática da OP requer tratamento processual integrado ao currículo escolar.

ABSTRACT

This report is the result of a descriptive study on qualitative design, concerning the content of the written reports of 13 students from Campinas (male and female) with ages between 17 and 29 years old, about problems faced by them on career choice and their expectations with regards to career guidance. The thematic emergent categories were related to the themes treated by the theoretical models of career guidance. The results indicate that theoretical models are unsatisfactory to attend the students' needs, for they are partials, concentrated in personal or socioeconomic determinants. The career choice is a complex phenomenon, it results from a tense and dynamic relationship between individual and society that asks for an dialogic approach, within a comprehensive view, including the examination of its personal and social determinants. The practice of career guidance needs a processual treatment integrated to the scholastic curriculum.

AGRADECIMENTOS

A produção deste trabalho de pesquisa contou com o apoio e contribuições de pessoas e instituições, para chegar a bom termo.

Agradeço ao Prof. Dr. Valério José Arantes, que me incentivou a ingressar no mestrado da FE Unicamp, aceitou-me como orientanda, favoreceu a pesquisa em campo, abrindo espaço em seu próprio trabalho com estudantes pré-universitários, além de acompanhar o trabalho de elaboração da dissertação.

De modo especial, quero agradecer a proveitosa colaboração do Prof. Dr. Newton Aquiles von Zuben e da Dra. Isaura Rocha Figueiredo Guimarães. De ambos recebi ensinamentos e incentivos importantes. Suas observações e sugestões foram valiosas para a elaboração deste trabalho.

Sou grata também aos alunos do Cursinho do Sindicato (Alexandre, Alice, Camila, Cristina, Elaine, Fabiana, Flávia, Geovana, Leíza, Maria Celeste, Maria Regina, Milena e Renata) e de participantes do Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (Marinalva, Tatyana, Leôncio), cuja participação permitiu a concretização deste projeto.

Quero, também, expressar meus agradecimentos à CAPES, pela concessão de bolsa, o que gerou uma condição material fundamental para minha dedicação aos estudos.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS E TABELAS	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1º - REVISÃO TEÓRICA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS	
1.1- Conceitos e objetivos da Orientação Profissional	21
1.2– A orientação para o trabalho na história	23
1.2.1 – A orientação para o trabalho na sociedade antiga e medieval:	
– a era agrícola	27
1.2.2 – A orientação para o trabalho na sociedade moderna:	30
-- a era industrial, a profissão e o emprego	30
-- a era pós-industrial e o desemprego	32
1.3 – Origens e desenvolvimento da Orientação Profissional	34
1.3.1 – A abordagem psicológica da Orientação Profissional	34
-- O modelo diagnóstico e prescritivo	36
-- O modelo desenvolvimentista e as Teorias de Carreira	37
-- Os modelos psicodinâmico, decisional e comportamental	41
-- Estágio atual de desenvolvimento da Psicologia Vocacional	43
-- Contribuições e limites da abordagem psicológica da Orientação Profissional	44
1.3.2 – A abordagem não-psicológica da Orientação Profissional	46
-- O modelo econômico	47
-- O modelo sociológico	48
-- Contribuições e limites da abordagem não-psicológica da Orientação Profissional	52
1.3.3 – As Teorias Gerais de escolha e ajustamento profissional	53

1.4 - A Orientação Profissional no Brasil	55
1.4.1 – O desenvolvimento inicial num modelo psicológico	55
1.4.2 – O modelo crítico	58
-- contribuições e limites do modelo crítico	62
1.4.3 – O projeto nacional de educação e a Orientação Profissional	64
-- A sociedade do trabalho e a educação para a empregabilidade ..	68
-- A sociedade educativa	69
1.4.4 – As tendências: um modelo psicossocial	72
CAPÍTULO 2º - METODOLOGIA DE PESQUISA	
2.1 – Os sujeitos	75
2.2 – Procedimento para coleta dos depoimentos	77
-- A Oficina de Orientação Profissional	78
-- O registro dos depoimentos	81
2.3 – Procedimento para análise e interpretação dos depoimentos	82
CAPÍTULO 3º – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO:	
A PERSPECTIVA DOS ORIENTANDOS	
3.1 – As unidades significativas	86
-- As expectativas gerais em relação à Orientação Profissional e a compreensão da questão da escolha da profissão	86
-- Os fatores pessoais da escolha da profissão	93
-- A informação profissional: os cursos e as profissões	98
-- Os fatores socioeconômicos da escolha da profissão	100
-- As limitações à liberdade de opção e a construção de uma nova ordem social	102
-- Síntese geral das unidades significativas transformadas	104
CONCLUSÃO	106
BIBLIOGRAFIA	115
ANEXO: O discurso dos orientandos registrados nos depoimentos	123

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro I	- Características das abordagens teóricas de escolha e ajustamento vocacional	55
Quadro II	- As formas de atuação da Orientação Educacional na escola pública brasileira	66
Tabela I	- As categorias de unidades significativas e os depoimentos onde foram identificadas	86

INTRODUÇÃO

Em minha experiência como Orientadora Educacional, atuando diretamente com os grupos mais diversos de orientandos e de profissionais dedicados à Orientação Profissional-OP, persistiram indagações relativas a ela.

Ao pensar a questão da *escolha da profissão*, enquanto fenômeno, e a da OP, enquanto processo de assistência às escolhas, notei que muitas de minhas inquietações referiam-se à sua eficácia prejudicada, manifesta nas frustrações declaradas por orientadores e orientandos, na avaliação de suas experiências concretas, assim como nos elevados índices de reopção acadêmica.

A OP ajuda, mas deixa a desejar em seus resultados, mostrando-se insuficiente, embora seja considerada necessária, importante e útil enquanto proposta de ajuda a pessoas na tomada de decisões relativas ao seu futuro profissional, além de constituir fator crítico da formação para o trabalho, estabelecida como objetivo prioritário da educação nacional brasileira.

Essas constatações geraram preocupações específicas em relação à OP, em nosso País. *De que fatores decorrem as insuficiências apontadas? Dos modelos teóricos adotados por orientadores, de expectativas inconsistentes de orientandos ou de um desencontro entre os modelos de orientação profissional e as expectativas dos orientandos?*

Essas questões iniciais levaram a um campo fértil de pesquisa, ainda não suficientemente estudado, no qual desenvolveria os estudos de mestrado.

Para compreender a produção existente em torno da Orientação Profissional brasileira elegi como ponto de partida duas pesquisas, em especial. Selma Garrido Pimenta, em *Orientação profissional e decisão: um estudo crítico da situação no Brasil* (1979) e Celso João Ferretti, em *Uma nova proposta de orientação profissional* (1988). Os autores examinam a Orientação Vocacional¹ no

¹ As expressões *Orientação Vocacional* ou *Profissional* referem-se à expressão original em inglês, *vocational guidance*, que define uma ampla área de estudos relativos a um único processo nos indivíduos, incluindo desde as primeiras etapas da escolha de uma profissão até o planejamento de carreiras e o ajustamento profissional. Alguns autores brasileiros, como Pimenta, utilizam o termo *vocacional* quando se referem às primeiras escolhas e *profissional* ou *ocupacional* quando se referem a etapas posteriores, ligadas ao trabalho. Adotamos o termo abrangente *orientação profissional*, mais próximo do significado original, procurando distingui-lo do sentido que pode assumir em português, de chamamento interior, apelo para uma atividade. V. Maria Margarida M. J. Carvalho. *Orientação profissional em grupo: teoria e técnica*. SP: Psy, 1995, p. 44-45.

contexto da educação brasileira, fazendo um estudo crítico dos modelos teóricos vigentes. Ressaltam a insuficiência das abordagens psicológica e fenomenológica da questão, propondo uma discussão político-ideológica sobre o papel que a OP vem desempenhando no âmbito educacional e além dele. Sugerem um modelo de OP que enfoque as relações *educação-trabalho*, na estrutura socioeconômica vigente e as limitações que esta estrutura impõe sobre a liberdade pessoal de tomada de decisões profissionais.

A leitura desses trabalhos evidenciou um conflito teórico no trato da OP. A partir de então, a produção teórica encontra-se dividida em estudos com enfoque *psicológico*, voltado para os indivíduos, tratando a questão como um fenômeno individual, com o propósito de promover seu ajustamento à ordem social vigente ou com enfoque *crítico*, que trata o fenômeno como social, com o propósito de transformar a ordem social, considerada injusta e desfavorável à liberdade de opção das pessoas.

Esse dilema teórico reflete-se nas experiências práticas de OP, que adotam um modelo ou outro, de acordo com a percepção da questão pelo profissional e sua crença na eficácia de uma dada abordagem.

Tal impasse contribui também para a estagnação atual da OP verificada nas instituições de ensino. As discussões têm-se mantido em âmbito acadêmico, voltando-se para o estudo da educação para o trabalho com um objetivo maior de elaborar um projeto de educação nacional favorável às mudanças sociais desejadas para a Nação. A assistência aos planos de carreira dos estudantes tornou-se questão secundária.

Nas leituras constatou-se a ausência de referência às perspectivas de visão dos orientandos. Não há menções a respeito dos seus modos de percepção da questão, dos problemas e dificuldades que identificam, nas diversas etapas de sua vida acadêmica e profissional, de suas expectativas e necessidades em relação à OP para superarem hesitações, tomarem decisões esclarecidas e criteriosas, que fundamentem ações concretas diante de seu futuro trabalho.

Nos contatos diretos nota-se que as visões dos orientandos podem ser diferentes das dos profissionais, resultantes de experiências diversas. Podem

conter preocupações e expectativas que não correspondem aos objetivos propostos pela a OP, numa dada abordagem adotada. Assim, nem sempre a concorrência da OP, numa abordagem polarizada, seja psicológica ou socioeconômica contribui suficiente e satisfatoriamente para a superação das indefinições pessoais. Se assim ocorrer, a OP pode se tornar insuficiente, até inadequada, com resultados frustrantes para os envolvidos. O elevado índice de abandono de programas de OP em curso e a resistência de muitos orientandos para iniciar um programa são indicadores dessa ineficácia.

Se a orientação é conceituada, essencialmente, como uma relação de ajuda, parece que apenas um lado dessa relação tem sido discutido – a visão do orientador sobre a questão. Sua percepção do fenômeno e o modelo teórico correspondente que adota, determinam unilateralmente os objetivos estabelecidos por ele para a OP e os temas a serem explorados.

Ao profissional também deveria importar conhecer e considerar a perspectiva do orientando e suas preocupações, pois intervenções baseadas apenas nas teorias apresentam uma visão parcial e generalizada da questão, ignorando diferenças individuais e os fatores que as determinam. Como resultado, temos uma simplificação do que ocorre de fato. Um indicador dessa distorção simplificadora é dado por um programa de OP, baseado em qualquer modelo teórico, que pode ter pleno sucesso com um dado grupo, numa dada instituição e ser um fracasso total em outra situação.

Procurando descobrir como ajudar melhor quem procura orientação profissional, destacou-se da análise de indicadores de ineficácia uma problemática central: *há lacunas entre o que os profissionais acreditam ser necessário tratar na orientação profissional e o que os orientandos percebem no caso.*

Tais constatações indicaram a necessidade de estudos que confrontem os modelos existentes de OP com as expectativas e necessidades de orientandos, de modo a identificar um quadro referencial mais abrangente para a OP e indicadores para um modelo mais profícuo e satisfatório para os envolvidos.

Pretende-se, assim, com este estudo, contribuir para a busca de novas perspectivas para a OP, saídas para a superação dos impasses teóricos e a

estagnação em que se encontra em nossas escolas, concorrendo para a consecução dos fins a que a educação se propõe.

Pretende-se ainda que os estudantes, providos de instrumentos necessários e suficientes ao enfrentamento de suas hesitações pessoais tanto quanto das exigências do sistema, possam desenvolver visões esclarecidas, situadas, objetivos claros e planos concretos de ação, concorrendo para a diminuição dos índices de reopção acadêmica, para a persistência nos estudos e para a otimização do retorno dos investimentos pessoais e sociais na educação.

O escopo deste estudo é, pois, a busca de respostas às perguntas seguintes: (1) *Em que diferem as perspectivas de visão de orientadores e orientandos a propósito da escolha da profissão?* (2) *Como aproximá-las?* Responder a ambas significa sermos capazes de explicitar:

- a) os fatores determinantes da escolha da profissão privilegiados pelas diversas abordagens teóricas da OP;
- b) os fatores críticos, problemas ou dificuldades valorizados por orientandos, em relação às decisões profissionais e esclarecer suas expectativas em relação à OP para enfrentá-los;
- c) indicadores subsidiários ao planejamento de um processo de OP profícuo e satisfatório.

As principais fontes utilizadas para obtenção das informações necessárias ao estudo proposto foram as seguintes: (a) *fontes primárias*: estudos teóricos orientadores da OP; a OP nas leis 5692/71 e 9394/96; a sondagem de necessidades junto aos orientandos e (b) *fontes secundárias*: as obras de comentaristas e de revisão da OP.

O levantamento bibliográfico sobre a produção existente relativa ao tema orientação profissional foi realizado na biblioteca da UNICAMP e nas bases de dados informatizados (CD-rom) ALTAVISTA, ERIC, Psychological Abstracts, UNIBIBLI e ACERVUS, que acessam o acervo de outras grandes universidades do estado.

A revisão da literatura internacional apoiou-se especialmente nas obras de Samuel H. Osipow (1973), Charles A. Harkness (1976), Herman J. Peters e James C. Hansen (1977), John L. Holland (1973, 1991, 1992, 1996) e Donald E. Super e Martim Bohn Jr. (1980) bem como em artigos de revisão, que contribuíram para o esclarecimento do desenvolvimento recente da área, como os de Samuel H. Osipow (1990); Fred H. Borgen (1991); Judy Chartrand (1991) e Scott T. Meier (1991)

Nessa revisão constatou-se que a OP constitui objeto específico de estudos da *Psicologia Vocacional*, recebendo tratamento muito diferente do realizado atualmente no Brasil. Os modelos voltam-se para o indivíduo, enfatizando a análise e o desenvolvimento de fatores pessoais condicionantes das decisões profissionais.

A Psicologia Vocacional constitui área científica de impressionante e continuada vitalidade, com milhares de estudos, mais relacionados ao *aconselhamento* de carreira que à *orientação*² profissional. Superou conflitos paradigmáticos, notando-se convergência das abordagens em torno da crença na atividade humana através de processos cognitivos para a motivação, o planejamento e a implementação de carreiras. Nessa tarefa de prover as pessoas de instrumentos para desenvolverem projetos profissionais de carreira, a Psicologia Vocacional tem realizado progressos consistentes em torno dos problemas centrais enfocados e alcançado sucessos.

Sensível às transformações recentes verificadas nos processos de vida e trabalho das pessoas, a Psicologia Vocacional adotou uma visão ampliada do desenvolvimento de carreira, concebendo-o como um fenômeno que se estende ao longo da vida, incluindo as escolhas iniciais e transições posteriores previstas, beneficiando pessoas em todas as etapas de vida.

² *Orientação (guidance)* e *aconselhamento (counseling)* têm significados especiais na educação brasileira cf. GUIMARÃES, I.R.F. e PEREIRA, E.M.A. *Brazil*, in GIBSON-CLINE. J. *Adolescence from crisis to coping*. Oxford: Butterworth Heineman, 1996, p.62-63. A *orientação* designa um processo de assistência à instrução, através do encaminhamento de estudantes a cursos de formação profissional apropriados às suas características de personalidade, habilidades e interesses, consideradas as oportunidades educacionais existentes. O *aconselhamento* refere-se ao processo de ajudar as pessoas a ajustar-se a situações críticas da vida e é feito de modo personalizado, íntimo, com a assistência de psicólogos, em clínicas.

A Psicologia Vocacional sofreu pouca inovação teórica recente, concentrando-se, na década de 70, no desenvolvimento de instrumentos de medida; na de 80, no refinamento das avaliações empíricas; na de 90, na operacionalização de teorias, na expansão e clarificação de construtos, na sofisticação de programas de pesquisa e de amostras de populações.

As pesquisas recentes afunilam-se em problemas específicos, voltam-se para populações diversificadas, como mulheres e adultos em transição de carreira, e para minorias, como deficientes, negros, homossexuais, membros de outras culturas. Os resultados alcançados ampliam a generalização, validando teorias e procedimentos já consagrados.

A Psicologia Vocacional concentra-se atualmente no aprofundamento da discussão de dimensões complementares da questão, em torno de quatro grandes temas: (1) a teoria *de ajustamento pessoa-ambiente*, que trata de escolha e satisfação ocupacional fundadas numa tipologia de personalidade; (2) a teoria *do desenvolvimento de carreira*, que trata de desenvolvimento e maturidade vocacional enquanto implementação de autoconceito; (3) as teorias *decisionais*, que tratam da tomada de decisão e da indecisão; (4) as teorias de *auto-eficácia*, que tratam de comportamentos eficazes e *stress* no ajustamento profissional.

Em suma, a OP tem-se expandido, em âmbito internacional, tanto como área de estudos quanto de atuação, no âmbito educacional e além dele. Aborda o fenômeno por sua dimensão pessoal e trata dos fatores ambientais enquanto dados sobre características do mundo do trabalho e da educação.

A revisão da literatura brasileira, apoiou-se em obras de autores de referência da área, em especial Maria da Glória Pimentel e Áurea C. Sigrist, (1970); Selma Garrido Pimenta (1979); Celso João Ferretti (1988a, 1988b); Celso João Ferretti, Dagmar M. L. Zibas, Felícia R. Madeira e Maria Laura P. B. Franco (1994); Maria José Garcia Werebe (1994); Ana Mercês Bahia Bock e outros catorze autores (1995), além da LDB 5692/71 e da LDB 9394/96.

Essa revisão evidenciou diferenças marcantes das publicações nacionais em relação às internacionais, na história recente da OP no Brasil. Nela constata-se que a OP desenvolveu-se como parte importante da Orientação

Educacional, enquanto uma especialidade da Pedagogia, constituindo um serviço integrante da Educação e uma área específica de estudos, desde os anos 20.

Inicialmente importou modelos da Psicologia Vocacional, aplicando-os ao encaminhamento acadêmico profissionalizante sem grandes preocupações relativas às diferenças de contexto, tendo desempenhado funções *diagnóstica* e *preventiva*, nas primeiras décadas e, depois, *desenvolvimentista*.

A OP alcançou amplo sucesso nas escolas vocacionais modelo, nos anos 60, caracterizando-se por experiências de trabalho integrado da equipe técnica, com grupos de alunos, num enfoque desenvolvimentista de educação para a liberdade e para a realização pessoal. Essa breve experiência não se mostrou extensível à rede de ensino, tendo sido considerada elitista e inadmissível sob o regime político autoritário então vigente.

A OP estendeu-se, enquanto estudo e prática, nos anos 70, a partir da LDB 5692/71, que estabeleceu sua exigência, em todos os níveis de ensino, a partir da obrigatoriedade do ensino profissionalizante no 2º Grau.

Ganhou força, concomitantemente, como disciplina da Psicologia, num enfoque de *aconselhamento*, a partir de 1968, quando foi separada da *seleção ocupacional*, à qual se integrava antes.

Nos anos 80 e 90, o enfoque crítico³ abalou o sentido da própria função da OP, o que resultou em impasses teóricos e na sua estagnação no ensino público. A partir de então, as atenções dos orientadores educacionais desviaram-se da OP dos estudantes e voltaram-se para as relações *educação-trabalho*, visando à construção de um projeto nacional de educação. A OP não foi incluída na LDB 9394/96.

Os movimentos recentes em direção a uma maior abertura política incentivaram um processo de revisão da OP, em busca de novas perspectivas,

³ Duas teses constituem marcos do enfoque crítico à OP numa abordagem psicológica e defesa da abordagem socioeconômica: PIMENTA, Selma Garrido (PUCSP, 1978), *A decisão em orientação vocacional – caracterização do significado da orientação vocacional na educação brasileira, através da crítica aos enfoques da psicologia e da fenomenologia existencial* e FERRETTI, Celso João (PUCSP, 1987), *Trabalho e orientação profissional: um estudo sobre a inserção de trabalhadores da Grande São Paulo na PEA e sua trajetória ocupacional*. As teses foram publicadas pela editora Cortez, com outros títulos, já citados à p.9.

novos modelos teóricos e novas práticas. Nesse esforço destacam-se propostas de aproximação das perspectivas psicológica e crítica da OP, sob um enfoque *psicossocial*, que reconsidera a importância do papel da pessoa, de sua capacidade para tomar decisões e de se auto-direcionar, mediante consciência dos limites e possibilidades próprias e do meio em que vive.

Em suma, a OP, no Brasil, apresenta uma diversidade marcante de enfoques, em busca de novas perspectivas de reflexão e de atuação, em vista da superação do quase imobilismo em que atualmente se encontra, apontando para a necessidade de uma abordagem multidimensional como saída desejável.

Os objetivos deste estudo sugeriram uma pesquisa de natureza empírica e exploratória, o que implicou uma caminhada rica em desenvolvimentos. A descrição do método de investigação adotado pode contribuir, neste momento, para a compreensão dos resultados alcançados.

Primeiro foi iniciada a coleta de informações sobre o tema *orientação profissional*. Tal levantamento indicou grande abundância de estudos acerca do tema, sob os mais diversos enfoques, bem como de temas relacionados ao contexto da OP.

Na seleção de fontes de dados, a maior dificuldade enfrentada refere-se à sua amplitude e diversificação em relação aos modelos teóricos e à ausência de estudos sobre as perspectivas de orientandos.

A busca de dados sobre a OP em âmbito internacional revelou centenas e milhares de publicações que relacionam *career counseling* com *career guidance*, pulverizando o tema em estudos analíticos muito específicos. Um termo remete a outro, num processo quase infinito de relações, relacionando inúmeros estudos entre si⁴, o que estende o interesse e dificulta a delimitação de seu trato.

⁴ A abundância de estudos (indicada nos parênteses) pode ser ilustrada por alguns termos-chave localizados no ERIC: *academic-advising* (304), *adjustment-to-environment* (796), *career-choice* (1134), *career-counseling* (816), *career-development* (1145), *career-guidance* (421), *career-planning* (580), *changers* (29), *college-student-persistence* (10), *congruence-psychology* (169), *coping* (1797), *education-work-relationship* (2578), *occupational-aspiration* (249), *stability-and-change* (152), *student-persistence* (93), *undecided-studentes* (17), *vocational-adjustment* (161), *vocational-choice* (19), *vocational-evaluation* (172), *vocational-maturity* (74), *person-environment fit* (25), *educational-change* (9580), *freshmen* (1248), *student-adjustment* (578).

Depois disso, na fase de delimitação do objeto de estudo e de elaboração do projeto de pesquisa, uma primeira tentativa de organização de dados sobre a OP e sobre os orientandos mostrou-se ainda insuficientemente delimitada devido à extensão do objeto de pesquisa, que não permitia seu devido aprofundamento. Os modelos de OP multiplicam-se em muitas teorias analisáveis sob diversos critérios. Os orientandos multiplicam-se em diversos grupos, com características e necessidades orientativas peculiares a cada um: estudantes de todos os níveis de ensino, profissionais, aposentados, mulheres adultas e outros.

Numa segunda tentativa restringiu-se o objeto de estudo às diferenças detectadas entre as perspectivas de visão dos profissionais e dos orientandos. O estudo das perspectivas dos profissionais foi restrito às abordagens psicológica e não-psicológica da OP, por ser o critério mais utilizado em estudos nacionais e mais esclarecedor para os objetivos visados. O estudo da perspectiva dos orientandos foi restrito à população de estudantes de curso pré-vestibular de Campinas, por representar um grupo típico de orientandos e por sua fecundidade em termos psicológicos, socioeconômicos e político-educacionais.

Encontramo-nos em período de novas transições no âmbito do trabalho e da sociedade, com fortes influências sobre a educação, que requerem novas reflexões.

Nos últimos anos, os exames vestibulares vêm sendo gradualmente substituídos por processos seletivos realizados a partir de critérios mais flexíveis, procurando democratizar o acesso aos cursos de nível superior. Como parte desse movimento, vêm sendo implantados, consolidados e encontram-se em expansão os “cursinhos sociais”⁵.

Os estudantes encontram nos cursinhos sociais uma esperança de ascensão profissional e social, através de uma formação em nível superior. No entanto, para uma parcela significativa delas, essa aspiração não é direcionada a

⁵ *Cursinhos* são instituições de ensino desvinculadas do sistema formal, que preparam candidatos para o ingresso no ensino superior. São ditos sociais porque preocupados com um atendimento especialmente direcionado a pessoas de origem menos favorecida. Em 2000 já são oito os cursinhos *sociais* de Campinas. Destacam-se a *Cooperativa Escolar Curso Pré-Vestibular DCE-Unicamp* e o *Curso Pré-Vestibular do Sindicato dos Funcionários Públicos de Campinas*, que atendem, juntos, em 2000, a cerca de 2000 estudantes da região.

nenhuma área específica de conhecimento ou de atuação. A crença no investimento em um futuro melhor é afetada também pela ameaça de desemprego, resultante das transformações em curso na organização do trabalho.

Nesses *cursinhos*, a questão da escolha da profissão torna-se aguda e impostergável, pois a inscrição para o processo seletivo para o ensino superior requer a especificação da carreira desejada. Neles, mais da metade dos estudantes candidatam-se ao processo de OP que lhes é oferecido, declarando-se indecisos quanto à escolha de carreira a seguir ou inseguros quanto à opção já feita. Os professores acreditam que dois terços dos alunos estejam indefinidos.

Essa delimitação do problema e dos objetivos do estudo orientou a coleta de informações sobre as origens e a evolução da OP, seus modelos, sua história recente, situação atual e tendências, em âmbito nacional e internacional, nas obras de comentaristas reconhecidos, de autores consagrados na área e nas bases informatizadas que acessam o acervo de pesquisas recentes.

A caracterização do contexto do desenvolvimento da orientação para o trabalho ao longo dos tempos, e da importância do trabalho na vida das pessoas é apenas indicada aqui e ali, nos estudos da OP, em torno de algum argumento específico, o que fez estender a investigação a outras áreas de conhecimento em que a OP se apoia, como a Filosofia, a História, a Sociologia Industrial, a Economia, a Psicologia Social, em busca de informações mais consistentes para um esboço dessas questões.

Paralelamente, realizou-se a coleta de dados sobre a percepção de vestibulandos sobre a OP, em *cursinhos sociais* de Campinas.

No âmbito das prioridades e disponibilidades de vestibulandos, num curso pré-vestibular, a coleta foi realizada em *oficinas de OP*⁶, que consistiram em um único encontro com grupos de 20 inscritos, com cerca de três horas de

⁶ Chamamos aos encontros de *oficinas* com o intuito de distingui-los de *palestras, aulas ou testes*. Neles, a proposta não é de fazer uma preleção, mas de tematizar a questão da escolha da profissão para que cada pessoa possa organizar suas idéias, preocupações e expectativas, de modo mais consistente, e expressá-las num depoimento escrito, para que estes fossem consideradas no planejamento de um programa subsequente de orientação e informação profissional, realizado como um processo, ao longo do ano letivo.

duração, com a proposta de discutirem suas idéias em torno do tema *Projeto pessoal de vida & trabalho: uma introdução à orientação profissional*.

Foram realizadas dezenas de oficinas, em condições muito diferentes umas das outras e com grupos que apresentaram diferenças marcantes entre si. Dentre eles, elegeu-se para o estudo um único grupo, o primeiro que entregou depoimentos escritos sobre a experiência vivida.

Esse primeiro mapeamento de informações possibilitou uma segunda etapa da pesquisa, concentrada na análise da visão dos orientandos, em busca do que seu discurso revelava.

A análise realizada visou a identificar as categorias temáticas abordadas quanto a dois aspectos principais: suas considerações em relação à escolha da profissão e suas expectativas em relação à orientação profissional.

A interpretação final dos dados analisados procurou destacar os principais resultados alcançados, em termos de respostas para as perguntas relativas às diferenças de perspectiva de orientadores e orientandos a propósito da escolha da profissão e da orientação profissional. Procurou-se identificar possíveis generalizações, a partir da análise comparativa entre os modelos teóricos da OP e os interesses dos orientandos, para a partir delas proporem-se sugestões cabíveis para resolução de problemas.

Os principais aspectos enfocados na discussão final foram as implicações desses resultados para um modelo de OP, em termos de uma abordagem compreensiva do fenômeno, das dimensões da questão a serem abordadas, da consideração da visão dos orientandos sobre os problemas envolvidos, suas expectativas e os objetivos visados por eles, da extensão necessária do processo de OP, do ajuste dos programas às diferenças apresentadas por grupos diversos e de sua inserção no currículo das instituições de ensino, onde poderiam mais propriamente ser realizados, beneficiando a todos.

A exposição do texto segue basicamente a mesma sequência da investigação, em que os principais aspectos da análise foram ordenados e

selecionados, em função da pergunta central e das suposições que nortearam a pesquisa. Foi organizada em dois capítulos e uma conclusão.

O primeiro Capítulo analisa aspectos do conceito do *trabalho*, e de sua evolução, enquanto dimensão importante da existência humana e razão de ser da OP. Explora concepções e aspectos característicos da *orientação para o trabalho*, suas transformações históricas e situação atual, suas relações com a concepção de mundo e a organização da sociedade, do trabalho e da educação, os significados que apresentam para as pessoas, procurando situar as mudanças que enfrentamos na atualidade, enquanto fatores a serem considerados em função de suas relações com a educação para o trabalho e a OP.

A partir desse esboço sobre *trabalho*, o primeiro Capítulo trata da perspectiva dos orientadores, revendo as teorias que procuram explicar a escolha da profissão e fundamentar a orientação profissional vigente, em suas abordagens psicológica, não-psicológica e crítica. Essa revisão procura demonstrar a amplitude e complexidade do fenômeno *escolha da profissão* e a insuficiência de seu trato pela OP em abordagens parciais. Tal insuficiência sugere a necessidade de uma abordagem multidimensional, a partir de uma visão abrangente de vida e trabalho, para que orientadores e orientandos possam situar-se e aprofundar o exame de dimensões específicas de interesse imediato, sem que se restrinjam a elas, e possam considerá-las num quadro maior do confronto entre seus desejos e as possibilidades reais de concretização, no curso da carreira e da vida, concebidos como processos dinâmicos, resultantes das relações entre os indivíduos e a sociedade.

O segundo Capítulo trata da investigação da perspectiva de visão dos orientandos. Inclui os registros das avaliações da experiência vivida na oficina, contendo a indicação das dimensões percebidas e consideradas relevantes pelos participantes. A análise do conteúdo desses registros permitiu compreender os significados da escolha da carreira para esses orientandos, suas expectativas e necessidades em relação à OP. O resultado foi confrontado com os modelos teóricos da OP, procurando destacar dimensões da questão a serem tratadas e apontar condições propícias para fazê-lo.

Os dados resultantes dessa análise possibilitaram algumas generalizações sobre a visão dos vestibulandos, e um confronto destas com as visões teóricas, como base para a identificação da necessidade de elaboração de um modelo multidimensional de orientação profissional que inclua os diversos temas de interesse, como explicitado nesse capítulo.

Por fim, nas conclusões, são retomados alguns aspectos do caminho de investigação e apresentados os resultados mais relevantes da pesquisa sobre as perspectivas de orientadores e orientandos a propósito da escolha de carreira e do papel da orientação profissional, fornecendo referenciais para mudanças no modo de pensar a questão e no planejamento de intervenções mais eficazes.

CAPÍTULO 1º - REVISÃO TEÓRICA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS

*“Sem trabalho, toda vida apodrece,
mas sob um trabalho sem alma, a vida sufoca e morre.” Camus*

O objetivo deste capítulo é explicitar os fundamentos teóricos da OP.

Tradicionalmente a escolha da profissão tem sido tratada no âmbito da Psicologia Vocacional, como um fenômeno *individual*, privilegiando explicações em seus determinantes *psicológicos*. Mais recentemente, numa crítica a essa abordagem psicológica e à própria função da OP, novas correntes voltaram sua atenção para os determinantes *socioeconômicos* do *contexto* das relações *educação-trabalho* em que ocorre a escolha da profissão. Esta passa a ser entendida, então, como um fenômeno *social*.

Esses dois modelos teóricos têm contribuições importantes para o estudo da OP, mas uma abordagem unilateral do fenômeno, quer psicológica ou socioeconômica, torna-se insuficiente, por ser parcial, e inadequada para a compreensão plena da questão da escolha da profissão. A OP requer novos modelos, adequados às transformações constantes verificadas atualmente nos modos de organização do trabalho, que implicam novos modos de vida, novas necessidades e modelos de educação.

O capítulo trata, portanto, das abordagens teóricas da OP, relacionadas ao contexto em que se desenvolveram e da necessidade de uma abordagem abrangente da questão da escolha da profissão, suficiente e eficaz, que supere os limites apontados nas abordagens existentes, favorecendo sua reativação nas instituições de ensino.

1.1 - Conceitos e objetivos da Orientação Profissional

Orientação é um termo genérico e abrangente, empregado para designar o apoio, a ajuda prestada a pessoas para ajustes a situações de vida.

Orientação educacional é a orientação realizada no âmbito escolar, como parte integrante ou complementar do processo educacional. É concebida como uma assistência abrangente ao educando, que visa compreendê-lo e assisti-lo em sua formação, em vista do desempenho de papéis fundamentais como ser humano consciente e de cidadão participante. É subdividida em áreas específicas segundo objetos diferentes, como a orientação profissional, a orientação para os estudos, para a sexualidade, para as relações interpessoais, para o consumo, podendo vir a estender-se conforme sejam identificadas novas necessidades dos estudantes para sua integração e ajustamento à vida na sociedade onde vivem.

A *orientação profissional* refere-se ao processo de assistência às pessoas para a escolha da profissão e a exploração de carreira. Seu conceito e objetivo têm evoluído significativamente, ao longo da história da OP neste século, estendendo-se desde a assistência para uma escolha vocacional, num dado momento da vida, até a idéia de implementação de um autoconceito, e do desenvolvimento de uma carreira, ao longo da vida, incluindo suas transições, adaptação e satisfação.

Para Sinoir (1952), “o objetivo da orientação profissional é de colocar o jovem, quando chegar para ele o momento de decidir pela escolha de uma ocupação, diante de dados sobre suas aptidões e as exigências dessa ocupação, das quais necessita para tomar uma decisão razoável”⁷. Crites (1969) define o papel da orientação vocacional como o de “ajudar o indivíduo a decidir por uma ocupação e adaptar-se a ela”⁸. Super (1980) descreve a orientação vocacional como “um meio de auxiliar os indivíduos a desenvolverem seu autoconhecimento e a fazerem escolhas e ajustamentos ocupacionais em busca de auto-desenvolvimento e de auto-realização na sociedade”⁹.

Sinoir, Crites e Super representam os modelos de OP num enfoque psicológico. Ferretti (1988) adota uma outra perspectiva, não-psicológica, enfatizando a importância dos fatores sócio-econômicos implicados na questão. Sugere que a orientação profissional “se proponha criar condições para que a

⁷ SINOIR, G. *L'orientation professionnelle*. 2ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1952, p.2.

⁸ CRITES, J.O. *Psicologia Vocacional*. B. Aires: Paidós, 1974, p.36.

⁹ SUPER, D.E.; BOHN Jr, M. *Psicologia ocupacional*. SP: Atlas, 1908, p. 203.

pessoa a ela submetida reflita sobre o processo e o ato da escolha profissional bem como sobre o ingresso em uma atividade profissional e no seu exercício, no contexto mais geral da sociedade onde tais ações se processam”¹⁰.

Os conceitos apresentados revelam a ausência de um conceito unívoco de orientação profissional e de seus objetivos. Demonstram o quanto tem se modificado nos tempos. Os exemplos ilustram que os modelos de OP podem referir-se a diversas etapas da vida, quer à escolha da futura profissão, quer à implementação da carreira, destacando fatores pessoais ou sociais da questão, caracterizando duas grandes abordagens, uma psicológica e outra não-psicológica.

1.2– A orientação para o trabalho na história

A orientação profissional trata, na essência, da escolha e do preparo para um *tipo* de trabalho. É necessário, portanto, explorar um pouco este conceito de trabalho, procurando esclarecer os significados a ele atribuídos, sua organização na sociedade, a importância de que se reveste, as dificuldades que as pessoas enfrentam para tomar decisões ocupacionais e o grau de liberdade que têm para fazê-lo, em vista de sua realização enquanto ser humano pessoa e função, sua integração social e econômica, pois essas concepções mantêm relações com a educação e os modelos de OP.

A noção de trabalho assumiu importância central na sociedade contemporânea. É entendido como elemento de afirmação do ser humano, fonte de recursos econômicos para atendimento às necessidades materiais e constitui um dever social tanto quanto um direito inerente à própria definição de cidadão. Nesses termos sintéticos, essas noções correspondem aos fins da educação nacional: “*o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*”¹¹ Cabe esclarecer um pouco mais.

¹⁰ FERRETTI, C.J. *Uma nova proposta de orientação profissional*. SP: Cortez, 1988, p.45.

¹¹ LDB 9394/96, art. 2º – *Dos princípios e fins da educação*.

Dada sua importância, o trabalho passou a constituir objeto de estudo das diferentes áreas humanas de conhecimento, como a Economia, a Sociologia, a História, a Psicologia, a Filosofia, a Educação, que procuram explicá-lo referindo-se às variadas condições de sua eficiência, tanto materiais, quanto físicas, psicológicas, intelectuais, morais e educacionais. Essas ciências abordam grande variedade de dimensões do trabalho, complementares e necessárias à sua compreensão, não redutível a um denominador comum.

A noção de trabalho sob o ponto de vista metafísico é estudada pela Filosofia. Uma concepção destaca o caráter humanizador do trabalho. A consideração do trabalho como comportamento fundamental do ser humano está ligada ao processo de humanização não só do mundo em torno, mas do próprio homem, que nele aperfeiçoa suas qualidades de ser inteligente, ser social, ser emocional, ser político. Nesse sentido, o trabalho, como característica essencial do homem, torna possível o mundo humano¹².

Ruyer¹³ atribui um caráter existencial à noção de trabalho, identificando-o com liberdade, derivada da necessidade de eleição contínua de meios, com vistas ao fim proposto. Não é uma condenação do homem, mas sua salvação da angústia. Ruyer, entende o trabalho como um comportamento racional, dominado pela consciência. Ao se direcionar a um determinado fim, a reflexão sobre o trabalho envolve a pergunta sobre seu sentido, ou seja, em que medida mantém relações com a razão de ser do homem, como os fins que busca na vida, ou seja, em que medida contribui para sua realização. Perfeito, então, é o trabalho orientado por valores, que lhe dão sentido. Esse sentido produz um efeito na consciência, torna a atividade válida, constitui um estímulo, infunde coragem, segurança e esperança.

Quando a aceleração da industrialização implicou problemas socioeconômicos e humanos, colocando o trabalho no centro das preocupações

¹² VUILLEMIN, Jules. *L'être et le travail: les conditions dialectiques de la psychologie et de la sociologie*, 1949 - em MORA, José Ferrater. *Diccionario de filosofia*. Tomo II, B.Aires: Sudamericana, 1969, verbete TRABAJO, p. 819-822.

¹³ RUYER, Raymond. *Métaphysique du travail*. *Revue de la Métaphysique et de la Morale*, LIII, 1948, 26-54, 190-215 – em MORA, F. op cit.

contemporâneas, alguns teólogos se propuseram a elaborar uma *teologia do trabalho*. Chenu¹⁴ procura entender a situação do homem como trabalhador dentro da economia do universo e do plano divino. Sua teologia contemporânea do trabalho apresenta o homem como um artífice que, à imagem de Deus, realiza uma obra. O homem é um colaborador da criação e pode encontrar espiritualidade no trabalho, na descoberta, na exploração, na espiritualização da Natureza.

Algumas correntes teológicas pregam a conquista da riqueza como caminho para a salvação, outras apresentam o trabalho com castigo divino e tratam como desprezível o esforço para conquistar riquezas materiais. Essas idéias influenciam o sentido assumido pelo trabalho.

Em sua expressão econômica, o trabalho é tratado como uma questão socioeconômica que inclui o problema da sobrevivência material. É ação de transformação da natureza pelo homem, para servir-se dela. Surge da ilimitação de necessidades e da limitação de bens, conduzindo ao conceito de administração destes, e introduzindo a questão de sua distribuição. Seu propósito é econômico: a satisfação de necessidades materiais humanas.

O trabalho constitui uma atividade ordenada do humano, conduzida por um projeto, que antecipa a ação do homem pelo pensamento e engaja forças físicas, intelectuais, psicológicas e morais. Este raciocínio conduz à idéia de divisão e de distribuição do trabalho e de seu produto, e dela são derivadas as questões das funções especializadas, do emprego, da distribuição de riqueza.

A Economia preocupa-se com a *rentabilidade* do trabalho. A produtividade ótima da sua realização depende de *condições subjetivas* relacionadas a aptidões psico-fisiológicas, educação e cultura, de *condições objetivas* relativas à racionalidade dos processos de trabalho, ligada a estudos sobre tempos e movimentos, equipamentos, tecnologia, condições de salubridade, limites de fadiga, etc. e de *condições materiais*, ligadas aos meios de produção, bem como ao salário, que tem caráter tanto objetivo como subjetivo.

¹⁴ CHENU, M. D. *Pour une théologie du travail*, 1955 – em MORA, F. op. cit.

Schreker¹⁵ encontra no trabalho o fundamento da mudança histórica, enquanto alteração infinitesimal cuja integração produz a mudança contínua em todas as áreas da civilização. Nesse sentido, a história não é uma sucessão de grandes acontecimentos com impactos estruturais, mas o conjunto de mudanças produzidas pelas ações humanas.

Segundo o Materialismo Histórico, ao contrário, o papel isolado do indivíduo nas mudanças históricas não é importante. A luta entre as classes sociais existentes levará à uma sociedade sem classes, à superação dos problemas humanos.

As relações entre indivíduo e sociedade são analisadas pela Sociologia, procurando explicar os traços característicos de diferentes tipos de sociedade. Na época moderna, o trabalho adquire importância central como função determinante do valor econômico dos bens e adquire valorizações morais, tais como cumprimento de dever social, direito do cidadão, esforço, etc. A Sociologia, portanto, trata o trabalho, principalmente o industrial, produtivo, como uma função social realizada pelo indivíduo, voltada para o atendimento às necessidades e interesses sociais. Nesse sentido, despreza a capacidade individual de afirmação através do trabalho, considerando-o alienante nas condições atuais.

A adaptação individual ao trabalho é tratada pela Psicologia, que analisa as características dos indivíduos e das exigências das funções laborais, em vista de harmonizá-las, para a seleção de trabalhadores, sua distribuição e ajustamento, relacionado à motivação e à satisfação pessoal no trabalho.

Depreende-se desses conceitos que a natureza, as características e as concepções de trabalho são históricas e mutáveis, pois dependem do modo como concebemos a existência humana e a organizamos em sociedade.

Os estudos de OP apresentam uma ampla variedade de abordagens do trabalho humano, mencionando, como introdução, um ou outro dos aspectos que o tornam importante para as pessoas ou para a sociedade.

¹⁵ SCHREKER, Paul. *Work and History*, 1948 – em MORA, F., op cit.

Bolles¹⁶, procura relacionar os sentidos pessoais e sociais do trabalho. Afirma que o conceito de trabalho tem sido restrito a atividades produtivas, sinônimas de profissão qualificada e emprego remunerado, contrapondo-se a atividades como educação e lazer. Nessa concepção, a produção de bens torna-se um fim em si mesma, afastando-se de seus propósitos humanizadores. Para o autor, a vida moderna é concebida em compartimentos estanques: *educação* na infância, *trabalho* na maturidade e *lazer* depois dela. Propõe a integração dos três processos ao longo da vida, incluindo-os todos na noção de trabalho, para que este reassuma seu pleno significado na existência.

As formas de realização do trabalho são variadas, recebendo designações variadas. É chamado de *profissão* quando ligado a uma formação profissional específica; de *ocupação*, quando desvinculado dessa formação. Pode ser ligado a um emprego ou a uma remuneração financeira.

As classificações dos tipos de trabalho são as mais simples: trabalho intelectual e trabalho manual, trabalho produtivo e trabalho distributivo.

A consideração dessas diversas dimensões do trabalho humano, suas relações entre si e com outras esferas da existência torna-se importante para a OP, pois, ao esclarecê-las, contribui para a compreensão da questão em seus componentes característicos, favorecendo ao orientando situar-se, aumentando sua segurança diante de decisões a tomar. Ao contrário, a omissão do tema ou seu trato parcial resultam em inconsistência e insegurança.

As características das transformações do trabalho na história possibilitam uma melhor compreensão das questões que se apresentam atualmente, bem como a discussão de suas formas de superação.

1.2.1 - A orientação para o trabalho na sociedade antiga e medieval: a era agrícola

Seria impróprio falar de orientação profissional antes deste século, pois embora o *trabalho*, como o concebemos hoje, enquanto atividade humana,

¹⁶ Sobre as relações entre educação, trabalho e lazer, v. BOLLES, R.N. *The three boxes of life and how to get out of them: an introduction to life/work planning*. Berkeley: Ten Speed Press, 1978.

pareça ser uma questão que implica a todos, em todos os tempos, as *profissões*, enquanto áreas de atividades especializadas cujo desempenho requer preparo adequado, surgiram recentemente na história, frutos da era Moderna, da Revolução Industrial, da divisão técnica e social do trabalho.

A idéia de *liberdade de escolha*, a que corresponde a idéia de *orientação para a escolha*, também é relativamente recente, fruto do mesmo processo histórico que originou as profissões.

Até a Idade Moderna, numa era agrícola, uma idéia próxima da de trabalho restringia-se às atividades físicas, manuais, relacionadas ao atendimento de necessidades de sobrevivência, fisiológicas, como moradia, vestuário, alimentação. Essas atividades eram realizadas por escravos e servos, tidos como instrumentos, uma parte da propriedade onde trabalhavam, sendo por isso menosprezadas, subordinadas às atividades contemplativas, que as orientavam. As atividades artísticas e intelectuais eram consideradas superiores, dignas dos homens livres, dos cidadãos e eram direcionadas ao seu próprio desenvolvimento; não sendo consideradas trabalho.

Compreende-se, então, que os antigos hebreus, gregos e romanos referiam-se às atividades de trabalho como uma forma de escravidão, uma maldição, uma atividade vulgar. Para os cristãos, é um castigo de Deus a uma desobediência, à conquista da consciência; para os católicos, trabalhar visando lucro e riqueza é pecado. Um certo desprezo pelas atividades manuais conserva-se na sociedade contemporânea.

Tais noções são coerentes com a concepção de mundo e de ordem social predominantes então, enquanto uma ordem pré-estabelecida, que não deveria ser alterada. A riqueza provinha da posse da terra e deveria ser mantida nas mãos de seus proprietários, conservando-se hereditariamente a posição e as atividades da cada classe social. Essa tradição de transmissão hereditária de atividade e posição social ainda permanece entre famílias de fazendeiros e militares, estendendo-se a alguns profissionais liberais.

Até a Idade Moderna, portanto, a atividade e o nível social eram determinados primeiramente pelo nascimento. As atividades dos trabalhadores

eram transmitidas pelos pais aos filhos, através do próprio trabalho. A educação formal era destinada apenas às elites, aos homens livres, visando ao seu desenvolvimento físico, intelectual e estético, para sua plena realização na vida.

Em certa medida, um resíduo dessas características antigas tem sido conservado, como apontado na crítica ao modelo de ensino profissionalizante para filhos de trabalhadores e educação acadêmica para os filhos de ricos. Contra elas procura-se desenvolver um projeto de educação que democratize as oportunidades de educação, trabalho e ascensão social para todos, independentemente de sua classe de origem.

Foram registrados ao longo da história alguns esforços mais sistemáticos para orientar pessoas, com o propósito do melhor aproveitamento dos talentos individuais em benefício da sociedade. Seguem dois exemplos ilustrativos de uma mesma idéia, manifestas em épocas bem distantes.

Na Antiguidade clássica, Platão propôs um sistema de educação com o objetivo de encontrar a melhor atividade que caberia a cada um desempenhar para o bem de toda a sociedade, de acordo com a capacidade de cada pessoa para progredir na escada educacional. Os mais capazes intelectualmente deveriam dirigir a sociedade; os outros deveriam seguir suas orientações e desempenhar funções socialmente necessárias, que solicitassem apenas habilidades manuais. O professor, representando os interesses da sociedade, decidiria quem deveria continuar os estudos, a cada nível.

No século IX, Carlos Magno concebeu um plano para o melhor aproveitamento dos talentos, que consistia num processo de seleção vocacional segundo o qual os talentosos deveriam ser identificados para dirigir e os menos talentosos para obedecer. Os padres foram incumbidos de selecionar e instruir os jovens nas escolas paroquiais, a serviço do Império.

Na essência, esses planos são pouco distintos. Retratam posições idealistas que perduram na atualidade, mantendo concepções de mundo e de sociedade como sistemas fechados e com leis imutáveis que regulam seu funcionamento; verdades pré-existentes a serem desvendadas através da lógica, da observação objetiva.

Tais concepções não se mostram adequadas à dinâmica da vida contemporânea, mas revelam uma característica predominante na OP: a orientação visa o indivíduo, procurando identificar para ele um trabalho adequado às suas capacidades, com vistas à sua integração produtiva à sociedade, à sua eficiência social, atendendo, dessa forma, também aos interesses sociais. Infere-se, dessa constatação, que a OP tem como objeto a relação indivíduo-sociedade, na qual os interesses individuais subordinam-se aos interesses coletivos.

1.2.2 – A orientação para o trabalho na sociedade moderna

- *A era industrial, a profissão e o emprego*

Segundo Saviani¹⁷, a novos modos de vida correspondem novos modos de trabalho e de educação.

Um novo humanismo foi desenvolvido na sociedade moderna, caracterizado pelo reconhecimento da singularidade e capacidade do indivíduo, tornando cada um o centro de seu próprio mundo e membro de uma sociedade humana. O homem passou a reconhecer seu poder e a afirmar sua autonomia perante Deus. A natureza é concebida como um dado imediato que desafia o homem para que a conheça e transforme. A liberdade pessoal tornou-se o bem supremo, em vista da plena realização do homem. A visão de destino individual foi alterada, em termos de alcançar a felicidade nesta vida. Essas concepções foram aplicadas à política e à economia, formando as bases para a Revolução Industrial e para a organização da sociedade contemporânea.

A atitude moderna em relação ao trabalho evoluiu devagar. A escravidão foi gradualmente sendo substituída pelo trabalho servil, a burguesia ascendeu como uma nova classe social livre do trabalho na terra. A concepção

¹⁷ O autor faz uma análise crítica das transformações da sociedade, do trabalho e da educação na introdução de SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. 2^a.ed. SP: Autores Associados, 1977 e no artigo *O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias*, em FERRETTI, C.J. et al. (org.) *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 5^a ed. SP: RJ: Vozes, 1994.

estática de mundo e de ordem social foi renovada e, com ela, as concepções de trabalho e de educação.

Uma nova ordem social e econômica é fundada na objetividade racional; da produtividade do trabalho resulta a força econômica da sociedade. A riqueza passa a provir também do comércio e possibilita a ascensão social através de valores econômicos. A ética protestante valoriza a riqueza conquistada, como via para a salvação, possibilitando a busca do lucro. O capitalismo torna-se o modo predominante de atendimento às necessidades humanas.

O conceito de trabalho sofreu fortes alterações, assumindo novos papéis e recebendo importância crescente. Foi estendido a qualquer atividade manual, artística ou intelectual, tornando-se o centro dos valores da burguesia, o fator básico da integração e da posição do homem à sociedade. Passou a ser concebido como mais do que um modo para ganhar a vida, tornando-se significativo para conquistar realização pessoal e reconhecimento social. A posição de uma pessoa na sociedade, o estilo de vida que leva, o bem-estar que desfruta, em boa parte passam a depender da natureza e das condições de seu trabalho. As pessoas passaram a definir-se e a respeitar-se pelo que fazem.

Essas posturas geraram ativo progresso científico e tecnológico, favorecendo a Revolução Industrial. No início deste século, com a aplicação das Ciências Química e Elétrica, a indústria transferiu-se para as cidades. As oportunidades de emprego industrial atraíram as pessoas para as regiões urbanas e a indústria passou a absorver um significativo percentual da população. As pessoas passaram a organizar suas vidas em torno de um emprego estável. O trabalho foi sendo gradualmente confundido com emprego, que foi, inicialmente, uma forma predominante de condição de trabalho da sociedade industrial, sob a economia de mercado capitalista.

A urbanização da indústria gerou necessidades novas, em escalas antes desconhecidas. A indústria, visando à rentabilidade do trabalho, passou a preocupar-se com a divisão do trabalho em áreas especializadas, em operações simples e com a seleção e treinamento de massas de trabalhadores para desempenho de funções especializadas. As profissões foram valorizadas

diferenciadamente, conforme o nível de conhecimento requerido e a área econômica de atuação.

Na era industrial, a vida urbana, baseada em relações formais, exigiu a generalização das escolas para formar pessoas bem educadas, civilizadas, produtivas, aplicadas ao progresso e ao desenvolvimento. A educação redirecionou-se, diante dessas novas necessidades; passou a englobar as ciências e as artes, tornadas fundamentais para o progresso tecnológico; procurou estender o ensino a todos e organizar um ensino profissionalizante para a melhor qualificação especializada dos trabalhadores. Preocupou-se com a orientação de jovens para ocupações apropriadas. Os professores não estavam preparados para enfrentar essas novas situações.

Todos esses fatores (divisão do trabalho, especialização de funções, despreparo dos professores, etc.) contribuíram para a instituição da OP, no início do século, com o objetivo de encaminhar os jovens para a qualificação para o trabalho industrial, em vista de seu ajustamento produtivo à sociedade.

- *A era pós-industrial e o desemprego*

A tendência do trabalho contemporâneo é marcada por profundas transformações, que afetam nossos modelos mais estáveis para compreendê-lo.

Ao longo da história, menos da metade da população economicamente ativa atuava no setor formal da economia, como as corporações de ofício; os demais trabalhavam informalmente, sem vínculos com empregadores (Gama, 1986).

Inicialmente a indústria empregou, efetivamente, uma parcela significativa de trabalhadores, alentando a esperança de pleno emprego. Nas últimas décadas, entretanto, o processo encontra-se em reversão, exigindo uma revisão dos modos de ajustamento à vida em sociedade, do trabalho e, conseqüentemente, da educação para o trabalho.

O desenvolvimento científico e tecnológico ininterrupto tem gerado transformações rápidas no mundo e na vida das pessoas. A economia baseia-se

na produção mecanizada, na rentabilidade da alta produtividade, nas leis de mercado globalizado e altamente competitivo. A alta tecnologia requisita mão-de-obra qualificada, crescente elevação da escolaridade do trabalhador e sua requalificação, pois o progresso constante desqualifica rapidamente os trabalhadores, o que exige novos ajustamentos da educação.

A era tecnológica gerou ilhas de excelência que requerem conhecimentos diferenciados e constantemente renovados, mas de poucas pessoas. Sua característica é produzir mais com o emprego de menos pessoas, resultando no desemprego estrutural. O conhecimento tornou-se questão de poder. O domínio de conhecimento científico e tecnológico especializado e atualizado tornou-se condição para o trabalho com alta tecnologia.

Segundo Harkness (1976), o ajustamento pessoal ao trabalho na era tecnológica é complicado, por ser pouco observável. O trabalho agrícola e industrial são diretamente observáveis, enquanto, tarefas, processos e resultados. Muitas pessoas não têm idéia do tipo de trabalho realizado por outras, atualmente, porque há pouco de substantivo a ser visto, enquanto processo; os conceitos devem ser compreendidos através de processo intelectual.

A maioria dos postos atuais de trabalho encontra-se fora da produção industrial, no setor terciário da economia; são menos valorizadas, requerem mais de relacionamento humano que de conhecimento científico e tecnológico especializados.

As transformações da sociedade e da complexidade da organização do trabalho nas empresas, a tendência ao desemprego e à terceirização do mercado de trabalho, têm impactos sobre a vida dos trabalhadores, impondo mudanças de ocupações e diminuindo as possibilidades de escolha por grande parte da população.

Esses fatos pedem a revisão dos modelos teóricos, das práticas adotadas e dos pressupostos da educação e da OP, pois estas não podem mais se propor a ajudar as pessoas a elegerem uma profissão para a vida inteira e a preparar-se para seu exercício.

1.3- Origens e desenvolvimento da Orientação Profissional

Para as finalidades deste estudo, adotamos a classificação de Crites (1974) das teorias de OP, que as organiza em três grupos: os modelos teóricos psicológicos, os não-psicológicos e os gerais. É a classificação mais difundida, nos estudos recentes, no Brasil.

1.3.1 – A abordagem psicológica da Orientação Profissional

O contexto do início do século XX, a crescente especialização do trabalho e o reconhecimento das diferenças individuais levaram à divisão do trabalho até o indivíduo e favoreceram o desenvolvimento da OP.

Esta foi instituída com o propósito de determinar as aptidões pessoais, como ponto de partida para ajudar o indivíduo a escolher uma profissão e a preparar-se para ela, com vistas a realizar um trabalho socialmente necessário, relacionado aos seus interesses e aptidões pessoais. Assim, acredita-se que o indivíduo torna-se feliz, ajustado, produtivo, ao conciliar seus interesses pessoais com os da sociedade. A OP nasce, portanto, sob um enfoque predominantemente psicológico.

O início do movimento de orientação profissional, nos Estados Unidos, é atribuído a Frank Parsons, assistente social que criou o serviço de orientação profissional na Associação Cristã de Moços, em Boston, em 1908 e com a publicação póstuma de seu livro *“Escolhendo uma vocação”*¹⁸. Nele, explicita o conceito de adequação homem-trabalho, relata sua experiência e propõe um método para orientar os jovens em suas escolhas vocacionais, com três passos: 1) conhecer a pessoa; 2) conhecer as ocupações e 3) ajustar o homem a um emprego. Para ele, a adaptação ao mundo do trabalho depende da harmonia entre as características do indivíduo e as exigências da ocupação.

A OP é formalizada, assim, com a adoção de passos metódicos, de observação objetiva e com a criação de um serviço próprio de cunho profissional.

¹⁸ PARSONS, Frank. *Choosing a vocation*. Boston: Houghton Mifflin, 1909.

Nos anos seguintes, como frutos de uma mesma época, foram abertos escritórios de orientação nas grandes cidades da Europa, Estados Unidos e no Brasil.¹⁹

O desenvolvimento da OP foi brusco e repentino, apoiada no desenvolvimento das ciências humanas, especialmente da Psicologia, ciência positivista que lhe conferiu posição e instrumentos para sua prática. A Psicologia Vocacional destacou-se como área independente de estudos, a “ciência da conduta e do desenvolvimento vocacional” (Crites, 1974, p. 30), que procura explicar os fatores psicológicos implicados na escolha e no ajustamento profissional, contribuindo com parte importante do processo de OP.

Os planos de trabalho das pessoas e seu ajustamento produtivo à sociedade costumam ser discutidos, na Psicologia Vocacional, a partir de uma perspectiva pessoal e subjetiva. Harkness (1976), por exemplo, parte de questionamentos pessoais centrais, relativos ao modo de ser, à vida de cada indivíduo: *O que vou fazer para viver? Do que eu vou viver? O que eu vou ser?* são perguntas frequentes feitas pelas próprias pessoas ou por outros a elas, em relação ao seu futuro e ao seu trabalho, desde a infância.

Para ele, o compromisso com uma vida profissional corresponde ao compromisso com um estilo de vida. A vida em si é um processo a ser vivido, um movimento contínuo em aberto. Nela, o trabalho é o mais importante, pois, exceto dormir, nenhuma outra atividade ocupa tanto nossa vida. Para algumas pessoas, o trabalho é entediante, um verdadeiro castigo cotidiano; para outras, estimulador e significativo. Assim, se a vida é para ter algum sentido, conseguimos atribuí-lo e realizá-lo através do trabalho e, portanto, vale a pena planejá-lo.²⁰

Brandon (1998) vai além. Para ele, auto-confiança e auto-respeito, dois aspectos da auto-estima, são inseparáveis na psicologia humana. O trabalho

¹⁹ A respeito da história inicial da OP, v. o primeiro capítulo das obras já citadas de CARVALHO, M. Margarida M.J., PIMENTA, S.G. e CRITES, J.O.

²⁰ Esta questão faz lembrar Aristóteles, que não tratou do tema *trabalho* em si, mas das ações humanas. Para ele, seria dissonante entregar à sorte ou à providência divina o que há de melhor e mais belo: a *felicidade*, entendida como uma certa atividade da alma conforme à excelência, uma função própria do homem, propósito último de suas ações. A respeito, ver ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. [trad. Mário da Gama Kury]. 3ª ed. Brasília: Ed. UnB, c 1985, 1999. 238p. LI, 1904-1100.

produtivo é essencial para o senso humano de eficácia e para a capacidade de desfrutar outros valores da existência. A pessoa torna-se digna de viver tornando-se competente para viver, dedicando sua mente à tarefa de descobrir o que é verdadeiro e o que é certo e governando suas ações de acordo.

As pessoas costumam declarar-se humilhadas, por terem se tornado dependentes, quando não estão envolvidas com um trabalho produtivo.

A abordagem psicológica da OP adota os pressupostos liberais da liberdade de escolha, do direito de todos à educação, do poder pessoal sobre seu destino. A escolha é concebida como um fenômeno individual - os desejos determinam os objetivos e os meios. Os principais conceitos explicativos referem-se às características pessoais do indivíduo, à sua personalidade. A meta da orientação, portanto, é a implementação do autoconhecimento. A visão de sociedade e de trabalho apresentadas são idealizadas, abstratas.

Essa abordagem caracteriza as etapas *preventiva* e *desenvolvimentista* da OP, descritas a seguir.

- *O modelo diagnóstico e prescritivo*

O modelo clássico da OP é representado pela teoria Traço-e-Fator, formulada a partir da proposição inicial de Parsons. O modelo tem o objetivo de diagnosticar potencialidades e identificar oportunidades de trabalho compatíveis. Caracteriza-se como função *terapêutica*, corrigindo problemas de desajustamento; *preventiva*, de novos casos-problema e *prescritiva*, por suas recomendações.

O modelo prescritivo predominou até os anos 50, sendo ainda amplamente adotado por psicólogos e orientadores educacionais, em intervenções emergenciais de curto prazo. No entanto, a idéia de combinar pessoas e ocupações foi assimilada pela maioria dos modelos teóricos.

O modelo inicial ganhou eficiência com a introdução da psicometria, que o enriqueceu com testes padronizados para medir a inteligência, personalidade, interesses e aptidões especiais e também com a descrição de

ocupações, que ajudou a equacionar oferta e demanda de empregos e com estudos estatísticos de correlação.

A assimilação de contribuições geradas em áreas afins de conhecimento levou à elaboração de novos modelos. Essas contribuições incluem: (a) o *movimento psicanalítico*, que impregnou a psicologia com o conceito de estrutura da personalidade, de conflitos entre inconsciente e consciente, do caráter motivado da conduta humana; (b) a *saúde mental*, que chamou a atenção para a prevenção, introduzindo o aconselhamento em clínicas e em escolas; (c) a *psicoterapia centrada no cliente*, que modificou as atitudes autoritárias e os métodos paternalistas, enfatizando a importância da qualidade da relação interpessoal, destacando a pessoa – e não o problema que enfrenta – como centro de atenção, enquanto uma personalidade digna e capaz.

- *O modelo desenvolvimentista e as Teorias de Carreira*

Na década de 50, a Psicologia da Personalidade e a Psicologia do Desenvolvimento propiciaram as bases para o modelo desenvolvimentista da OP, proposto por Ginzberg e colaboradores²¹. Estes conceberam a escolha como resultante de um processo de desenvolvimento ao longo da vida das pessoas e não como uma investigação num dado momento preciso.

A concepção desenvolvimentista de escolha da profissão implicou fortes mudanças na OP, que têm-se mantido duradouras. Introduziu o conceito de *exploração de carreira* ao longo da vida, substituindo o de *escolha da profissão* num dado momento. Constituiu a base para a organização de programas processuais de longo prazo, através de experiências de aprendizagem que favoreçam a maturidade vocacional e a autonomia dos orientandos, instrumentalizando-os para decisões e ações esclarecidas. Estendeu a orientação a pessoas em qualquer estágio de vida profissional.

²¹ Para aprofundar o estudo sobre a teoria desenvolvimentista, ver GINZBERG, E., GINSZBURG, S.W., AXELRAD, S. e HERMA, J.L. *Occupational choice: an approach to a general theory*. NY: Columbia University Press, 1951 ou OSIPOW, S. H. *Theories of career development*. 2nd ed. NY: Appletown-Century-Crofts, 1973. cap. 3, p. 83-105.

A concepção desenvolvimentista fundamentou diversas teorias, com maior ênfase em fatores maturacionais que motivacionais da tomada de decisão. Dentre elas, destacam-se a *Teoria do Autoconceito e do Desenvolvimento Vocacional*, de Super e a *Teoria de Carreiras*, de Holland.

Para Super, a satisfação no trabalho e na vida dependem das possibilidades que a pessoa encontra para desempenhar o tipo de papel que considera mais adequado para si. A escolha e o ajustamento vocacional não são eventos estanques, mas constituem um processo contínuo, dinâmico e complexo de implementação do autoconceito e de desenvolvimento vocacional, pois as preferências, competências vocacionais e o autoconceito mudam diante das experiências no trabalho. Para ele,

“O auto-conceito é uma descrição sumária da personalidade, que leva em conta, explicitamente, a imagem que uma pessoa tem de si mesma. A conceituação e a metodologia do auto-conceito têm sido amplamente utilizadas nas atuais teorias do desenvolvimento vocacional, revelando-se particularmente úteis em relacionar personalidade e ocupações: as pessoas tendem a escolher profissões que julgam representativas das características que vêem em si mesmas.” (p.132).

Os estágios da vida vocacional estendem-se da infância à velhice, passando pelos estágios de crescimento (4-14), exploração (15-24), estabelecimento ou cristalização (25-44), manutenção ou realização (45-64) e declínio (65 em diante)²².

Super considera que os fatores que determinam as decisões e o padrão de carreira são múltiplos, incluindo os *psicológicos* (maturidade vocacional, interesses, valores, necessidades, traços de personalidade e autoconceito), *sociológicos* (posição social), *econômicos* e *educacionais* (estrutura de oportunidades ocupacionais e educativas, condições econômicas e mercado de trabalho); menciona também raça, sexo, restrições físicas como condicionantes, embora não esclareça como explorar e relacionar esses múltiplos fatores.

²² A teoria e os estágios de desenvolvimento de carreira encontram-se caracterizados em detalhes na obra de SUPER, Donald E.; BOHN JR., Martin J. *Psicologia Ocupacional*. SP: Atlas, 1980.

O papel do orientador é definido como o de um facilitador do desenvolvimento individual, indicando atividades favoráveis à implementação do autoconceito, através do desempenho de papéis que envolvem a maturação de habilidades e interesses e o teste de realidade.

Holland desenvolveu uma Teoria de Carreiras baseada numa Teoria de Personalidade com o objetivo de explicar o comportamento vocacional e sugerir idéias práticas para ajudar qualquer grupo de pessoas, independentemente de idade, a conquistar satisfação ocupacional.

A teoria é constituída por quatro hipóteses de trabalho, que indicam a natureza dos tipos de personalidade e dos modelos de ambiente, como são determinados e como interagem para criar os fenômenos educacionais, vocacionais e sociais que a teoria pretende explicar (Holland, 1973, p. 2-4).

- 1. In our culture, most persons can be categorized as one of six types: realistic, investigative, artistic, social, enterprising, or conventional. (...).*
- 2. There are six kinds of environments: realistic, investigative, artistic, social, enterprising, or conventional. (...).*
- 3. People search for environments that will let them exercise their skills and abilities, express their attitudes and values, and take on agreeable problems and roles. (...)*
- 4. A person's behavior is determined by an interaction between his personality and the characteristics of his environments. (...).²³*

Holland baseou a teoria no princípio de que a escolha de uma profissão é uma expressão da personalidade. Como resultado, os inventários de interesses são inventários de personalidade. Os estereótipos ocupacionais das pessoas têm importantes significados psicológicos e sociológicos para ela. Pessoas de um grupo profissional com personalidades semelhantes respondem de modo parecido, em muitas situações, e criam ambientes interpessoais

²³ “1. Em nossa cultura, a maioria das pessoas pode ser categorizada como um dos seis tipos: realístico, investigativo, artístico, social, empreendedor ou convencional.” (...). 2. Existem seis tipos de ambientes: realístico, investigativo, artístico, social, empreendedor e convencional.” (...). 3. As pessoas procuram ambientes que lhes possibilite exercitar suas capacidades e habilidades, expressar suas atitudes e valores, assumir papéis e problemas que lhes pareçam agradáveis. (...). 4. O comportamento de uma pessoa é determinado pela interação entre sua personalidade e as características de seu ambiente. (...).”

característicos. Portanto, satisfação pessoal, estabilidade e realização dependem da congruência entre a personalidade e o ambiente no qual a pessoa trabalha.

Holland definiu seis tipos de orientação pessoal, correspondentes a seis ambientes. Nenhuma pessoa corresponde a um tipo puro, mas a uma hierarquia de tipos, o que configura seu perfil pessoal e influencia suas escolhas. Os seis tipos de pessoas e ambientes podem ser sintetizados pela predominância das seguintes características quanto à preferência por atividades²⁴:

1. *Realístico*: manipulação explícita, ordenada e sistemática de objetos, ferramentas, máquinas e animais, valorização de resultados concretos.
2. *Investigativo*: observação e investigação simbólica, sistemática e criativa de fenômenos físicos, biológicos ou culturais; valorização de conhecimentos.
3. *Artístico*: atividades ambíguas, assistemáticas e competências para criar formas ou produtos artísticos; valorização estética.
4. *Social*: manipulação de outros para informar, treinar, desenvolver, curar, ajudar.
5. *Empreendedor*: manipulação de outros para atingir metas organizacionais ou de interesse próprio; segundo valores econômicos.
6. *Convencional*: manipulação explícita, ordenada, sistemática de dados, como manutenção de registros, organização de dados numéricos ou escritos de acordo com um plano prescrito, operação de máquinas de processamento.

A importância atribuída a essa abordagem pode ser ilustrada pela extensão que atingiu. Segundo Pelletier (1990, p. 175-181), a tipologia de Holland tornou-se um instrumento de trabalho privilegiado na orientação, em todo o mundo. Centenas de pesquisas vêm sendo realizadas desde a publicação da teoria, verificando os construtos principais, estendendo-a a populações as mais diversas. Holland e seus colaboradores desenvolveram instrumentos amplamente utilizados na orientação e seleção profissional, como o *Inventário de Preferências*

²⁴ Detalhes atualizados sobre a teoria e a tipologia podem ser encontrados em HOLLAND, John L.. *Exploring a career with a typology: what we have learned and some new directions*. American Psychologist, v51, n4, 397-406, 1996.

Vocacionais, a Sondagem Autodirigida, a classificação de ocupações do *Dicionário de Títulos Ocupacionais*. Com base na tipologia e na classificação de Holland, foram desenvolvidos programas informatizados que os estudantes usam por si mesmos: *Escolhas* (Choix) e *Referências* (Repères). Um outro instrumento é o teste visual de interesses Tétreau e Trahan, padronizado com 25 mil estudantes, de quatro línguas (francês, inglês, espanhol e português), em sete países (França, Canadá, Estados Unidos, Costa do Marfim, Brasil, Colômbia e Uruguai). Os estudos continuam em outros cinco países.

As teorias do autoconceito e do desenvolvimento vocacional de Super e de personalidade, de Holland têm sido amplamente utilizadas na prática da OP, o que pode ser ilustrado pela obra de Bolles²⁵, voltada para apoio aos projetos pessoais de vida e trabalho de jovens e adultos e pelo programa de ativação do desenvolvimento vocacional de Pelletier²⁶, para adolescentes.

- *Os modelos psicodinâmico, decisional e comportamental*

O modelo psicodinâmico refere-se às teorias que procuram explicar a conduta em termos de motivos ou impulsos e conflitos num contexto de aspectos interativos de desenvolvimento pessoal e carreira.

O modelo inclui a *teoria psicanalítica*, que explica a adaptação à sociedade através da sublimação dos desejos e impulsos derivados da natureza biológica do ser humano, enfatizando a importância dos primeiros anos e vida. Inclui também as teorias que explicam a preferência por ocupações com base na busca de satisfação de necessidades e desejos. Destacam-se neste modelo,

²⁵Richard Nelson BOLLES tem publicado, desde os anos 70, diversos títulos de OP, para adultos, com revisões e reedições frequentes, traduzidos para diversos idiomas, como *The three boxes of life and how to get out of them: an introduction to life/work planning*, *Where do I go from here with my life?* e *What colour is your parachute* – traduzida para o português, em 1998, sob o título *Qual a cor do seu paraquedas?*

²⁶ Denis PELLETIER organizou um programa para ser realizado ao longo de cinco séries escolares, publicado na coleção *Éducation au choix de carrière*, adotada pelo ministério de educação do Canadá, traduzida para o inglês, atualmente com 15 volumes, frequentemente revista e ampliada.

respectivamente, os estudos de Bordin, Nachman e Segall²⁷ e de Roe²⁸. Segundo Osipow, embora a Teoria de Roe tenha despertado forte interesse, a maioria dos estudos não a validaram.

Os modelos decisoriais de OP são baseados nos modelos formulados no campo da Economia. Propõem procedimentos para a tomada de decisões racionais²⁹. Os modelos de tomada de decisão são descritivos e contribuem para a OP procurando explicar como as escolhas ocorrem de fato, quer em bases racionais ou não.

Neste modelo destaca-se a teoria de Gellat (1962)³⁰. O autor propõe um *sistema racional* para um indivíduo decidir-se diante de dois ou mais caminhos possíveis. O sistema racional é ativado a partir da definição do problema, incluindo os subsistemas *preditivo* (avaliação das possibilidades, suas consequências e probabilidades), *avaliativo* (avaliação da desejabilidade das consequências) e *critério de decisão* (avaliação e fixação da decisão). Gellat admite que as decisões podem ser investigativas (tentativas, hipotéticas) ou terminais.

O modelo de auto-eficácia na carreira foi fundamentado na Teoria Comportamental. Trata de explicitar os comportamentos que orientadores e orientandos se empenham em mudar. Os estudos e práticas concentram-se em torno de dois temas: os comportamentos de *auto-eficácia* e o *stress*. Visam como resultados a eliminação de ansiedade antecedente e conseqüente e a aquisição de habilidades de tomada de decisão.

Destacam-se os estudos de Krumboltz, Thorensen e seus muitos colaboradores³¹, que sistematizaram a orientação em etapas: 1) definir o problema

²⁷ BORDIN, E.S., NACHMAN, B., SEGAL, S.J. *An articulated framework for vocational development*. Cf. CRITES, op cit, p. 108.

²⁸ ROE, Anne. *Early determinants of vocational choice*, 1957, cf. OSIPOW, op. cit., p. 15-40.

²⁹ Uma análise rica e esclarecedora do modelo decisional é apresentada por FERRETTI, C.J. *A escolha enquanto objeto e objetivo da orientação educacional*, em PENTEADO, W.M.A. (org.) *Fundamentos da orientação educacional*. SP: EPU, 1976, p. 10-26.

³⁰ GELLAT, H.B. *Decision-making: a conceptual frame of reference for counseling*. *Journal of Counseling Psychology*, a9, n3, p.240-45, 1962, cf. FERRETTI, C.J. op.cit. p. 11 e seguintes.

³¹ KRUMBOLTZ, J.D., BACKER, R.D., JOHNSON, R.G. *Vocational problem-solving experiences for stimulating careers exploration and interests*. Stanford University, 1968. cf. CRITES, John O. *Career counseling: a review of major approaches*, in PETERS, Herman J., HANSEN, James C. *Vocational guidance and career development: selected readings*. 3rd ed. NY: Macmillan, 1977.

e as metas do cliente; 2) gerar soluções alternativas para os problemas; 3) coletar informações sobre as alternativas; 4) examinar as consequências das alternativas; 5) reavaliar alternativas, metas e consequências; 6) tomar a decisão ou selecionar uma alternativa tentativa em vista de novos desenvolvimentos e oportunidades; 7) generalizar o processo de tomada de decisão para novos problemas.

- *Estágio atual de desenvolvimento da Psicologia Vocacional*

Segundo Borgen³² (1991), num estudo revisional, a Psicologia Vocacional procura maior eficiência, fazendo convergir as teorias citadas, aprofundando-se e estendendo-se em torno de quatro grandes temas: escolha e ajustamento; decisão e indecisão; desenvolvimento da maturidade vocacional; auto-eficácia e *stress*, focando as primeiras escolhas e as transições de carreira.

É uma área que impressiona pelo rigor e atividade, expressos na quantidade da literatura produzida. Os estudos procuram esclarecer construtos básicos, aperfeiçoar instrumentos de avaliação, estender a validade das teorias para grupos diversificados em idade, escolaridade, culturas, etapas de vida e carreira, gênero, deficientes.

Os modelos teóricos tendem para uma convergência, reduzindo diferenças. Partilham uma crença na atividade humana através dos processos cognitivos para motivação, planejamento e implementação de carreiras. As correntes atuais sobre personalidade reviveram a idéia de seres humanos como pensantes, agentes planejadores que constroem e modificam seus ambientes.

As pessoas estão crescentemente sendo vistas como ativas construtoras de suas vidas e carreiras, ao invés de ajustadas passivamente a condições externas. A pessoa e o ambiente interagem com influência recíproca. A capacidade para ação intencional e proposital é fundada na atividade simbólica.

Segundo Holland³³, essas novas abordagens reconhecem que uma pessoa pode fazer mais por si mesma do que se costuma acreditar; capitalizam o

³² BORGEM, Fred H. *Megatrends and milestones in vocational behavior: a 20-year counseling psychology retrospective*. Journal of vocational behavior, v39, n3, p.263-90, dec 1991.

³³ Citado por Borgen, no mesmo artigo.

conhecimento que a pessoa tem de seus interesses e competências; enfatizam e encorajam a informação, a experiência; aceitam a definição do problema e as metas estabelecidas pela pessoa e procuram instrumentalizá-las com ferramentas para construírem suas carreiras.

- Contribuições e limites da abordagem psicológica da Orientação Profissional

A Psicologia Vocacional conquistou uma identidade própria para a orientação de pessoas saudáveis, independente da psicoterapia. Representa um esforço de investigação objetiva e exaustiva dos fatores que interferem no comportamento vocacional. Empenha-se em estruturar pressupostos teóricos, desenvolver metodologias de pesquisa que permitam a operacionalização e a validação dos construtos propostos. A especificação de objetivos em cada modelo teórico beneficiou o nível das pesquisas.

Os modelos teóricos da abordagem psicológica tiveram ampla aceitação entre os psicólogos vocacionais dos Estados Unidos e orientadores educacionais brasileiros. Contribuem para tal aceitação a crença na liberdade de escolha, apesar da admissão das limitações econômicas e sociais e a multiplicidade de instrumentos disponíveis para avaliação de características individuais que facilitam sua prática, chegando a confundir *orientação com teste vocacional* – um de seus instrumentos.

A avaliação da abordagem psicológica da OP aponta desvios constatados em sua prática, decorrentes da ênfase em análises quantitativas de resultados de testes, ou seja, ênfase no valor preditivo da avaliação psicológica, com prejuízo de uma análise qualitativa favorável a intervenções; a negligência de programas educativos voltados para o desenvolvimento da inteligência, das habilidades, da maturidade vocacional; a pré-concepção de níveis de expectativas de membros das diversas classes sociais; a ênfase no ajustamento e aceitação de realidades pressupostas. Esses desvios podem ser sintetizados numa tendência a tratar os fatores relacionados ao fenômeno como estáticos e pré-estabelecidos,

não atribuindo importância às suas modificações e à possibilidade que apontam de intervenções pelo próprio orientando, em aspectos pessoais ou ambientais.

A OP tem sido entendida como campo de aplicação da Psicologia Vocacional. Esta é uma ciência que fundamenta a OP, mas as duas não se confundem. As investigações dos fatores psicológicos que interferem na escolha da profissão contribuem para seu esclarecimento, mas não esgotam a questão. Ao destacar os interesses pessoais para o trabalho, não tratam de sua subordinação aos interesses da sociedade.

Desde os anos 60, a Psicologia Vocacional tem dedicado atenção especial a grupos sociais diferenciados, como negros, mulheres, crianças, excepcionais, deficientes e homossexuais, procurando respostas ao *como* lidar com esses grupos para que alcancem uma plena participação na vida social, sem, no entanto, abordar as causas sociais dos problemas desses grupos.

Cada um dos modelos psicológicos da OP dá uma contribuição única, ao explicar uma dimensão específica das tomadas de decisão dos indivíduos. Ao longo do desenvolvimento da OP, as descobertas vão sendo assimiladas nos modelos, todos tendendo a considerar a escolha da profissão como um processo de desenvolvimento e de exploração de carreira, sujeito a influência de inúmeros fatores, dentre os quais cada modelo destaca uma dimensão específica para estudo aprofundado. Os modelos vão-se assimilando mutuamente, apontando para um modelo abrangente incluindo todos os fatores identificados e estudados pela Psicologia Vocacional. Na prática, os orientadores lançam mão de conceitos, técnicas e instrumentos de diversos modelos.

A partir da consideração da personalidade humana como um valor fundamental das sociedades modernas, a Psicologia Vocacional trata do homem psicológico, procurando proporcionar-lhe as melhores possibilidades de desenvolvimento. Nesse sentido, enfatiza os aspectos racionais e cognitivos sobre os afetivo-emocionais. A meta é aprender a pensar bem, identificar uma atividade que favoreça seu desenvolvimento pleno, a realização de suas potencialidades e interesses, aplicados à profissão enquanto uma função social. Na prática, o processo de orientação muitas vezes tem privilegiado o trato de tarefas e

exigências, não de pessoas; adotando um enfoque de vida que implica evitar riscos, com vistas à solução de problemas e de desajustamentos, desfavorecendo o desenvolvimento proposto.

A abordagem psicológica tem sido criticada por ser parcial, unilateral, insuficiente, por se concentrar nas características psicológicas do indivíduo como principal fator da escolha e do ajustamento, atribuindo menor importância à influência dos fatores socioeconômicos sobre a inserção dos indivíduos nas atividades profissionais. Seus modelos explicativos analisam o processo de escolhas no âmbito individual, configuram diagnósticos, prognósticos e prescrições, mas não favorecem uma compreensão mais ampla da questão, em sua complexidade.

1.3.2 – A abordagem não-psicológica da Orientação Profissional

A partir da década de 30, a OP enriqueceu-se com contribuições da Economia e da Sociologia Industrial. Tais contribuições não constituem propriamente teorias de escolha profissional, embora possam receber essa classificação, mas acrescentam novos ângulos de investigação ao problema, numa abordagem descritiva da questão. Costumam ser reunidas na categoria de *teorias não-psicológicas* da escolha e do ajustamento profissional³⁴.

Os modelos não-psicológicos adotam o pressuposto de que a ordem social e econômica determina as possibilidades de escolha: querer não é poder; escolho o que posso escolher. A escolha é tratada como fenômeno social. A meta da orientação é o conhecimento da ordem social e econômica do trabalho: conhecendo a estrutura, reconheço o lugar que me cabe.

³⁴ Essas teorias encontram-se apresentadas em estudos de comentaristas, especialmente CRITES, op. cit., frequentemente citados nos estudos de OP, mas foram pouco difundidas no Brasil. Assim, não destacamos estudos específicos, apenas apontando suas contribuições, em seu conjunto, dado que o objetivo deste estudo não é, especificamente, aprofundar a análise dos modelos teóricos da orientação profissional.

- *O modelo econômico*

Os *modelos econômicos da OP* referenciam-se nas teorias econômicas clássicas que fundam o liberalismo econômico, representadas principalmente por Adam Smith. Têm como objeto de estudo o emprego e a distribuição da força de trabalho por diferentes ocupações. Procuram identificar os fatores de natureza econômica que levam os indivíduos à preferência por algumas profissões e os fatores responsáveis pelas desigualdades na distribuição de pessoas pelas ocupações.

Segundo a teoria econômica clássica, a distribuição da força de trabalho resulta de decisões racionais tomadas livremente pelos indivíduos, em função do conjunto de vantagens e desvantagens, expressas pelo salário, num jogo de oferta e procura que ocorre num contexto natural de mercado. As evidências concretas, entretanto, não ratificaram as leis de livre distribuição da mão-de-obra, concebidas em relação a mercados ideais, constatando que as pessoas têm certas restrições à liberdade de escolha.

A questão da escolha adequada da profissão voltada para o ajustamento ao trabalho tornou-se de interesse social na era industrial, a partir do começo deste século. Interessa à sociedade que cada um produza o seu máximo e o seu melhor. Para tanto, importa que o trabalho seja pessoalmente significativo, envolvente, interessante, motivado.

Difundiu-se a idéia de que a escolha de uma profissão adequada ao perfil de personalidade da pessoa e sua correspondente qualificação profissional especializada seria o caminho para um emprego seguro e estável e, portanto, para uma vida estável, segura, produtiva, recompensadora e realizadora. Uma escolha para a vida. Um projeto pessoal subjetivo, que não atribui maior importância às regras de funcionamento do mercado de trabalho, à perspectiva do contratante.

Esse esquema teve sustentação e utilidade em épocas de economia aquecida, de expansão das indústrias, absorvendo elevados índices de mão-de-obra especializada, qualificada em nível médio e superior de formação. Em tempos de crise econômica os mercados se retraem, aumentam as dispensas e

diminuem as contratações, os salários são reduzidos. Em tempos de alta tecnologia, a absorção de mão-de-obra tende a cair progressivamente, independentemente de outros fatores.

Os economistas contemporâneos acrescentaram, ainda, muitas outras variáveis ao estudo da escolha da profissão, como o prestígio das ocupações, a estabilidade e segurança no emprego, as exigências de características do trabalhador em termos de habilidades. Apontam, também, para problemas ainda não estudados, como os efeitos dos ciclos econômicos e das mudanças na estrutura de classes sobre as escolhas dos jovens; a diminuição das possibilidades de escolha de grande parte da população diante dos impactos das inovações tecnológicas sobre o deslocamento de mão-de-obra do setor secundário para o terciário e da complexidade das organizações empresariais.

- *O modelo sociológico*

As *Teorias Sociológicas* destacam a influência da cultura e da sociedade como o principal fator na determinação da escolha profissional. Procuram explicar as opções ocupacionais a partir da origem socioeconômica do indivíduo. Mais recentemente, analisam os impactos da alta tecnologia sobre o emprego e a personalidade das pessoas.

A concepção básica é que a classe social determina as aspirações ocupacionais e sociais, as oportunidades de escolarização e de qualificação profissional, os limites da mobilidade social e profissional, as oportunidades efetivas de trabalho. A cultura e a sociedade onde o indivíduo vive levam-no a valorizar determinados objetivos, sob influência das idéias da cultura nacional, de sua classe e etnia, sua vizinhança e pares, a escola e a família – todos agentes transmissores de valores.

Uma das críticas mais frequentes formuladas às teorias psicológicas é sobre a suposição de que cada indivíduo, com motivação adequada, informação e orientação, pode progredir através do processo educacional para satisfazer

objetivos de trabalho que o levem a expressar características de personalidade, alcançando realização pessoal. O significado pessoal do trabalho tem sido seriamente questionado na sociedade industrial, tratado como um mito, um privilégio de poucos. Para muitos autores, o trabalho é definido como um papel num sistema de relações sociais.

Nessa linha de raciocínio, Jencks (1972), afirma que a grande maioria dos empregos preenchidos nos Estados Unidos são resultado do acaso e não de planos pessoais. Segundo ele, as pessoas conseguiram seus empregos quando o sistema necessitou delas e as encontrou. O autor não atribui, portanto, nenhum poder às pessoas, nenhuma importância aos seus desejos e esforços de conquistas, atribuindo unicamente ao sistema econômico o poder de selecionar pessoas que preencham funções necessárias à produção.

Outra idéia central da Psicologia Vocacional, a de uma única profissão estável para a vida toda, foi abalada pela Sociologia. Ao analisar as transformações na organização do trabalho, revelaram a contínua criação e extinção de funções, que impõem mudanças no estilo de vida das pessoas.

O modelo tradicional da OP com enfoque psicológico é simplificador: uma pessoa tem dúvidas entre diversas preferências, escolhe um curso ou profissão com assistência da OP, prepara-se formalmente para exercê-la para depois ingressar na atividade ocupacional e nela permanecer até a aposentadoria.

Não é necessário realizar profundos e extensos estudos científicos para constatar que o processo não ocorre bem assim e que essa linearidade é apenas uma visão teórica reducionista e simplificadora. Basta entrevistar alguns profissionais à nossa volta para detectarmos que uma esmagadora maioria de pessoas não atua na área em que se formou. Um estudou filosofia e atua em publicidade; outro preparou-se em engenharia civil e é banqueiro, empresário ou político; físicos são valorizados no mercado de capitais.

Constata-se que, salvo nas carreiras com reserva de mercado, como a medicina e outras poucas dezenas de profissões de nível superior cujo exercício é regulamentado, não há relação biunívoca entre curso e profissão. Um curso prepara para o exercício de diversas profissões e vice-versa, uma profissão é

exercida por profissionais formados em áreas diversas de conhecimento. O diferencial valorativo referem-se mais ao nível e à área de formação e atuação que a um curso ou profissão específicos.

Tal relação seria, aliás, impossível, dado que temos, desde os anos 70, quando foram regulamentados os cursos técnicos e de nível superior, o exercício de algumas profissões e classificadas as ocupações, em termos de ordem de grandeza, apenas oitenta carreiras universitárias, com 600 habilitações e duas mil ocupações na CBO³⁵ relativas ao setor formal da economia, que poderiam ser consideradas como requerendo nível médio e superior de formação.

Importa considerar as profissões com formação dupla, tão valorizadas recentemente, bem como o fato das pessoas terem diversas ocupações, numa mesma carreira ou não, ao longo da vida, metade das quais não existia quando da primeira escolha, pois o desenvolvimento científico, tecnológico tem gerado incessantemente a criação de novas profissões, assim como a educação tem criado novos cursos de formação profissional e especializações.

Tais novidades significam que foram criadas novas formas de atendimento às necessidades humanas eternas (alimentação, saúde, moradia, transporte, comunicação, educação, lazer), com emprego de novas tecnologias e também que novas necessidades surgiram, decorrentes das transformações da vida e do trabalho na sociedade contemporânea.

Nos anos 70, os orientadores educacionais deram-se conta, num estudo projetivo, de que os jovens então estudantes teriam, em média, cinco ocupações diferentes ao longo da vida, três das quais ainda não existiam e que deveriam, portanto, ser preparados não para o mundo de então, mas para o mundo futuro, para o enfrentamento do desconhecido e das mudanças. As transformações na sociedade não permitiam mais pensar-se numa única profissão, estável, para toda a vida³⁶.

³⁵ BRASIL, MTb/Secretaria de emprego e salário. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Brasília: SINE, 1982.

³⁶ CHABASSUS, H. Relatório de sua participação em palestra proferida por Gérard Fillion, no Congresso da Associação Internacional dos Orientadores Educacionais, realizada no Québec, em 1973 (mimeo).

Sennett³⁷ analisou as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo, sob um prisma sociológico, projetando onze ocupações diferentes para as pessoas, nos tempos correntes. Considerou que as mudanças estruturais no trabalho, relativas a características como flexibilidade e curto prazo, têm implicações fortes, chegando a corroer o caráter da pessoa, por inviabilizar o cultivo de valores de longo prazo, a ajuda mútua, a confiança no outro, a lealdade, divorciando a vontade do comportamento, dissociando o projeto de realização subjetiva pessoal (de longo prazo) dos projetos de trabalho (de curto prazo).

Pode-se contrapor a essas advertências que uma pessoa pode, de fato, ter diversas ocupações ao longo da vida, e todas podem estar relacionadas entre si, representando um crescimento na carreira. Podem estar associadas às mesmas categorias iniciais de opção, representando apenas novas formas tecnológicas de resolução de problemas econômicos ou outros níveis de atuação. Assim, ocupações como escrevente de cartório de registro civil, secretária, professora, orientadora educacional, consultora são todas ocupações diferentes, mas relacionadas a pessoas como objeto, humanas como área de conhecimento, relação de ajuda como objetivo, setor terciário como área de atuação, exercidas em níveis subsequentes de instrução.

Esses dados sugerem a importância de uma análise categorial dos componentes característicos envolvidos no trabalho humano, como objetos, objetivos, atividades e conhecimentos, antes de tratá-los em suas especificidades, com o propósito de favorecer a segurança interna dos orientandos diante da possibilidade de identificar referenciais estáveis de interesses pessoais, em meio às mudanças sofridas no trabalho.

³⁷ Ver SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. RJ: Record, 1999.

- *Contribuições e limites da abordagem não-psicológica da Orientação Profissional*

A análise das contribuições dos modelos não-psicológicos da OP leva-nos à constatação de que a consideração apenas dos aspectos subjetivos não bastam para uma escolha da profissão que visa, além de realização pessoal, também um trabalho estável, bem-estar material, segurança e realização pessoal. Cabe à orientação analisar os fatores ambientais, estruturais e conjunturais, que afetam as escolhas, a distribuição dos trabalhadores, o emprego, de modo a instrumentalizar o orientando para compreender e lidar com esses fatores também determinantes das opções e das condições para sua implementação.

Esses modelos enfatizam os fatores externos ao indivíduo, concebendo-o como passivo, respondente ao mercado, no qual é valorizado como uma função; tratam do significado social do trabalho, da produtividade, do ajustamento. Tiveram menor aceitação e influência entre os esforços explicativos da OP do que os modelos psicológicos, integrando-se aos demais modelos como condições estimuladoras ou limitadoras do desenvolvimento vocacional.

A crítica mais frequente às abordagens econômica e sociológica é que, embora apontem essas dimensões da questão, as apresentam como um conjunto fragmentário de fatores explicativos da escolha profissional, oferecendo pouca compreensão das relações entre as escolhas e o modo de produção, de forma global e articulada. Segundo Ferretti (1980, p.27),

“... a questão mais séria com relação às “teorias econômicas e sociológicas” da escolha vocacional reside em que as relações sociais de produção são reduzidas a fatores contingenciais, tratados separadamente como fatos econômicos e fatos sociais que, também isoladamente, interferem nas escolhas profissionais dos indivíduos.”

A abordagem crítica à OP, formulada numa etapa posterior, representa um esforço para a superação desses limites apontados à abordagem socioeconômica.

1.3.3 - As Teorias Gerais de escolha e ajustamento profissional

As Teorias Gerais de escolha e ajustamento profissional representam um esforço para reunir as diversas contribuições, apresentando construtos interdisciplinares, procurando explicitar uma infinidade de fatores determinantes da decisão, sem, contudo, aprofundar sua análise.

Ferretti³⁸ destaca dentre as Teorias Gerais o esquema conceitual de Blau³⁹, segundo o qual o ingresso numa dada ocupação resulta de duplo processo: o da escolha e o da seleção ocupacional, ambos influenciados pela estrutura social que modela as características do indivíduo e define as condições socioeconômicas em que ocorre o processo de seleção.

A proposta desse esquema conceitual contribui por apontar relações entre fatores individuais e socioeconômicos, valorizando a importância do conhecimento de si mesmo e da informação ocupacional.

A crítica mais frequente aos modelos teóricos gerais de OP é que são superficiais, não aprofundam o exame das questões, relacionam apenas intuitivamente pressupostos, hipóteses e conceitos. Por essas razões, muitos autores, como Pimenta⁴⁰, as consideram pouco distintas das teorias psicológicas.

Poderiam ser consideradas como um embrião de um modelo teórico abrangente, para o qual faltam, ainda, os recursos metodológicos das ciências complexas, ainda pouco desenvolvidos.

O Quadro I, a seguir, sintetiza as características das abordagens psicológica, não-psicológica e gerais da Orientação Profissional.

³⁸ FERRETTI, C.J. op cit, p. 93-98.

³⁹ BLAU, Peter M., PARNES, H.S., GUSTAD, John W., JESSOR, R., WILCOCK, R.C. *Occupational choice: a conceptual framework*. in ZYTOWSKI, Donald G. *Vocacional behavior: readings in theory and research*. NY: Reinhart and Winston, 1968, p. 358-370.

⁴⁰ PIMENTA, C.G. op. cit., p. 26.

Quadro I

Características das abordagens teóricas de escolha e ajustamento vocacional

Abordagens	Psicológicas	Não-psicológicas	Gerais
Pressupostos	Os desejos determinam os objetivos e os meios. Se sei o que quero, sei como conseguir; querer é poder. Escolha é fenômeno individual. Visão idílica de trabalho.	A ordem social e econômica determina as possibilidades de escolha. Querer não é poder, escolher o que posso escolher. A escolha é fenômeno social. Visão realística de trabalho.	Escolha depende de aspectos pessoais e ambientais. Querer e conhecer as condições são requisitos para tentar realizar o que quero.
Metas da orientação	Implementação do auto-conhecimento, da autonomia, da auto-direção, da iniciativa, da maturidade pessoal.	Implementação do conhecimento da ordem social e econômica do trabalho.	Implementação do conhecimento de si e do meio, do saber-fazer, do ser ativo, expressivo, significativo nas escolhas, planos e realizações.
Características dos modelos teóricos e contribuições para a prática da OP	As teorias são centradas no indivíduo, como agente do processo. Os conceitos são explicativos, baseados em características pessoais de personalidade. São unilaterais, do ponto de vista do indivíduo e de sua dinâmica. Apresentam uma infinidade de instrumentos de avaliação de características individuais.	Enfatizam fatores externos ao indivíduo como principais determinantes de escolhas. Encaram o indivíduo como um sistema linear passivo. Para a teoria econômica, o indivíduo responde ao total de vantagens e desvantagens do mercado de trabalho; para a sociológica, o sistema social é o determinante da escolha.	São abrangentes, procurando tratar de tantos determinantes da tomada de decisão quanto possíveis. São desenvolvimentistas, pois encaram a escolha como processo. Traçam um paralelo entre a pessoa e o ambiente, em todas as etapas de vida e carreira.
Visão do ajustamento	Salientam o papel do indivíduo no processo de ajustamento. Dão atenção especial às variáveis motivacionais e às satisfações derivadas da necessidade de realização ou de implementação do auto-conceito num papel operacional adequado.	Enfatizam o trabalho que o indivíduo realiza, não o próprio indivíduo. Preocupam-se com o significado cósmico do trabalho: é meio ou fim? deve realizar potencialidades humanas? etc., mas não com o que motiva o indivíduo para o trabalho.	O ajustamento, a satisfação, a permanência, o êxito numa ocupação dependem da congruência entre as características pessoais e as do ambiente onde o indivíduo atua.
Críticas	As teorias são explicativas. Ajudam no <i>como</i> escolher, mas não questionam o <i>para quê</i> escolher uma ocupação, estudar, trabalhar, nem o grau de liberdade e as limitações dessa escolha, conforme a classe social a que a pessoa pertence.	As teorias são descritivas. Concentram-se nos determinantes do contexto das relações homem-trabalho. São parciais.	Por serem tão abrangentes, falta coesão em suas proposições e profundidade aos estudos. Formam um conjunto pouco integrado de pressupostos, conceitos e hipóteses.

1.4 - A orientação profissional no Brasil

1.4.1 – O desenvolvimento inicial num modelo psicológico

O Brasil acompanhou, inicialmente, os mesmos passos do movimento mundial de orientação e seleção vocacional para o ajustamento das pessoas ao trabalho na indústria⁴¹. Os modelos americanos e franceses foram transplantados sem maiores cuidados com diferenças de contexto social, econômico, político e educacional.

Roberto Mange, engenheiro, criou o primeiro serviço de OP no Liceu de Artes e Ofícios, em 1924. Em 1930 implantou-o na Estrada de Ferro Sorocabana, com o nome de Serviço de Orientação Profissional, Seleção e Formação de Aprendizizes. Nos anos 40, fundou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, a ele estendendo a OP, nos mesmos moldes.

Lourenço Filho, educador, criou o Serviço de Orientação Educacional e Profissional na escola pública, em 1931, quando dirigia o Departamento de Educação do Estado de São Paulo, para atender a necessidades relacionadas ao ensino profissional das classes trabalhadoras.

O serviço foi estendido à Federação, a partir de 1934, como fruto do trabalho de Aracy Muniz Freire e Maria Junqueira Schmidt, que o implantaram na Escola de Comércio do Rio de Janeiro, então Distrito Federal e divulgaram a Orientação Educacional por todo o país, através de cursos e com a publicação de “A orientação educacional na escola secundária” (Freire, 1940).

Em 1937, foi criado o gabinete de psicotécnica no Instituto Profissional Masculino, atual Escola Técnica Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Em 1947, na mesma escola, foi criado o Instituto de Seleção e Orientação Profissional, ISOP, sob a supervisão de Mira y Lopes, psicólogo fundador do serviço na Espanha. O ISOP teve marcante atuação técnica na área durante décadas, especialmente com a psicometria.

⁴¹ A respeito da história inicial da OP no Brasil, ligada à instituição da aprendizagem industrial e à escola pública, ver NÉRICI, Emídio G. Introdução à orientação educacional. SP: Atlas, 1974, p. 13-17 e CARVALHO, M.M., op. cit. p. 21-40.

A criação do sistema nacional de orientação profissional foi realizada pela promulgação, em 1942, da Lei Orgânica do Ensino Industrial – Decreto-Lei federal n.4244. A partir de então, começa a se desenvolver um amplo sistema de orientação profissional e educacional, incluindo as iniciativas do SENAI e do SENAC, em 1951.

Até os anos 60, a orientação trabalhou principalmente com a psicometria, avaliando inteligência, personalidade, aptidões, interesses e atitudes, com vistas ao encaminhamento acadêmico de estudantes ou à sua colocação ocupacional.

Nos anos 60 e 70 a orientação educacional e vocacional adquiriu importância oficial, tendo sido formalmente incluída na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, como parte integrante do processo educativo para a profissionalização.

Maria da Glória Pimentel e Áurea Sigrist⁴² representam um marco importante na orientação profissional, nos anos 60, registrando a experiência realizada nos ginásios vocacionais. Segundo Werebe⁴³, a experiência foi iniciativa do Secretário da Educação. Seus objetivos gerais revelavam uma ambição pedagógica de alto nível, elitista, um tanto fora da realidade educacional: a auto-realização do homem brasileiro, vinculada a um modelo de desenvolvimento de auto-realização do país. Adotava uma pedagogia que visava despertar o espírito crítico e criador dos alunos. A experiência foi muito bem sucedida, mas foi logo extinta, por ter sido considerada subversiva, politicamente perigosa, intolerável no regime militar autoritário que vigorava então.

A LDB 5692/71 estendeu o ensino fundamental obrigatório de 4 para 8 séries, instituiu a obrigatoriedade do ensino de 2º grau profissionalizante e da orientação profissional. Foi acompanhada pela definição do currículo mínimo para os cursos de formação profissional de nível médio e superior e pela regulamentação do exercício de profissões.

⁴² PIMENTEL, M.G.B. e SIGRIST, A.C. *Orientação educacional*. SP: Pioneira, 1971.

⁴³ WEREBE, M.J.G. *Grandezas e misérias do ensino no Brasil – 30 anos depois*. SP: Ática, 1994, p. 218-221.

A educação procurava, assim, responder à necessidade de qualificação de mão-de-obra especializada para a expansão da indústria com a introdução de cursos vocacionais ou profissionalizantes, especializados, organizados em base positivista. O ápice desse movimento ocorreu nas décadas de 70 e 80.

Nesse movimento da história recente da OP destaca-se o envolvimento do Ministério do Trabalho, com:

- a criação da Secretaria de Mão-de-Obra - SMO, em 1974;
- a criação, do Serviço Nacional de Formação Profissional Rural - SENAR, em 1976, completando o grupo de instituições voltadas à preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, nos três setores econômicos;
- a Lei 6297 de incentivos fiscais para projetos de formação profissional promovidos por empresas
- a subscrição da Recomendação 150 da Organização Internacional do Trabalho - OIT, pelo Brasil, estendendo o processo de informação e orientação profissional a trabalhadores;
- a criação da Coordenadoria de Informação e Orientação Profissional – CIOP, que publicou, em 1979, as *Diretrizes Nacionais de Informação e Orientação Profissional* e desenvolveu, a partir de 1982, diversos projetos⁴⁴ visando o conhecimento atualizado do que se passava na área, no país, antes de se definirem as ações a longo prazo.

O projeto de ensino profissionalizante não foi bem aceito. Ao contrário, suscitou severas críticas de cunho político-educacional, por ter sido importado sem os necessários cuidados relativos às realidades peculiares de nossa sociedade e por representar um modelo de educação massificada, voltada

⁴⁴ Ver: BRASIL, MTb-SMO/CENAFOR. Projeto *Intercâmbio de informações sobre os serviços de informação e orientação profissional, relatório final*. SP: Cenafor, 1986. O relatório do projeto, que proporcionou o diagnóstico da situação na área, inclui os resultados de outros, como o projeto *Sistematização de dados secundários para o desenvolvimento das atividades de informação e orientação profissional*, que organizou dados sobre o mercado de trabalho formal, possibilitando sua configuração, e o projeto *Estudos e pesquisas para a definição de uma nova metodologia para a produção de informação profissional*, que partiu da crítica da literatura específica, analisou a concepção teórica da ação orientativa, ampliou o âmbito da investigação, enriquecendo a visão pedagógica com as perspectivas econômica, sociológica, psicológica e semiológica.

para as necessidades do trabalho, um modelo ultrapassado diante das transformações em curso e desfavorável às mudanças aspiradas.

Seguiu-se a revogação da obrigatoriedade da OP e da profissionalização no nível médio.

Os educadores analisaram criticamente a proposta da LDB de 71, desde seus fundamentos, buscando formular um conjunto de soluções estruturais para a construção de um projeto nacional de educação, visando atenuar desigualdades sociais e econômicas refletidas no sistema educacional.

Nesse quadro, o foco das discussões da OP foi deslocado da assistência individual à escolha adequada da profissão para as relações educação-trabalho. Esse movimento acadêmico resultou num esvaziamento e imobilismo da prática da OP na escola.

A década de 80 marca o início desses estudos críticos, analisando a questão em duas vertentes. Uma revê o papel da educação, o currículo e a função do orientador educacional. Outra estuda as transformações do trabalho na sociedade capitalista e seus impactos sobre a educação.

Em 1996 foi promulgada a LDB 9394, mas esta não introduziu mudanças significativas em relação ao tema, e a orientação profissional não foi mencionada, mantendo essas questões em aberto.

A OP encontra-se estagnada diante de impasses teóricos e político-educacionais. Necessita de novos modelos e diretrizes. Essa busca de perspectivas requer um exame dos estudos críticos.

1.4.2 O modelo crítico

Os estudos de Pimenta (1978) e de Ferretti (1988) representam bem o enfoque crítico da OP, abrindo e estendendo amplo debate em torno de questões relacionadas à política educacional e às relações entre educação e trabalho.

A democratização das oportunidades de ensino resultante da LDB 5692/71 trouxe para a escola pública estudantes de classes sociais desfavorecidas, que passaram a constituir uma parcela significativa dessa população, refletindo na educação as desigualdades sociais.

A OP passou a defrontar-se com clientela e necessidades diferenciadas: uma classe que valoriza sua liberdade de escolhas na vida e que pode custear estudos preparatórios para ingresso numa profissão e uma outra classe que não se mostra preocupada com a escolha profissional, ingressa na força de trabalho e segue uma trajetória ocupacional segundo as flutuações das oportunidades do mercado.

Pimenta analisa a OP nesse contexto da educação na escola pública. Aponta que o modelo tradicional mostra-se inadequado, *ineficaz*, pois as pessoas decidem apesar da orientação e informação profissionais; e *insuficiente*, pois não fornece respostas para questões centrais relacionadas à decisão e remete para uma visão idealizada da liberdade de escolha.

O modelo psicológico, trata o processo de decisão em si, do *como* decidir, abordando o problema como uma questão individual e psicológica fundando-se no pressuposto de que as pessoas desfrutam de ampla liberdade de opção. Na prática, entretanto, Pimenta identifica contradições e aponta os limites desse modelo para fornecer respostas a questões como *porquê orientar, porquê escolher, para quê escolher, para quem trabalhar*. Questiona, assim, a) o significado e a razão de ser da OP, que é definida como ajuda a pessoas para realizarem opções profissionais e perde o sentido diante de pessoas que não se preocupam com tais escolhas; b) a ineficiência da informação profissional, que trata das relações entre necessidade pessoal e social, com base em pressupostos idealizados e c) o uso do produto do trabalho do indivíduo, indagando se é em benefício próprio ou alheio. E conclui (p. 62):

“Estas contradições só podem ser analisadas a partir delas mesmas, no seio das sociedades em que se manifestam, e onde vivem os indivíduos, que têm como problema, fazer opção profissional. (...) Só aí é que cabe analisar as questões da orientação vocacional ...”

As respostas a tais questões extrapolam o âmbito individual e da instituição de ensino, devendo ser buscadas no âmbito social. Pimenta adota, então, uma perspectiva socioeconômica do materialismo dialético para analisar o problema da decisão profissional como uma questão social, relacionada a fatores econômicos, políticos, educacionais e culturais que afetam a distribuição das oportunidades educacionais e de trabalho de modo desigual segundo a classe social à qual o indivíduo pertence.

Analisando a legislação da OP como objeto de estudo, Pimenta conclui que os modelos nela propostos voltam-se ao atendimento dos interesses das classes dominantes, no sentido de conservar a ordem social e econômica vigente, uma ordem injusta, com oportunidades desiguais para as pessoas escolherem livremente uma profissão e se realizarem em seu trabalho.

Propõe que a questão da decisão vocacional seja abordada dialeticamente pelo orientador educacional, de modo a identificar formas de enfrentamento das situações verificadas e a superação de seus limites.

Ferretti (1988) contribui para o avanço da crítica da OP desencadeada por Pimenta. Concorda com esta que a origem da desorientação em relação à escolha da profissão não é uma questão individual, a ser tratada numa perspectiva individual e psicológica, como um aspecto isolado, mas antes uma questão social, integrada num conjunto muito complexo de relações econômicas, sociais, políticas e culturais que afetam o trabalho como ocorre na sociedade brasileira – e que precisa ser esclarecida.

O autor procura propiciar uma melhor compreensão das relações entre as escolhas e o modo de produção, de forma global, orgânica, articulada, como uma totalidade. Apresenta uma nova proposta de OP (Ferretti, 1988a, p. 45), sugerindo que a orientação profissional se proponha

“ ... criar condições para que a pessoa a ela submetida reflita, sobre o processo e o ato de escolha profissional bem como sobre o ingresso em uma atividade profissional e no seu exercício no contexto mais geral da sociedade onde tais ações se processam.”

Propõe o tema *trabalho* como novo eixo da OP, a ser discutido na perspectiva da dialética materialista, enquanto atividade social e enquanto processo de modificação da natureza e determinante de relações sociais. Sugere uma nova metodologia para a informação profissional, que relacione cada profissão à estrutura geral do trabalho em sua dinâmica na sociedade capitalista.

Sua proposta visa elevar o nível de consciência de classe dos trabalhadores, sendo direcionada mais aos seus interesses históricos (a transformação da ordem social) e não apenas aos seus interesses imediatos (a expectativa de ascensão social, através do progresso na organização do trabalho, em vista do alcance de formas burguesas de vida).

Nos estudos de Pimenta e Ferretti destacam-se posições partilhadas que caracterizam a abordagem crítica da OP:

- quanto ao *público-alvo*, preocupam-se com a OP voltada para as escolhas ocupacionais e a inserção profissional das classes subalternas;
- quanto ao *problema*, entendem que as dificuldades individuais decorrem de condições socioeconômicas que as determinam e deslocam o foco da discussão do prisma individual para o social;
- quanto ao *modelo de OP*, apontam os limites da abordagem tradicional psicológica para fornecer respostas para questões ampliadas para além do processo de decisão em si mesmo;
- quanto aos *pressupostos* da opção profissional, destacam a importância de sua discussão, especialmente o da *liberdade de escolha*, em que se fundamenta a OP tradicional, apontando que é tratada de forma idealizada, quando está sujeita primeiramente a determinantes socioeconômicos vigentes num dado contexto, que impõem condições injustas e desiguais de oportunidades e, portanto, de liberdade de decisão para diferentes classes;
- quanto à *metodologia*, adotam a perspectiva socioeconômica do materialismo histórico-dialético para exame das relações educação-trabalho;
- quanto aos *objetivos* visados, questionam a ideologia subjacente aos mecanismos que regulam a distribuição de ocupações numa dada sociedade,

criticando a orientação educacional por colocar-se a serviço da manutenção de uma ordem social injusta e desigual.

Como mudanças, ambos propõem:

- um novo *propósito* e sentido para a OP: a transformação da ordem socioeconômica;
- um novo *conteúdo* a ser tratado: as relações entre indivíduo, classe e sociedade; trabalho e mercado de trabalho, as relações educação-trabalho contextualizados na sociedade brasileira;
- uma *abordagem* crítica das questões da OP, relacionadas ao processo da decisão, à possibilidade de escolha, à liberdade para optar e para lidar com os determinantes das escolhas, no quadro de uma realidade concreta, sócio-político-econômica das condições em que vive o sujeito que vai decidir;
- uma análise das *funções da OP* e da *informação profissional*, e sua revisão, tendo em vista o papel que desempenham no âmbito educacional para a conservação da ordem estabelecida pela sociedade liberal capitalista;
- uma *perspectiva materialista* para compreender melhor as dificuldades que as pessoas enfrentam para optar e uma abordagem socioeconômica da questão da inserção de pessoas na força de trabalho, sob um enfoque político-ideológico;
- a ampliação da eficácia da OP, fazendo avançar o pensamento através da análise de sua prática no contexto social onde é realizada, superando o exame interno em busca de maior eficiência.

- *Contribuições e limites do modelo crítico*

Os estudos críticos mostram-se sensíveis às atitudes ambivalentes dos orientandos e de seus familiares em relação à OP, ao valorizarem o serviço, mas demonstrando um certo descrédito quanto à sua eficácia.

O enfoque crítico enriqueceu a OP, destacando aspectos sociais, econômicos e políticos da escolha da profissão; situando-a contextualmente e

indicando categorias a serem consideradas, como as relações dinâmicas entre indivíduo e sociedade, educação e trabalho, escolha e trajetória profissional, além de uma nova metodologia, que abrem possibilidades para mudanças.

Esses estudos tiveram ampla aceitação e forte impacto sobre a teoria e a prática da OP na escola pública. As discussões têm-se mantido em nível acadêmico, concentradas nas relações dinâmicas educação-trabalho, visando a construção de um projeto educacional nacional tendo a transformação da ordem social como horizonte, desviando-se do tema original.

O pensamento crítico de Ferretti e de Pimenta procura avançar, sugerindo que a OP fosse contextualizada em nossa realidade, mas sendo teses acadêmicas, geraram imobilismo e esvaziamento da ação do OE na prática. Na escola, as relações diretas dos orientadores educacionais com os orientandos concentraram-se no trato de conflitos de relações, no cotidiano.

As preocupações voltam-se para questões mais abrangentes, pertinentes ao sistema social mais amplo, atribuindo pouca importância ao indivíduo e às suas motivações pessoais. Tratam do homem social, político e econômico, desconsiderando o homem psicológico, os aspectos pessoais para o trabalho.

Nesse sentido, Ferretti defrontou-se, em seu estudo, com uma contradição na busca de conciliação desses interesses pessoais e sociais, pois parece que quanto mais as pessoas conseguirem realizar seus interesses imediatos, mais se afastariam do interesse histórico revolucionário, pois estariam promovendo mudanças dentro do próprio sistema capitalista, ajustando-o em processo, tornando-se burgueses também.⁴⁵

O enfoque crítico defronta-se com alguns limites. A abordagem é descritiva, não explicativa e a OP não dispõe de informação profissional organizada, situada, contextualizada como apoio concreto aos amplos conceitos explorados.

⁴⁵ FERRETTI, C.J. op. cit, p. 175.

O enfoque mostrou-se unilateral e insuficiente, também, ao tratar apenas o significado social do trabalho, num contexto onde o papel do indivíduo é restrito ao de agente passivo, que responde ao mercado de trabalho.

Essas observações aparecem refletidas nas atitudes de estudantes de curso pré-vestibular, oriundos de escolas públicas, candidatos ao processo seletivo de uma universidade pública. Estão informados sobre as condições do trabalho num sistema capitalista e sobre os impactos delas sobre suas opções acadêmicas e profissionais. Declaram-se desestimulados para enfrentar as exigências dos estudos preparatórios diante de perspectivas desesperançadas de futuro trabalho. Preocupam-se com a sua realização pessoal, em termos vagos, e com a identificação de cursos nos quais possam ingressar, mais do que com o significado pessoal ou social dessa formação. Manifestam dificuldades para eleger critérios pessoais significativos para a opção de curso e conciliá-los com os determinantes socioeconômicos do trabalho. Sua vontade é indefinida, não direcionada. Nesse sentido, parecem mais inseguros e passivos, procurando ajustar-se às regras de um sistema no qual não se acreditam capazes de intervir, que agentes de sua mudança.

1.4.3 - O projeto nacional de educação e a Orientação Profissional

Alguns aspectos diferenciados nos estudos desses autores geraram duas linhas diversas e complementares de discussão acadêmica.

Pimenta direciona sua análise da OP à legislação educacional, voltando a atenção e o debate para questões relacionadas à educação, ao currículo, à função do orientador educacional. A partir dele, diversos estudos marcam um período questionador da educação como um todo, incluindo nela a orientação educacional, caracterizado pelo compromisso político com o contexto social, pela democratização da escola, por valores democráticos em transição.

Estudos recentes voltados para a análise da educação e do currículo estão sumariamente apresentados no Quadro II, As formas de atuação da orientação educacional na escola pública brasileira.

Quadro II
AS FORMAS DE ATUAÇÃO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA

Data, autor critério	CLASSIFICAÇÃO					Um fazer que se supõe novo
1984 Azevedo e Garcia Enfoque curricular	<i>Racionalismo acadêmico</i> <i>Educação transmite conhecimentos "verdadeiros".</i> Orientação trata de desajustamentos.	Processo cognitivo Educação e orientação para a autonomia intelectual do aluno, como sujeito do processo, na resolução de problemas e busca de conhecimentos significativos.	Auto-atualização Individualização. A orientação visa levar o aluno a assumir livre e conscientemente o próprio destino, de modo autêntico.	Tecnologia do ensino Ensino técnico-profissionalizante. Orientação para o autoconhecimento e treino de opções. Determinantes sociais são aceitos como naturais e legítimos.	Reconstrução social Conhecimento globalizado ligado à realidade vivencial e às necessidades do aluno. Orientação para a democratização das relações na escola.	
1985 Sena Enfoque na formação do orientador	<i>Enfoque clínico-terapêutico</i> Orientação individual de casos-problema.		<i>Enfoque clínico-preventivo</i> Orientador como "agente de mudanças". Orientação para todos os alunos.		Enfoque crítico Análise da orientação na realidade educacional brasileira, sob perspectiva crítica	
1987 Libâneo Tendências teóricas	<i>Abordagem funcionalista</i> Educação progressista para ajustamento do indivíduo à sociedade.	<i>Abordagem não-diretiva</i> Valoriza o potencial de auto-realização e sua capacidade para tomar decisões, em clima de aceitação, não ameaçador.	<i>Abordagem fenomenológico-existencial</i> Subjetividade, admitindo a existência de um mundo real independente da consciência.	Abordagem tecnicista Pedagogia liberal. Sondagem de aptidões e orientação profissional para o ajustamento à sociedade.	<i>Abordagem centrada no currículo</i> Pedagogia progressista. Orientador com papel ligado ao ensino-aprendizagem como compromisso político-pedagógico.	
1987 Grinspun Legislação da orientação	Período implementador (1920-1940) Modelo importado, atividades isoladas, para ajustamento do homem certo ao lugar certo.	Período institucional (1942-1950) <i>instrumental</i> (1951-1960) Orientação educativa, para a adaptação profissional dos alunos e a solução de problemas pessoais com a família e a escola.	Período transformador (1961-1970) Período ditatorial. O curso de Pedagogia inclui habilitações. O aconselhamento torna-se parte das atribuições do orientador educacional.	Período disciplinador (1971-1980) Ênfase no individual. Início das discussões sobre relações educação-trabalho e sobre os fatores que envolvem a decisão vocacional.	Período questionador (1980 ...) Compromisso político com o contexto social: democratização da escola, valores em transição, pedagogia dos conteúdos, visão interdisciplinar e questionadora, OP trata do binômio educação-trabalho.	
1988 Pimenta Tendências da educação e de componentes curriculares	<i>Escola liberal tradicional</i> Ajustamento do aluno à família e à escola, a fim de que não se desvie das normas.	<i>Escola liberal escolanovista</i> Desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade do aluno, preparando-o para as opções básicas		Escola crítica-tecnicista Distinção das funções OE (atua com alunos) e OP (com professores). Ação integrada.	<i>Escola crítico social dos conteúdos</i> O orientador é um pedagogo que ajuda a transmissão-assimilação crítica de conhecimentos.	

Etapas *Prescritiva, diretiva* *Desenvolvimentista, não-diretiva, fenomenológica* *Crítica*

Os estudos incluem as seguintes propostas: a adoção de um modelo teórico centrado no currículo; uma pedagogia progressista; uma escola crítico social dos conteúdos; o trato de um conhecimento globalizado ligado à realidade vivencial e às necessidades do aluno; uma visão interdisciplinar e questionadora.

A Orientação Educacional, nos estudos recentes, volta-se para a democratização das relações na escola. Propõe um novo papel para o orientador educacional, o de um pedagogo que ajude na transmissão-assimilação crítica dos conhecimentos, com compromisso político-pedagógico. Para tanto, propõe que a formação do orientador seja efetuada numa perspectiva crítica de estudo da orientação diante da realidade educacional brasileira.

Werebe (1994), retoma a questão da educação brasileira com espírito aberto. Para ela, a proposta de oferecer à maioria da população um mínimo decente de formação de base e profissional já é um alvo promissor. Mostra-se otimista diante das deficiências quantitativas e qualitativas do ensino, dos riscos do desemprego e da exclusão social pela baixa escolaridade e falta de qualificação, apoiando sua esperança num futuro melhor para o ensino numa nova geração de educadores, melhor preparados e na mobilização dos diversos setores da vida nacional para construir e realizar um projeto nacional de educação.

Ferretti enfatiza a questão do ingresso na força de trabalho e da trajetória ocupacional de trabalhadores, no quadro da organização do trabalho no contexto existente, chamando a atenção para as amplas relações existentes entre a educação e o trabalho, envolvendo educadores e profissionais de outras áreas de conhecimento e atuação nas discussões sobre o tema.

A emergência de novos modelos de organização da produção, em vista de ganhos em qualidade e produtividade, aliadas à competitividade dos mercados globalizados mantiveram acesos os debates entre especialistas do trabalho e da educação sobre as modalidades de educação e de formação profissional requeridas pelos novos sistemas de trabalho.

Questiona-se o ensino profissional, que já não resolve, na medida em que o progresso tecnológico acelerado desqualifica rapidamente o trabalhador. A questão é agravada por um mercado de trabalho movido a alta tecnologia, que

passou a valorizar, além da competência técnica com excelência e atualidade, competências atitudinais distintivas, mais propriamente desenvolvidas por programas de formação geral.

As discussões recentes sobre o trabalho contemporâneo⁴⁶ e suas relações com a educação abriram amplo leque de questões abrangentes, tratadas sob um enfoque multidisciplinar. Procura-se esclarecer as tendências do trabalho e os impactos de suas transformações sobre as pessoas, suas vidas, personalidade e carreira. Discute-se, também, como qualificar o trabalhador para que aumente sua empregabilidade, procurando identificar junto aos setores produtivos os quesitos de habilidades e competências desejáveis, de modo a procurar atendê-los através de reformas educacionais ou de propostas de treinamento para requalificação. Por outro lado, o desemprego é discutido como uma nova característica estrutural da sociedade, que tende a permanecer e, em consequência, procuram-se referenciais para reorganizar a vida, a educação, o trabalho e o lazer.

Tais discussões são de suma importância, pois exercem forte influência sobre os rumos da educação, da formação profissional e, por consequência, sobre a OP, enriquecendo-a com novos ângulos de tratamento da questão. Podem ser integradas às preocupações globais sobre essas questões, concentradas em torno de duas ênfases distintas: a busca de um modelo educacional que forme para a empregabilidade, numa *sociedade do trabalho* e um outro modelo que admite o desemprego estrutural como componente característico de uma nova ordem social e econômica, requerendo uma nova concepção de educação, numa *sociedade educativa*.

⁴⁶ Sobre as relações *educação-trabalho*, ver especialmente FERRETTI, Celso João, ZIBAS, Dagmar M. L., MADEIRA, Felícia R. e FRANCO, M. Laura P. B. (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. RJ: Vozes, 1994, um registro das discussões no seminário nacional Educação e Trabalho, realizado em 1992, na Fundação Carlos Chagas. Ver também artigos que refletem esse enfoque, como os de Maria Laura P. B. Franco (1995), *Qualidade total na formação profissional: do texto ao contexto*; Gertrudes Knihns Medeiros (1995), *Formação profissional versus mercado de trabalho no Vale do Itajaí: um estudo avaliativo*; Augusto Caccia Brava Júnior (Unicamp, 1996), *A crise da formação profissional*; Luiz Gonzaga Godoi Trigo (1996), *A formação profissional nas sociedades pós-industriais*; Antonio Carlos Miranda (1998), *A importância do ensino profissionalizante básico para adolescentes de baixo poder aquisitivo*.

- *A sociedade do trabalho e a educação para a empregabilidade*

Cruz (1999) identifica a sociedade moderna como a *sociedade do trabalho*, caracterizada por experiências humanas de transformação do mundo, calçadas no avanço científico e tecnológico, na produção de bens e nas trocas sociais. É no mundo do trabalho que nos organizamos, planejamos nosso presente e futuro, realizamos experiências e nos afirmamos.

Para Cruz, o significado pessoal do trabalho tornou-se secundário diante do significado social, que se reflete na consciência humana. Ocorre um processo de despersonalização resultante da divisão entre o indivíduo e sua expressão social, diante da urgência de ser alguém na sociedade. O ser humano vai-se desumanizando na tentativa de suprir essas necessidades de ser social e de usufruir os bens do sistema de produção. O indivíduo embota sua afetividade, sua espontaneidade, sua criatividade, para adequar-se ao ciclo mercadológico.

Cruz retoma, assim, a realização subjetiva no trabalho como tema na discussão da formação profissional. Preocupa-se com a necessidade de conciliar a *qualidade formal*, ou seja, a capacitação técnica, com a *qualidade subjetiva*, relacionada às condições do sujeito que trabalha, à valorização do humano, considerando sua identificação com o trabalho, sua capacidade de incorporação de novos conhecimentos, suas formas de relacionamento interpessoal, os motivos que o levam a trabalhar.

Oliveira (1994) alerta que as novas exigências à qualificação profissional estão mais ligadas à valorização do ensino formal do que ao ensino profissionalizante. Essas novas exigências referem-se às ilhas de excelência e competitividade resultantes da modernização, portanto não são generalizáveis. Pondera que a questão não pode ser analisada apenas do ponto de vista econômico, das condições de acesso ao mercado de trabalho e dos ganhos de produtividade, mas que devem ser analisadas do ponto de vista dos interesses do exercício efetivo da cidadania. Defende um amplo programa de reforma do sistema educacional, capaz de converter o binômio *educação-trabalho* no trinômio *educação-trabalho-cidadania*.

Outra vertente das discussões atuais em relação à formação profissional trata das competências e habilidades requeridas aos trabalhadores diante da modernização do processo produtivo, enquanto base para reformas educacionais, visando à empregabilidade.

Por outro lado, estudos críticos de educadores discutem as bases ideológicas dessas propostas de formação profissional, manifestando seu inconformismo com a instrumentalização do trabalhador, enquanto recurso do processo produtivo, às condições do trabalho.

- *A sociedade educativa*

O problema da conciliação de uma cultura geral com as exigências de especialização renovada não é recente.

A ênfase da educação, no início deste século, foi a preocupação com a democratização do ensino e com a preparação para o exercício de uma profissão especializada, no quadro de uma cultura positivista. A gradual concretização desses objetivos abriu novas perspectivas: a educação tem sido criticada por sua qualidade, por realizar uma formação especializada e incompleta voltada para uma única direção e limitados interesses, limitando a capacidade das pessoas para enfrentarem situações que os ultrapassem e sua comunicação com outras pessoas, com inconvenientes graves como o desequilíbrio da personalidade.

Diante da dinâmica do desenvolvimento do trabalho, não é mais possível visar a uma formação especializada tradicional, para o exercício de uma profissão específica. A educação terá que preocupar-se com a preparação para o trabalho e também para o não-emprego, o lazer ativo, atribuindo maior importância à realização subjetiva.

Discute-se, então, o interesse de uma formação humana geral, uma cultura que resulte em orientações relativamente estáveis, capacitando para a formulação de projetos de vida a longo prazo, não intimidando o homem diante do

novo, das mudanças. Segundo Abbagnano⁴⁷, a formação de uma cultura assim requer o enfoque histórico humanístico e o espírito crítico experimental da cultura científica, aliados ao uso disciplinado da filosofia, fundando a capacidade de formular projetos de vida a longo prazo. Nessa linha, não propõe um currículo fechado e igual para todos, mas um projeto de trabalho e estudo coordenado com cada área de especialidade, que enriqueça o horizonte do indivíduo e mantenha o equilíbrio de sua personalidade.

Os debates mais recentes também remetem para a idéia de uma formação geral ampla, ao invés de uma formação especializada. Pereira (2000) defende que a educação pós-moderna dev voltar-se para uma sociedade universal, não para o particular e o contingente, com o propósito de encorajar o estudante na busca contínua de sabedoria e julgamento, de prepará-lo para todas as atividades e papéis que venha a desempenhar na vida. Propõe, como mudança, o trato de grandes categorias geradoras de ampla compreensão e não de especializações do conhecimento, ação e interação.

Delors (1999) representa esses debates em âmbito internacional. Para ele, o desemprego provocará uma reorganização dos modos de vida. A educação será valorizada na dinâmica das sociedades modernas, à medida em que diminui o tempo de trabalho, que este ameaça deixar de ser a referência principal da vida das pessoas.

Propõe uma nova concepção de educação como base para as reformas educacionais: a educação ao longo da vida, numa *sociedade educativa*, na qual tudo pode ser oportunidade para aprender e desenvolver os talentos pessoais. Nela, a aprendizagem deixa de ser voltada para um só trabalho. Passa a ter objetivo mais amplo, de preparar para uma participação formal e informal no desenvolvimento. É mais uma qualificação social que profissional, formando agentes de mudanças.

Tal educação é concebida como uma construção contínua da pessoa humana. Leva-a a tomar consciência de si própria, do meio em que vive e a

⁴⁷ Sobre o problema da cultura contemporânea de conciliar as exigências da especialização com a de uma formação humana equilibrada, ver o verbete CULTURA - em ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2^a. ed. SP: Mestre Jou, 1960, 1982.

desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e na comunidade. A realização pessoal é impulsionada pelo desejo de aprender. “A educação assume como papel principal conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino.”⁴⁸

De Masi (1999) trata o tema do desemprego com visão otimista. Para ele, o trabalho teve fases sucessivas de libertação. Até a Idade Média, libertou progressivamente o ser humano da escravatura. A Revolução Industrial o libertou da fadiga e a era pós-industrial libertou o homem do próprio trabalho. Segundo o autor, o suprimento de bens e serviços de que a humanidade necessita será realizado com um mínimo de trabalho humano. Acredita que o ser humano será capaz de reorganizar o sistema social em busca de um novo equilíbrio, revalorizando o ócio ativo, como forma de atendimento às necessidades dos que não trabalham e gratificando diferencialmente os que trabalham⁴⁹.

A discussão do lazer na vida humana tem merecido atenção crescente, nas últimas décadas. Segundo Winters e Hansen⁵⁰ (1976), embora não haja um acordo entre teóricos sobre os conceitos de lazer, este está se tornando cada vez mais um aspecto significativo da qualidade de vida individual e social, em virtude do aumento da expectativa de vida, da aposentadoria precoce, da diminuição da jornada de trabalho, do desemprego. No entanto, o trabalho continua a ser questão central na vida e as outras atividades dependem das condições em que cada um o realiza.

Em suma, os debates sobre as relações entre educação e trabalho geraram novas linhas de reflexão. Muitas questões encontram-se em aberto, tais como o papel da política educacional na configuração de um modelo final. As conclusões são provisórias, mas induzem a uma visão otimista: a possibilidade de

⁴⁸ DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação no século XXI. 3ª ed. SP: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1999, p.100.

⁴⁹ A respeito das implicações do desemprego na vida social, ver DE MASI, D. *Desenvolvimento sem trabalho*. SP: Esfera, 1999.

generalização de novas formas de produção gera condições para uma educação geral única, integral, flexível e crítica.

Talvez nesse modelo de educação possam ser abertas novas possibilidades para a orientação profissional, formulando um modelo integral e flexível, que enfoque a escolha de um tipo de trabalho e o desenvolvimento de carreira como um fenômeno complexo, tratado em suas dimensões psicológicas e socioeconômicas, preocupando-se em ajudar as pessoas em suas decisões em vista de sua realização subjetiva ao mesmo tempo em que contribui para o alcance dos objetivos maiores da nação.

1.4.4 - As tendências: um modelo psicossocial

Estudos mais recentes apontam para a aproximação dos enfoques psicológico e socioeconômico da OP numa perspectiva *psicossocial*, que reconsidera o papel da pessoa, sua capacidade de tomar decisões e de se auto-direcionar, mediante consciência dos limites e possibilidades próprios e do meio onde vive.

Silva⁵¹ procura articular os determinantes psicológicos e os sociais da escolha profissional, correlacionando probabilidades objetivas e aspirações subjetivas, de modo mais ou menos formalizado e deliberado, conforme a classe social e o grau de escolaridade do orientando. Para ela, as escolhas são orientadas pelo senso prático.

Numa perspectiva para *além da crítica*, Bock (1995) revê as relações entre trabalho e educação, indivíduo e sociedade, e destaca as idéias da *multideterminação* do humano e do *movimento* da sociedade. Concebe que “o indivíduo é e não é ao mesmo tempo reflexo da sociedade, da mesma forma que ele é e não é ao mesmo tempo autônomo em relação a ela. ... o indivíduo escolhe

⁵⁰ WINTERS, Arthur e HANSEN, James. *Toward an understanding of work-leisure relationships*, in PETERS, Herman J. e HANSEN, James C., op. cit. p. 26-30.

⁵¹ SILVA, L.B.C. *Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da profissão*, em BOCK, A.M.B. et al. *A escolha profissional*. SP: Casa do Psicólogo, 1995, p. 25-44.

e não escolhe (sua profissão ou ocupação) ao mesmo tempo”⁵². De acordo com a classe social, as pessoas estão mais próximas de um ou outro extremo de uma linha que tem como pólos a escolha total (determinismo individual, perspectiva liberal) e a não escolha total (determinismo econômico social, perspectiva crítica).

Bock ultrapassa, assim, os limites da ideologia liberal, segundo a qual o indivíduo pode tudo e também os limites da sua crítica, que nega o indivíduo, que não pode nada. Reconhece “que as pessoas detêm algum grau, por mínimo que seja, de possibilidade de intervenção em sua trajetória de vida”.

Tal concepção abre uma possibilidade transformadora para a OP, ao propiciar a compreensão de que vivemos numa sociedade opressora e injusta, que está em movimento, gerando algum grau de possibilidade das pessoas intervirem em sua trajetória de vida.

Esta perspectiva adotada para *além da crítica* aponta para uma concepção do fenômeno da escolha profissional como um fenômeno complexo e dinâmico, resultante das relações tensas entre indivíduo e sociedade, fatores também dinâmicos, fornecendo referenciais para um novo modelo teórico, no qual são considerados os dois pólos que têm sido tratados em separado: os aspectos psicológicos subjetivos e os sociais objetivos dos projetos pessoais de trabalho.

O que se constata da análise desses modelos é que, ao destacarem na análise do fenômeno caracterizado pela relação indivíduo-sociedade, apenas um polo da questão, contribuem para seu esclarecimento, mas mostram-se limitados para propiciar sua compreensão, por não tratarem do estudo dos determinantes característicos do outro polo, nem das relações entre ambos. A escolha da profissão fica, portanto, limitada à análise como um fenômeno individual ou como um fenômeno social, quando inclui ambos.

A busca de perspectivas para a OP superar esse impasse teórico inicia-se com a aproximação dos dois lados da questão, que vêm sendo tratados em separado.

⁵² BOCK, S.D. *Concepções de indivíduo e sociedade e as teorias em Orientação Profissional*, em BOCK, A.M.B. et al. *A escolha profissional*. SP: Casa do Psicólogo, 1995, p. 45-70.

CAPÍTULO 2º – METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo trata da metodologia de pesquisa adotada para o estudo – a análise de conteúdo. Inclui a descrição do perfil e das características dos sujeitos envolvidos, o procedimento e instrumentos utilizados para obtenção de dados, os critérios adotados para análise e interpretação dos resultados obtidos.

2.1 - Os sujeitos

Os sujeitos eleitos para o estudo são estudantes de curso pré-vestibular, onde atualmente se concentra o público-alvo da Orientação Profissional. Nesta etapa de seu desenvolvimento, a questão da escolha da profissão se torna mais aguda, seu trato impostergável, pois a inscrição para o processo seletivo para um curso superior requer a especificação do curso desejado.

O estudo foi realizado com 13 vestibulandos, estudantes do Cursinho do Sindicato dos Funcionários Públicos de Campinas. Os sujeitos são todos brasileiros, residentes na região de Campinas, com idade entre 17 e 29 anos, com nível médio de escolaridade concluída através do ensino regular ou supletivo, de escolas particulares ou públicas, com ambições de ingresso no ensino de nível superior e em dúvida sobre a carreira a seguir.

O grupo foi convidado pela coordenação da instituição, dentre os estudantes selecionados para participação de um programa de Psicodrama Pedagógico voltado para a Orientação Profissional, considerando-se apenas seu interesse pela OP e sua disponibilidade de horário.

A capacidade de participação no programa introdutório proposto foi referenciada nas teorias de desenvolvimento do pensamento, de Piaget e na teoria de desenvolvimento vocacional, de Super.

Segundo a teoria psicogenética de desenvolvimento cognitivo de Piaget, os estudantes encontram-se no período de operações formais. Suas estruturas cognitivas foram reorganizadas entre onze e quinze anos e assumem a forma definitiva, do pensamento adulto, lógico e abstrato⁵³.

O pensamento formal é orientado para o possível e o hipotético. Sua característica principal é a distinção entre o real e o possível, ou seja, a capacidade de lidar eficientemente com a realidade que o cerca e também com um mundo de pura possibilidade, de afirmações abstratas e proposicionais, de operações internas simbólico-representativas. Ao examinar um problema com que se defronta, a pessoa é capaz de imaginar todas as relações possíveis entre os dados em questão, fazer uma análise combinatória das variáveis do problema, para formar uma imagem cognitiva das possibilidades existentes.

Segundo Flavell (1996), como consequência dessas capacidades, costuma desenvolver-se um senso de onipotência do pensamento, um egocentrismo manifesto na forma de idealismo ingênuo, pleno de objetivos de reforma da realidade, reforçada pela desconsideração dos obstáculos práticos que podem se opor aos seus objetivos.

Adotamos também como referência para o estudo com vestibulandos a teoria de desenvolvimento vocacional de Super (1980). O autor defende a idéia de que a escolha da profissão não é um evento estanque e sim um processo longo e complexo. A definição da carreira corresponde a uma etapa de maturidade vocacional, um ponto numa escala contínua entre as primeiras fantasias sobre papéis ocupacionais adultos e o declínio da atividade de trabalho.

De acordo com Super, desde a infância, as pessoas desenvolvem um sentido de identidade, formando um autoconceito, num processo exploratório contínuo ao longo da vida, passando por diferentes fases, estabelecidas com base em suas expectativas socioeconômicas. Na faixa etária dos 15 aos 24 anos, as pessoas encontram-se no estágio da *exploração*, que apresenta as seguintes características:

⁵³ FLAVELL, John H. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. [trad. Maria Helena Souza Patto]. 5ª ed. SP: Pioneira, 1996. © 1965. 479p. Ver capítulo 6: *As operações formais e a percepção*, p. 207-270.

Auto-análise, representação de papéis e exploração ocupacional ocorrem na escola, nas atividades de lazer e no trabalho. Sub-estágios da fase de Exploração:

TENTATIVA (15-17). Necessidades, capacidades, valores e oportunidades são avaliados. Tentativas de escolhas são feitas e desenvolvidas na imaginação, nas discussões, nos cursos, no trabalho, etc.

TRANSIÇÃO (18-21). Acentuam-se as considerações em torno da realidade, à medida que o jovem entra para o mercado de trabalho ou para o treinamento profissional. Tentativas de auto-definição.

EXPERIÊNCIA (22-24). Um campo de interesse foi aparentemente definido. Experiência de trabalho nessa área. (pág. 160).

As observações realizadas em situações concretas indicam que, de modo geral, os estágios de desenvolvimento vocacional seguem esse modelo, embora não obedeçam, necessariamente as faixas etárias, podendo estender-se muito além, dependendo das experiências de vida e do significado que estas assumem para as pessoas.

Essas características do estágio de desenvolvimento cognitivo e vocacional das pessoas, em torno dos vinte anos, sugerem atitudes atentas dos orientadores, a partir da compreensão de que as pessoas percebem seu ambiente (programas, textos, tarefas, pessoas, ...) de formas que podem ser bastante diferentes das pretendidas pelos educadores. Segundo Fosnot⁵⁴, pode-se esperar induzir mudanças nos modos de pensar das pessoas apenas quando se tem alguma noção dos domínios de experiência, conceitos, relações conceituais e significados que têm para elas.

2.2 – Procedimento para coleta dos depoimentos

Observando-se os conceitos expostos acima em relação ao estágio de desenvolvimento cognitivo e vocacional dos estudantes, a coleta de dados foi

⁵⁴ FOSNOT, Catherine Twaney. *Construtivismo. Uma teoria psicológica da aprendizagem*. In FOSNOT, C.T. (org.). *Teoria, perspectivas e prática pedagógica* [trad. Sandra Costa]. PA: Artmed, 1998, 248p.

realizada em situação natural, com a proposta de uma discussão semi-dirigida, conduzida numa Oficina de OP, sobre o tema *Vida & trabalho: uma introdução à escolha da profissão*. A Oficina ocorreu em março deste ano, num único encontro, introdutório a um processo de Orientação Profissional, e teve duração aproximada de duas horas.

- *A Oficina de Orientação Profissional*

A Oficina de OP foi o primeiro encontro realizado com o grupo de estudantes para tratar da questão da escolha da profissão. O encontro foi iniciado com uma conversa com os participantes, procurando evocar suas reflexões a propósito da questão. As manifestações dos participantes indicaram que não costumam refletir sobre a questão da escolha da profissão. Foi comum a menção de comentários como “Ainda não parei para pensar na questão”. Estes comentários geram a oportunidade de transformar a mera conversa num diálogo, esclarecendo-se que o propósito da Oficina introdutória de OP consiste, exatamente, em “parar para pensar na questão”, ou seja, em refletir sobre ela, antes de iniciar o programa propriamente dito.

Propôs-se, assim, tematizar a escolha da profissão em termos de um plano de vida & trabalho, procurando-se explorar com os participantes questões de fundo pertinentes, propícias ao enriquecimento e estruturação de suas percepções, idéias e critérios, ao aumento da consistência no trato do problema. Procurou-se também esclarecer em que a OP pode oferecer recursos para buscar as respostas necessárias às questões identificadas.

Com o intuito de evitar-se os costumeiros discursos sumários, vagos e inconsistentes dos participantes e um discurso também sumário do orientador sobre o programa a ser desenvolvido no processo de OP e sua justificativa abreviada, diante da limitação do tempo disponível, a discussão foi orientada por tópicos, apresentados na forma das perguntas seguintes, sistematizadas a partir de temas discutidos nos primeiros encontros com outros grupos de orientandos:

(a) Quais são as suas expectativas prévias em relação à Orientação Profissional?

(b) Qual a importância da escolha de um *tipo de trabalho*? (c) Que fatores importa considerar na escolha de carreira? (d) Que problemas ou dificuldades enfrenta para tomar decisões quanto à futura profissão? e (e) Que expectativas tem, depois da discussão, em relação à Orientação Profissional para enfrentá-los?

As expectativas prévias em relação à OP. Os participantes registraram livremente suas percepções espontâneas, relatando-as e comentando-as com o grupo, confirmando a moda de mencionar a necessidade de orientação para identificação de características pessoais e informações sobre cursos e profissões para superar dúvidas, inseguranças, escolher ou confirmar a escolha de um curso ou uma profissão, a descoberta da vocação, com conotação de algo definitivo, duradouro, em vista de satisfação pessoal, realização pessoal e contribuição social. A única intervenção orientativa, quanto a esta questão, consistiu em esclarecer o que são expectativas prévias.

O trato às perguntas seguintes seguiu um esquema único, diferente do da primeira: o esclarecimento do teor da pergunta seguido pela troca de pontos de vista pessoais dos participantes, perguntas, observações, comentários. As intervenções orientativas consistiram na resposta a perguntas, no relacionamento entre temas, na sistematização das idéias apresentadas, eventualmente enriquecidas com informações. Cada pergunta gerou oportunidade para identificar e explorar temas a ela relacionados, conforme registrado em seguida.

A importância da escolha de um tipo de trabalho. Este tema possibilitou explorar as justificativas de cada um para suas escolhas. Para os participantes a escolha de um tipo de trabalho é importante porque é “para o resto da vida”, para não desistir depois, para garantir o “auto-sustento”, a sobrevivência. Também importa porque inclui uma contribuição para a sociedade. Importa fazer coisas agradáveis, de que gostem, que propiciem satisfação profissional, para produzir bem, realizar-se, ser feliz, isto é, desenvolver seu potencial, alcançar recompensas ou bem-estar físico, psicológico, social e financeiro.

As justificativas foram registradas num quadro, procurando-se sistematizar as noções de trabalho enfocadas sob dimensões filosóficas (horizontes da existência, realização do ser humano), psicológicas (harmonização

do perfil pessoal com as exigências da ocupação, escolha de carreira), econômicas (determinantes de ordem estrutural e conjuntural do trabalho, divisão técnica e social, produtividade, emprego), sociológicas (relações entre o indivíduo e a sociedade, o trabalho como função social, dever do cidadão).

Em suma, as justificativas dos orientandos expressaram expectativas de realização pessoal e profissional, a necessidade de escolher um tipo de trabalho correspondente às habilidades pessoais, de modo a poder exercê-las bem, ao longo da existência, por ser uma atividade com sentido, pessoalmente realizadora e assim obter recompensas financeiras, prestígio social, ser feliz.

As considerações e preocupações dos orientandos parecem concentrar-se, inicialmente, em dimensões filosóficas, pois visam ao sentido de suas escolhas na existência. A essa perspectiva segue-se a busca de uma direção específica para as escolhas, mais propriamente relacionada a uma dimensão do trabalho humano tratada pela Psicologia Vocacional, uma vez que destacam a meta de aprofundar o conhecimento de suas características pessoais. Depois destas foram manifestas preocupações com a questão das condições socioeconômicas de realização das escolhas.

Esta questão possibilitou também explorar o conceito de *transformação* em relação à existência humana, ao conhecimento, à ordem social e do trabalho e suas implicações em termos de mudanças na vida e no trabalho humanos, remetendo à abordagem da questão da incerteza e da relatividade das escolhas diante da dinâmica da vida pessoal e social, num mundo globalizado e em transformação.

A terceira pergunta refere-se *aos fatores a considerar na escolha da profissão*. Procurou-se sistematizar um quadro dos fatores determinantes da escolha da profissão. A tendência dos participantes foi de mencionar suas preocupações sob uma perspectiva particular, demonstrando certa dificuldade para distanciar-se e refletir sobre a questão em si. As manifestações tenderam a manter-se no âmbito dos fatores tratados na questão anterior.

Observando a sistematização do conjunto dos fatores mencionados, os estudantes puderam reconhecer a necessidade de considerar todos eles e

localizar suas dificuldades particulares. Os registros refletem essa visão particular. Um participante mencionou sua preocupação com o desconhecimento dos fatores a serem considerados. A maioria se deteve em fatores pessoais, como seus interesses, desejos, habilidades, motivação, aprendizagem, benefícios e recompensas. Mais rara foi a menção de fatores socioeconômicos, como o *status* da profissão no mercado de trabalho. Frequentemente aparecem registrados fatores de ordem pessoal associados a fatores de ordem socioeconômica, como integrantes de um único fenômeno.

A quarta questão trata dos *problemas ou dificuldades enfrentadas para tomar decisões quanto à futura profissão*. O propósito desta questão foi o de destacar as dificuldades particulares de cada um, tendo como referência o quadro resultante da questão anterior. Em vista de como a terceira questão foi compreendida, esta só a reforçou. Os comentários e registros dos participantes são pouco distintos dos feitos à terceira pergunta; são repetitivos ou complementares, mantendo o mesmo teor, concentrando-se em torno da necessidade de orientação e informação para definir uma carreira e mantendo o baixo índice de manifestação de preocupações com dificuldades e problemas a enfrentar na concretização das escolhas.

A quinta pergunta refere-se às *expectativas em relação à OP para enfrentar as dificuldades ou problemas identificados*, após a discussão. O propósito inicial da pergunta foi propiciar a concatenação das expectativas dos estudantes com um quadro mais globalizado da questão, além da ambição de possibilitar um confronto com as respostas às expectativas prévias para verificar a ocorrência de alguma diferença em termos de consistência de visão. Esses propósitos foram frustrados, pois não houve tempo hábil nem para discussão nem para os registros, que se tornaram sumários e repetitivos, senão ausentes de todo.

- *O registro dos depoimentos*

Foi solicitado aos participantes que registrassem, ao final do encontro, em depoimentos escritos livremente, suas percepções a respeito das

contribuições que este pudesse ter trazido para sua visão da questão da escolha da profissão e da OP, em resposta a uma pergunta ampla e orientadora: - *Que proveito você tirou deste encontro inicial?* Em resposta a pedidos de esclarecimento da atividade, foram acrescentados detalhes como: - *Na sua percepção, este encontro contribuiu para esclarecer a questão da escolha da profissão e da OP? Em que? ou “Dos temas discutidos neste encontro, o que foi significativo para você?”.*

Embora lhes tenha sido concedido tempo livre para registrarem suas percepções, sendo possibilitada a entrega posterior, a tarefa solicitada foi rápida e imediatamente realizada, pois dispunham de pouco tempo de intervalo antes do início do período de aulas e dificilmente disporiam de outro tempo, numa agenda de pré-vestibular. Foram entregues as anotações feitas ao longo ou ao término da discussão, seguindo os tópicos propostos. Os estudantes que chegaram atrasados, depois de iniciada a discussão, inteiraram-se do que estava sendo tratado e fizeram suas anotações. Alguns entregaram depoimentos incompletos.

Os documentos entregues não corresponderam aos programados e solicitados, mas foram considerados suficientes e adequados ao estudo, dado que continham a seleção do que cada participante havia julgado importante registrar a partir de uma longa e rica discussão.

2.3- Procedimento para análise e interpretação dos depoimentos

A análise e a interpretação dos depoimentos seguiu as fases propostas por Bardin (1991): a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

1. A pré-análise. Esta primeira fase teve o objetivo de sistematizar as idéias iniciais para organizar a exploração do material, incluindo a escolha de documentos, a formulação de hipóteses e objetivos e a identificação de indicadores para fundamentação da interpretação final. Os passos estão descritos a seguir.

A escolha de documentos, a constituição do corpus e o preparo do material. Todos os depoimentos escritos entregues pelos participantes da Oficina de Orientação Profissional foram definidos como documentos a serem analisados. Os depoimentos foram transcritos na íntegra e sem alterações ou correções, procurando-se manter a mesma estética adotada no original. Encontram-se nos anexos.

A formulação de hipóteses. A partir do conhecimento dos modelos de OP, as primeiras leituras visaram à familiarização, para compreender o sentido geral de cada um e de todos, como um único conjunto e formular as hipóteses iniciais, norteadoras da análise categorial temática.

Essas leituras mostraram que os discursos são densos, incluindo as mais diversas considerações dos vestibulandos sobre a escolha da profissão, em termos da justificativa de sua importância, dos fatores considerados, das dificuldades enfrentadas, das expectativas em relação à OP. O material é rico, embora um tanto truncado, pouco fluido, indicando pouca familiaridade com o tema. Embora os textos contenham inúmeras incorreções ortográficas, gramaticais e sintáticas, estas não representam prejuízo à compreensão de seu sentido.

As leituras iniciais resultaram na formulação das seguintes hipóteses:

- a) A abordagem dos orientandos à questão da escolha da profissão é fragmentária, manifesta em frases genéricas, em perguntas específicas e na ênfase em alguns poucos fatores determinantes, indicando uma percepção pouco clara da questão de modo global e dos elementos que a caracterizam, bem como da relação entre esses elementos, o que sugere a necessidade de uma abordagem compreensiva consistente do problema.
- b) Os elementos característicos da questão abordados no conjunto dos depoimentos referem-se aos determinantes tanto pessoais quanto socioeconômicos da escolha da profissão, tratados pelos modelos psicológicos ou não-psicológicos de OP. Não há, portanto, nenhum modelo que possa dar boa conta do conjunto de necessidades e expectativas explicitadas.

c) Os orientandos concentram suas preocupações, primeiramente, nos determinantes pessoais da escolha da profissão, o que requer que a análise desses fatores constitua parte integrante da OP.

A formulação dos objetivos. Os objetivos iniciais estabelecidos para a análise dos depoimentos incluíram a identificação dos temas emergentes nos discursos e sua posterior relação com os temas enfatizados pelas diversas abordagens teóricas da OP, com o intuito de avaliar em que medida poderiam atender às necessidades e expectativas dos orientandos e derivar indicadores para um modelo suficiente e satisfatório.

Os índices e indicadores. Foram adotados como índices de análise os temas emersos nos discursos, e como indicadores sua presença ou ausência nos depoimentos.

2. A exploração do material. Esta segunda etapa corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto em unidades para expressar seu conteúdo. O tratamento dos textos incluiu a especificação de unidades de registro e de contexto, a especificação de categorias de classificação e agregação e a enumeração.

As unidades de contexto. Para possibilitar a análise dos depoimentos, estes foram divididos em unidades de contexto, correspondentes aos tópicos discutidos na Oficina.

As unidades de registro. Os temas abordados em cada unidade de contexto constituíram as unidades de registro, base da análise, observando-se que "... tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em idéias constituintes, em enunciados e em proposições portadoras de significações isoladas." (Bardin, 1991, p. 105).

Procurou-se, então, identificar nos textos as unidades de registro, em termos de categorias percebidas como significativas no fenômeno, adotando-se a perspectiva de Orientação Profissional como referencial para a análise dos depoimentos dos sujeitos.

As unidades significativas identificadas no discurso direto do orientando (D.O.), expressas em linguagem leiga dos estudantes, foram traduzidas em discurso indireto, sintético e claro quanto ao seu significado inferido, denominado unidade transformada (U.T.), utilizando-se uma linguagem própria da Orientação Profissional ou do Português formal, dada a inexistência de uma linguagem consensual da OP, pois cada modelo adota um jargão próprio, relacionado à ciência em que se fundamenta e ao objeto de que trata. Procurou-se adotar a linguagem utilizada pelos modelos psicológico, não-psicológico e crítico.

As leituras, nesta etapa da análise, procuraram verificar exatamente o que o sujeito quis dizer, em seus próprios termos, buscando tematizar suas percepções e intenções para, em seguida, relacioná-lo a temas incluídos nas categorias estabelecidas.

Foram identificados temas como indecisão, insegurança, orientação para a escolha, informação profissional, exigências das ocupações, requisitos de formação profissional, trabalho para o atendimento a necessidades materiais da existência, descoberta da vocação, conhecimento de si, percepção de interesses e aptidões, critérios de escolha, influências da família e de amigos, desenvolvimento pessoal e profissional, realização pessoal, dificuldades socioeconômicas, conciliação de interesses pessoais e sociais.

As categorias de classificação e agregação. As unidades percebidas nos depoimentos dos sujeitos possibilitaram seu agrupamento em cinco categorias, segundo os temas abordados. A primeira relaciona-se à compreensão da questão da escolha da profissão e às expectativas gerais dos participantes em relação à OP. As demais correspondem a preocupações específicas relacionadas aos temas abordados pelos modelos de OP. Dentre estas, a segunda refere-se a todos os fatores de ordem pessoal envolvidos na escolha, incluindo os componentes da identidade pessoal e profissional, a tomada de decisão e a indecisão, o desenvolvimento do autoconceito e da maturidade vocacional, os comportamentos eficazes e o *stress*. As três últimas categorias (3, 4 e 5) referem-se aos fatores ambientais intervenientes nas escolhas.

As categorias identificadas, então, foram as seguintes:

1. As expectativas gerais em relação à OP e a compreensão da questão.
2. Os fatores pessoais da escolha da profissão
3. A Informação Profissional: os cursos e as profissões
4. Os fatores socioeconômicos da escolha da profissão
5. As limitações à liberdade de opção e a construção de uma nova ordem social

A contagem. A análise tratou da totalidade dos textos, identificando e classificando os temas emersos nas categorias, considerando como critério principal sua presença ou ausência.

3. O tratamento dos resultados e interpretações. Esta fase da análise incluiu as operações estatísticas, a síntese dos resultados, as inferências e interpretações dos dados resultantes das fases anteriores.

As operações estatísticas. Foram restritas ao registro de presença das unidades significativas nas categorias. Esse registro encontra-se apresentado na tabela abaixo.

Tabela 1
As categorias de unidades significativas e os depoimentos onde foram identificadas.

categoria de unidades significativas = temas	número dos depoimentos
As expectativas gerais em relação à OP e a compreensão da questão ...	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
Os fatores pessoais da escolha da profissão	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
A Informação Profissional: os cursos e as profissões	1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12
Os fatores socioeconômicos da escolha da profissão	1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13
As limitações à liberdade de opção e a construção de uma nova ordem social	4, 9, 10, 12

A síntese e a interpretação dos resultados. Nesta etapa da análise, procurou-se descrever sinteticamente o sentido da comunicação, realçando, num segundo plano, os significados de natureza psicológica e socioeconômica. Finalizando o capítulo, encontra-se a síntese geral das unidades significativas transformadas. Os indicadores para o aperfeiçoamento de modelos e programas de OP e orientações para outros estudos, destacados dos resultados da análise, foram incluídos nas conclusões.

CAPÍTULO 3º – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: A PERSPECTIVA DOS ORIENTANDOS

Este capítulo trata do estudo da perspectiva de visão dos orientandos sobre a escolha da profissão e a OP, em pesquisa realizada diretamente com eles. Trata da análise e interpretação dos discursos dos orientandos.

O estudo da perspectiva dos orientandos procurou sondar diretamente as visões de um dado grupo de pré-vestibulandos, buscando-se esclarecer, o mais precisamente possível, suas percepções e preocupações em relação à escolha da profissão e suas expectativas em relação à OP, em vista de confirmar a suposição inicial da existência de diferenças de perspectivas de visão entre orientadores e orientandos e identificar indicadores para o aperfeiçoamento de modelos teóricos e programas de OP.

3.1 – As unidades significativas

- *As expectativas gerais em relação à Orientação Profissional e a compreensão da questão da escolha da profissão*

Discurso do Orientando - D.O. – “Eu, particularmente espero que o psicodrama me ajude a definir minha profissão. ... Que possa servir de apoio para me ajudar na área da carreira... Minha carreira já está quase decidida. ... procuro nessa profissão me realizar, ou seja, ter recompensas financeira, físicas, psicológicas e ser feliz. (Dep. 1).

Unidade Transformada - U.T. – A expectativa do orientando é que a OP o ajude a definir sua profissão ou carreira. Preocupa-se com sua realização, com a obtenção de recompensas financeiras, físicas, psicológicas, o que para ele significa ser feliz.

D.O. – “Por ser uma pessoa confusa e muitas vezes indecisa, eu não tenho qualquer idéia sobre qual profissão seguir. A impressão que tenho é de que

não tenho vocação para nada. Eu adoro a natureza, mas será que este é um bom motivo para seguir Ciências Biológicas? ... Minhas expectativas aqui são justamente a esperança de (descobrir) ... que profissão seguir. ... O meu objetivo é realmente a felicidade: não é ser rica ou ter status. Eu só quero o suficiente para viver bem. Se pra viver bem não fosse necessário ter dinheiro, eu ficaria sem trabalhar sem o menor problema. Mas já que as coisas não são bem assim, já que eu vou ter que estudar e trabalhar pro resto da minha vida, que seja algo que eu goste. As vezes a vontade que tenho é a de pegar meu namorado e irmos juntos a alguma ilha deserta e morar lá pro resto da vida. ... Na minha opinião essa história de que todo mundo quer se realizar profissionalmente, ou melhor (acho que não me expressei bem), que as pessoas precisam de uma profissão e sem ela não há felicidade vai da cabeça de cada um, não encaro isso como regra ou verdade. ... Há pessoas que moram no meio do nada, não têm qualquer bem material além de uma casinha de madeira e são felizes assim. Há pessoas que escolhem isso, é uma opção. ... Eu não estou nem aí pro capitalismo, ... O problema do ser humano é justamente querer tudo ao mesmo tempo, e isso é relativamente impossível. ... Primeiro quer ter dinheiro, depois quer mais dinheiro e depois quer mais e mais dinheiro. É uma outra questão de opção. Mas do que vale ter muito enquanto há pessoas que não tenham o que comer, onde morar, do que se orgulhar? ... O que eu quero para mim é o meu amor, ter uma casinha, ter meus filhos, poder educá-los. Pra que mais? ... o tipo de carreira é importante porque, poxa!, o resto da vida é muita coisa, passar o resto da vida fazendo coisas não agradáveis nunca traria satisfação profissional a alguém. Para se ter essa satisfação é preciso produzir bem, estar contente com. ... E eu sei lá! Esses fatores são justamente a resposta para o que estou procurando. Se eu soubesse tais fatores eu saberia a carreira que devo escolher. Ora! Não faço idéia do que devo fazer e o quê pode me ajudar nisso. ... Meus problemas e/ou dificuldades no momento, em relação a exercer uma profissão, é justamente a bendita profissão.” (Dep. 2).

U.T. – A expectativa do orientando é descobrir a profissão a seguir. Espera ajuda para identificar os fatores a considerar na escolha de carreira e não sabe de onde obtê-la. Questiona se seu interesse pela natureza constitui um bom

motivo para a escolha de um curso/ profissão e quais critérios e valores que devem orientar essa escolha em vista de sua realização pessoal. Preocupa-se também com o atendimento a necessidades materiais e com problemas sociais.

D.O. – “Eu não tenho noção do que eu quero fazer no meu futuro, eu espero, como o próprio nome diz, uma “orientação profissional” informações, descobrir o que eu quero realmente ... Informação para uma escolha correta. “Escolha” essa é a palavra que espero.eu não quero escolher uma carreira que vá desistir depois e sim realmente alguma carreira que eu gosto, me sinta feliz.” (Dep. 3).

U.T. – O orientando espera orientação profissional e informações para sua escolha. Para ele é importante a escolha de um tipo de trabalho que corresponda a seu gosto, para ser duradoura e proporcionar felicidade. (Dep. 3).

D.O. – “Eu espero que, através desta orientação vocacional, consiga “achar” (“me achar”) um caminho entre tantas ao meu interesse. ... A única coisa que tenho certeza é que preciso trabalhar em favor de alguma comunidade e desenvolver algum projeto de pesquisa. -- abertura de caminhos (mente)... -- melhor visualização das oportunidades ... O tipo de carreira que quero para mim é no sentido de promover, proteger e recuperar a qualidade (melhor qualidade) de vida da sociedade (não específica). ... Trocar conhecimentos, ensinar. ... Acrescentando retorno financeiro e satisfação pessoal, com possibilidades de “inovar”, fazer diferente (“inovar” me dará (fará) feliz.” (Dep. 4).

U.T. – O sujeito espera encontrar um modo de pensar para escolher entre vários interesses. Declara a necessidade de trabalhar em benefício de uma comunidade e de desenvolver um projeto de pesquisa. Para ele importa uma carreira que vise à qualidade de vida da sociedade. Espera obter recompensas financeiras e psicológicas para ser feliz.

D.O. – “Espero me auto conhecer e decidir a minha carreira profissional (confirmar se é realmente Medicina que eu quero). ... Espero tirar minhas dúvidas, abrir mais minha cabeça e quem sabe não mudar de curso? ... A importância fundamental para mim é a satisfação pessoal; que eu sinta prazer e seja recompensado por isso.” (Dep. 5).

U.T. – O orientando espera aprofundar o conhecimento de si mesmo, ampliar sua visão, superar dúvidas, para confirmar sua opção atual. A satisfação pessoal e a recompensa são critérios fundamentais para a escolha de um tipo de trabalho.

D.O. – “Eu decidi participar do psicodrama para receber de pessoas com experiência de trabalho e de vida maior que a minha, pois vou começar agora, já tenho em mente o curso que quero fazer, tenho muita vontade de fazer Direito, e estou aqui para tentar esclarecer minhas dúvidas, tenho medo de começar e perceber que não é isso realmente o que quero. Espero também que o curso possa mostrar-me como progredir sempre e nunca ficar parada no tempo. Acho que este curso vai ser muito útil além da vida profissional mas para minha vida pessoal. ... Que possa servir de apoio, para eu aplicar na minha carreira”... Independente do tipo de trabalho, ele é muito importante e demais necessário na vida do ser humano. É preciso trabalhar para poder se auto-sustentar, morar enfim o dinheiro é a palavra-chave de tudo isso, você só obtém dinheiro se trabalhar. É muito importante você escolher uma carreira, de preferência aquela que mais chamar sua atenção, porque se você faz o que gosta, vai ser mais fácil de se obter sucesso na área. O que não pode acontecer de maneira alguma é ficar sem trabalhar. As pessoas do universo inteiro passam a vida toda trabalhando para sobreviver.” (Dep. 6).

U.T. – A expectativa do sujeito é ter apoio de pessoas com maior experiência de vida e trabalho que a dele. Espera esclarecer dúvidas para confirmar sua opção, temendo frustrações. Espera, também, orientação para seu desenvolvimento contínuo. Considera o trabalho questão de importância central na vida do ser humano, por seu sentido e seu papel no atendimento a necessidades materiais. Deseja um trabalho atraente, com atividades de que goste, para obter sucesso.

D.O. – “Espero que eu me identifique com alguma profissão, pois tenho muitas dúvidas e incertezas quanto ao futuro, e quanto a minha realização pessoal, pois entro em contradições. ... Quero que no final do curso tenha tido orientação para que me decida. Não quero que me falem o que fazer, mas sim

que me deem dicas e me mostrem qual caminhos possíveis dentro dos meus ideais e sonhos. ... Em primeiro lugar o bem-estar físico-mental, e qualquer profissão ou trabalho não seria suficiente porque quero desenvolver o máximo o meu potencial e acredito que para isso você tem que ter certeza do que quer ou deseja.” (Dep. 7).

U.T. – O orientando espera orientação para identificar-se com uma profissão e decidir-se com autonomia, considerando seus ideais e sonhos e os caminhos para sua concretização. Na escolha de um tipo de trabalho, visa primeiramente seu bem-estar físico e mental e enfrenta incertezas quanto ao futuro, pois quer realizar-se e para isso acredita ser necessário ter certeza do que deseja.

D.O – “Eu espero dessa Orientação, que me ajude a ver em que área profissional eu devo prosseguir, então, é claro que eu vou me ajudar, mas eu preciso da ajuda da orientação por que eu não tenho a mínima idéia para o que devo prestar vestibular. ... E também espero saber um pouco mais sobre esse curso, pois eu não sei o que é. ... Enfim, até é difícil de descrever pois eu estou muito perdida, o Vestibular já é no fim do ano e eu ainda não defini a área que eu quero.Eu ainda não sei bem o que desejo em relação ao trabalho. Mas eu gosto muito de ver todos ao meu redor feliz, de bem com a vida então na Universidade eu quero algo relacionado nisso.” (Dep. 8).

U.T. – O orientando espera orientação para escolher uma área profissional e um curso para candidatar-se no vestibular. Também espera saber mais sobre a própria orientação, pois não sabe o que é. Procura relacionar a escolha de seu futuro trabalho a um objetivo maior, a felicidade própria e alheia, o bem-estar. Parece desejar compreender melhor a questão do papel do trabalho da busca de realização de seus objetivos.

D.O. “Espero que depois desta orientação eu consiga me decidir do que fazer, pois quero fazer tantas coisas que ao mesmo tempo acabo não querendo nada. Estou me sentindo como cego em tiroteio. ... O que eu quero e trazer o que tem de bom para a sociedade fazendo o melhor para ambos.” (Dep. 9).

U.T. – A expectativa é decidir-se por um curso/profissão. O sujeito considera importante a busca de conciliação do fazer bem para si mesmo e para a sociedade na escolha de um tipo de trabalho.

D.O. – “Quero sair convicta da minha profissão (formação profissional). ... Chegar num “caminho” que me traga convicção. Saber se realmente quero tal curso e me sentir feliz, realizada. ... Obs.: Dentre os escolhidos na resposta 01 – gostaria de saber qual me traria bem-estar. ... * É importante sentir prazer no que se faz. Isso é o que busco para minha vida. ... * Fazer a escolha correta: -- Pensar no bem-estar físico, social e psicológico ... -- Conhecer o curso que me traga prazer pessoal. Aquele que pretendo estudar. -- Saber porque quero estar exercendo determinada profissão.” (Dep. 10).

U.T. – O sujeito espera que a orientação profissional lhe proporcione segurança na escolha de uma profissão. A importância de escolher um determinado tipo de trabalho, para ele, concentra-se na busca do prazer na atividade, no bem-estar físico, psicológico e social. Importa saber o porquê do exercício da profissão escolhida.

D.O. – “-- Tenho certeza em relação à profissão escolhida, mas quero saber minha vocação, para depois optar; ... Me situar na informação/orientação. ... A importância maior é a minha realização pessoal, pois é isso que eu quero, que sempre quis.” (Dep. 11).

U.T. – O orientando espera saber sua vocação para confirmar sua opção profissional, que a OP o ajude a situar-se. Considera a realização pessoal o critério mais importante para sua opção.

D.O. – “Estou participando do psicodrama para me ajudar escolher o curso que eu vou fazer, pois existem muitos e é muito difícil escolher aquele em que vou gostar, me satisfazer pessoalmente e ajudar a sociedade de alguma forma. Preciso escolher bem, pois vou ter que estudar por um bom período da minha vida, e se eu não gostar, não vou conseguir ficar me aperfeiçoando por muito tempo. ... Para que eu possa escolher com maior tranquilidade que profissão seguir e não me frustrar ao longo do curso. ... O tipo de trabalho envolve o bem estar físico e psicológico, satisfação pessoal e uma contribuição social:

para isso precisamos ter conhecimento do tipo de trabalho, e acima de tudo ser feliz naquilo que faz.” (Dep. 12).

U.T. - O sujeito espera ajuda para escolher o curso/profissão com tranquilidade e evitar frustrações. Preocupa-se em conciliar satisfação pessoal com uma contribuição social no trabalho, o que requer conhecimento do trabalho.

D.O. – “Eu quero fazer Medicina e gostaria de ter certeza se é isso que pretendo p/ minha vida profissional. ... Eu quero medicina porque gosto e me interessa muito ... espero ter mais segurança na hora de fazer o meu vestibular.” (Dep. 13).

U.T. O orientando procura orientação para sua opção de carreira, até a especialização, para ter maior segurança no vestibular. A importância do tipo de trabalho escolhido, para ele, aparece sintetizada em seus gostos e interesses.

- Síntese das unidades significativas transformadas

Os depoimentos dos orientandos revelam que enfrentam dúvidas e incertezas quanto ao futuro. Suas expectativas gerais em relação à OP convergem, todas, para que esta os ajude a confirmar ou definir opções em relação a um curso de qualificação profissional e/ou uma profissão, carreira profissional, incluindo, para um, até a escolha de uma especialização profissional futura.

Para atingir esses objetivos, a ajuda que esperam é no sentido de obter apoio de pessoas com maior experiência de vida e trabalho, obter informações e orientação para um modo de pensar, para ampliar sua visão, situar-se, superar dúvidas, identificar os fatores a considerar na escolha de carreira, aprofundar o conhecimento de si mesmos, identificar-se com uma profissão, decidir-se com autonomia, alcançar maior tranquilidade para escolher e segurança sobre as escolhas feitas, evitando frustrações.

Além dessas expectativas, alguns sujeitos declaram a necessidade de saber mais sobre a própria OP e seus recursos. Outro espera orientação para seu desenvolvimento continuado.

Em relação à compreensão da questão da escolha da profissão – ou de um tipo de trabalho –, os depoimentos dos orientandos revelam a preocupação deles com a importância do trabalho na vida do ser humano e da sociedade, seu sentido e seu papel na busca de realização, de modo bastante idealizado.

O fim visado pelo futuro trabalho é, primeiramente, sua realização pessoal, sua felicidade, representada, principalmente por satisfação pessoal, psicológica, prazer, interesse e gosto pelo que fazem.

A realização pessoal inclui também, embora com menor frequência e ênfase, a expectativa de recompensas financeiras necessárias ao atendimento de necessidades materiais da existência.

Nota-se a preocupação frequente com a conciliação da sua satisfação pessoal com uma contribuição social. Importa que o trabalho contribua para a minimização de problemas sociais, para a otimização da qualidade de vida da sociedade.

São raros os depoimentos que incluem expressamente a necessidade do conhecimento do trabalho em si ou outras preocupações inerentes às condições concretas de realização.

Questionam quais critérios devem orientar a escolha de um trabalho específico. Importa saber o porquê do exercício da profissão escolhida.

- *Os fatores pessoais da escolha da profissão*

D.O. – “... saber se tenho aptidão para exercê-la.... Eu gosto muito de me relacionar com pessoas.” (Dep. 1)

U.T. – O sujeito espera ajuda da OP para confirmar sua escolha da profissão, considerando suas aptidões e interesses pessoais.

D.O. – “... (difícil é saber o que eu gosto)... já que eu tenho que trabalhar e estudar pro resto da vida que seja algo que eu goste.” (Dep. 2).

U.T. – Importa para o sujeito que seu estudo e trabalho seja do seu gosto, para ser duradouro. O problema é definir seus interesses específicos.

D.O. – “Na minha opinião, uma carreira que me dê vontade para fazer, trabalhar porque sem vontade uma pessoa não trabalha e nunca consegue melhorar os outros fatores necessários. A motivação é fundamental. (Dep. 3).

U.T. – O sujeito considera a motivação fundamental para trabalhar e atingir seus objetivos.

D.O. – “Hoje considero importantes os seguintes: ... -- Desenvolver um trabalho, pesquisa; construir algo (abstrato, ...) ... – Dividir, passar a diante (trabalho, ensino em grupo) ... – Lidar com seres humanos saudáveis, não necessariamente “felizes”, “de bem com a vida” ... – Quero lidar com problemas e buscar caminhos (sugestões) p/ melhora dos mesmos. Tipos de problemas: não sei!!! ... – equilíbrio emocional ... – recuperação de auto-estima e confiança.” (Dep. 4).

U.T. – O sujeito considera alguns interesses e objetivos pessoais como fatores importantes a serem considerados na escolha de sua profissão. No entanto, esses interesses são vagos e sente necessidade de especificá-los melhor. Espera que a OP o ajude a conquistar equilíbrio emocional e a recuperar auto-estima e confiança.

D.O. – “O prazer pessoal, a matéria que “me dou melhor” (Biologia) e saber que eu quero cuidar de pessoas doentes. ... o medo de começar e não gostar do curso ... tenho que confiar mais em mim, mas para isso ter certeza se é realmente Medicina que eu quero.” (Dep. 5).

U.T. – O sujeito espera confirmar sua opção, considerando seu bom desempenho numa disciplina e seu interesse por determinado objeto de trabalho. Teme não gostar do curso. Procura certeza para confiar mais em si mesmo diante das dificuldades apresentadas pela área escolhida.

D.O. – “Como eu escolhi Direito, e pretendo seguir carreira nesta área e estar sempre aperfeiçoando-me para me tornar uma ótima profissional ... mas esse curso realmente puxa minha atenção; eu gosto de ler e acho que vou me “dar bem” nessa área. ... Pretendo e até hoje não pensei em hipótese de fazer outro curso, por isso acho que não vou ter muitas dificuldades de ir para frente. ... Eu sempre gostei bem mais da área de humanas, por isso estou certa.” (Dep. 6).

U.T. – Para o sujeito é importante considerar seus interesses na escolha de uma carreira para fazer o que gosta e alcançar sucesso, tendo preferência por uma área de conhecimento específica.

D.O. – “ me sentir completa ... * ter empolgação no que está realizando ... * bem estar mental... Estou preocupada, porque não gosto de trabalhar com muitas pessoas, não suporto competição, rivalidades sou muito direta e impulsiva, não consigo esconder quando estou mal ou incomodada, aliás faço questão de demonstrar. Mas quero algo que ajude pessoas no seu bem estar mental; me fascina o poder da mente, quero conversar, ajudar pessoas para que não cheguem em situações deploráveis. ... Penso que se eu conversar com pessoas e tentar orientá-las, talvez eu possa melhorar a vida de muitas. ... Penso na Psicologia, será que tenho chance de ser feliz sendo e pensando dessa forma?” (Dep. 7).*

U.T. – O sujeito considera como fatores críticos de sua escolha a identificação com alguma profissão que lhe possibilite concretizar seus interesses, que lhe proporcione motivação e realização, que se harmonize com seu modo de ser.

D.O. – “O meu bem estar Psicológico acima de tudo, Felicidades, ... (falta) orientação ... sobre minhas escolhas.” (Dep. 8).

U.T. – O orientando procura orientação para escolher uma profissão visando, primeiramente, seu bem-estar psicológico, sua felicidade.

D.O. – “Eu tenho uma grande vontade de fazer Psicologia, mas também gostaria de fazer Jornalismo, Hotelaria e Turismo, Artes Cênicas, etc. ... Deixei a possibilidade de fazer Psicologia, porque algumas pessoas que estão fazendo me disseram que exige muita leitura, que não é o meu forte, e alguns amigos que hoje são médicos, disseram que eu corro um serio risco de ficar depressiva. ... O bem estar Psicologico acima de tudo ... (falta) orientação das minhas “escolhas”. (Dep. 9).

U.T. – O sujeito se ressentido da falta de orientação para definir escolhas que favoreçam especialmente seu bem-estar psicológico, considerando seus interesses, habilidades, características de personalidade e limites.

D.O. – “Posso dizer que tenho uma tendência para Letras pois, sempre quis ser uma Escritora mas, lendo alguns literários percebi que a maioria deles era formada em Direito porém, muitas vezes vendo pessoas sofrendo em leitos hospitalares, vejo-me ajudando de maneira eficiente e para isso almejo uma profissão e com maiores conhecimentos. Seria então uma Enfermeira. ... → Pensando melhor, revisando o meu eu sempre fui atraída e impulsionada p/ Letras e manter contato c/ pessoas agrupadas. ...” (Dep. 10).

U.T. – O orientando deseja convicção e clareza das razões para confirmar a opção por uma determinada profissão pela qual sente-se atraído, de modo a sentir-se feliz, realizado.

D.O. – “ ... -- Há em mim algumas idéias sociais, junto a área que escolhi ... que gostaria de pôlas em prática;... – Quero renovar pontos da minha personalidade. ... assistência social (ajuda) (3º lugar) ... realização do “eu” (1º lugar).” (Dep. 11).

U.T. – O orientando considera seus interesses pela área social em vista de realização pessoal, em primeiro lugar, entre outros critérios.

D.O. – “ – é o que eu gosto? ... -- sei fazer bem? ... – muitas escolhas que dificulta na decisão ... -- orientação para que profissão fazer.” (Dep. 12).

U.T. – O sujeito destaca a necessidade de orientação para a escolha de uma profissão, dentre as muitas possibilidades, que seja compatível com seus interesses e habilidades.

D.O. – “1º deve gostar para poder fazer bem o que escolher ... Para mim seria uma especialização porque quero a medicina, falta de orientação para a especialização.” (Dep. 13).

U.T. – O sujeito considera que a orientação para a escolha da especialização, em função de seus interesses, reforçaria sua opção.

-- Síntese das unidades significativas transformadas

Dentre os fatores considerados na escolha da profissão, os depoimentos de todos os sujeitos privilegiam determinantes pessoais,

coerentemente com os fins visados: a identificação com uma profissão, a realização pessoal, o bem-estar psicológico, a felicidade.

Para atingir seus propósitos, importa fazer o que gosta, que o trabalho seja motivado, agradável para produzir bem, alcançar a satisfação pessoal e profissional, o sucesso. Entretanto, essas finalidades últimas do trabalho humano não apontam para nenhuma atividade específica e os interesses mostram-se um tanto vagos, idealizados. O problema é definir interesses específicos e qual profissão leva ao alcance desses objetivos.

Manifesta-se o temor de não gostar do curso, da frustração e da descontinuidade de seus projetos, caso a escolha não seja bem feita. Procuram fazer escolhas duradouras.

Assim, voltam-se para o apoio da OP para aprofundarem o conhecimento de si mesmos, especificarem sua identidade pessoal (habilidades, interesses e traços de personalidade, motivos, necessidades, limites) em vista de definir uma atividade profissional correspondente, que se harmonize com seu modo de ser.

Em um terço dos depoimentos os sujeitos demonstram interesse pela orientação como recurso para a implementação do autoconceito, da personalidade, do desenvolvimento da carreira, numa visão estendida da escolha.

O confronto entre interesses gerais idealizados e dados concretos sobre exigências de áreas específicas é gerador de conflitos e insegurança. Assim, não são raras as menções a expectativas de que a OP ajude a conquistar equilíbrio emocional, a recuperar a auto-estima e a confiança em si. Alguns declaram a procura de clareza de razões, de convicção, de certeza para confiar mais em si e enfrentar dificuldades.

Em seus discursos, três dos orientandos manifestam suas preocupações com comportamentos cotidianos como indicadores úteis à escolha da profissão, identificando áreas de bom desempenho, comportamentos que gostariam de mudar, outros que constituem limites à realização de sua opção ou ameaças à sua personalidade.

Um terço dos depoimentos sugere dificuldades na tomada de decisão em si diante de múltiplas alternativas, enquanto processo que requer informações concretas e critérios claros.

A menção à necessidade de *informação* associada à *orientação*, muito frequente numa mesma oração, parece antes referir-se a uma informação formal sobre o perfil do curso ou da atividade profissional para buscar aquela que atende melhor aos seus interesses pessoais e não sobre as condições reais de trabalho na sociedade.

Em suma, destacam-se entre os fatores considerados relevantes para consideração na escolha da profissão os pessoais, referindo-se a uma multiplicidade de características a serem analisadas e a possíveis conflitos entre estas e os quesitos dos cursos e profissões, envolvendo a necessidade de aprofundamento de orientação e informação, de modo a favorecer a clareza de critérios e dados para uma melhor fundamentação das opções.

- *A Informação Profissional: os cursos e as profissões*

D.O. – “... e conhecer mais a respeito do que pretendo estudar no 3º grau.” (Dep. 1).

U.T. – O orientando espera obter informações sobre os cursos de nível superior, para considerá-las na definição de sua profissão.

D.O. – “Eu espero obter informações sobre profissões, não as profissões que existe e não as comuns, mas o que fazem as pessoas nessas profissões. ... Isso é confuso na minha cabeça, falta conhecimento. ... Muita falta de informação porque se eu escolher uma profissão que não tem nada a ver comigo, eu não vou ter vontade e não vou chegar a lugar nenhum.” (Dep. 3).

U.T. – O sujeito espera obter informações sobre as atividades realizadas pelos profissionais, para confrontá-las com suas características pessoais.

D.O. – “→ Dificuldades sobre as carreiras que cogito (não conheço a fundo o sentido de cada uma) só superficial.” (Dep. 4).

U.T. Entre as dificuldades enfrentadas para a escolha da profissão, o sujeito especifica a falta de informação sobre as carreiras.

D.O. – “A falta de informação...” (Dep. 5).

U.T. – O orientando manifesta a necessidade de obter informações mais detalhadas sobre o curso em vista, para confirmar sua opção.

D.O. – “... Mas não conheço, não tenho idéia como atua realmente o Direito com o povo... Não conheço por dentro, a fundo o Direito realmente, mas é o curso que quero fazer. ... Vou procurar obter mais informações à respeito do Direito, afinal tenho obrigação.” (Dep. 6).

U.T. – O orientando declara sua intenção de buscar informações sobre a atuação profissional relacionada à área de seu interesse.

D.O. – “Informação; pois para mim falta informação ... e também sobre minhas escolhas.” (Dep. 8).

U.T. – O sujeito considera necessária a informação sobre as profissões escolhidas.

D.O. – “No meu caso falta informação” (Dep. 9).

U.T. – O orientando ressent-se da falta de informações para fundamentar sua escolha.

D.O. – “ Quanto ao curso – quero ter uma visão ampla do mesmo através de orientações.” (Dep. 10).

U.T. – O orientando manifesta seu interesse por ter amplas informações sobre o curso pretendido.

D.O. – “(Me citar) na informação....” (Dep. 11).

U.T. – Parece importar, para este sujeito, obter informações, além da orientação, para situar-se.

D.O. – “ ... falta de informação sobre as profissões “ (Dep. 12).

U.T. – O orientando aponta a falta de informação sobre profissões como um dos problemas enfrentados na escolha da carreira.

- *Síntese das unidades significativas transformadas*

A maioria dos depoimentos dos orientandos faz menção à necessidade de *informação* sobre os cursos de qualificação profissional e as profissões pretendidas.

Essa necessidade aparece ao longo dos depoimentos, às vezes repetidamente, tanto nas expectativas gerais em relação à OP, quanto entre os fatores a serem considerados na escolha e nas dificuldades ou problemas enfrentados.

Tal informação aparece, frequentemente, associada à orientação, como parte integrante dela, sugerindo antes o interesse em confrontar o perfil do curso ou profissão pretendido com o perfil pessoais de interesses que a condições concretas de estudos e de exercício profissional.

Uma quarta parte dos sujeitos não menciona a necessidade de informações. Outros a associam apenas ao curso, outros a estendem ao perfil das profissões de modo vago, genérico.

- *Os fatores socioeconômicos da escolha da profissão*

D.O. – “Tudo o que vou aprender dentro dela, o status que terei, a importância que ela possui dentro do mercado e quais benefícios terei ao concluir estes estudos.... Eu tenho certeza do que quero fazer, mas conheço pouco e gostaria de me aprofundar para realmente saber quais os benefícios e os problemas enfrentarei nessa carreira.” (Dep. 1).

U.T. – O sujeito considera importante informar-se melhor sobre seu status futuro, a valorização da profissão no mercado de trabalho, os problemas enfrentados e as recompensas esperadas, para desenvolver-se na carreira.

D.O. – “ ... (descobrir) o meu papel nesse mundo, ... , já que o mundo exige isso de mim.” (Dep. 2).

U.T. – A expectativa do sujeito em relação à orientação é definir seu papel na ordem social do trabalho, atendendo a uma exigência social.

D.O. – “ ... e não o que minha mãe e meu pai diz que eu devo fazer.”
(Dep. 3).

U.T. – O orientando espera identificar seus próprios desejos em relação ao futuro, distinguindo-os das expectativas familiares.

D.O. – “→ Problema em relação a idade (me considero “velha” para começar agora) ... → Dificuldade em saber onde posso desenvolver minhas pretensões. ... melhor visualização das oportunidades ... ” (Dep. 4).

U.T. – O orientando inclui entre as dificuldades enfrentadas para sua opção a falta de informações sobre o curso ou o campo de atuação profissional e as oportunidades efetivas de exercício existentes na ordem do trabalho, relacionadas às alternativas em vista.

D.O. – “Sei que a Medicina teve uma grande queda, de uns anos para cá, mas quero partir para essa área para reergue-la e descobrir curas para as doenças que vem surgindo ... e principalmente saber que para passar no vestibular de Medicina é muito difícil.” (Dep. 5).

U.T. – Para o orientando, seu desejo de contribuir para o desenvolvimento e o progresso científico da área escolhida estão incluídos na justificativa da escolha de um tipo de trabalho. Entre as dificuldades enfrentadas, demonstra preocupação com as exigências do processo seletivo para a formação profissional e o exercício da profissão eleita.

D.O. – “... depois vem o bem estar Financeiro, ..., social, etc... (falta informação) sobre o Profissionalismo...” (Dep. 8).

U.T. – Entre os fatores a serem considerados na escolha de carreira, importa para o sujeito que sua profissão proporcione bem-estar financeiro e social, localizando-os hierarquicamente como menos importantes que o psicológico. Considera necessária também a informação sobre a atuação profissional na ordem vigente.

D.O. – “... e depois o bem estar financeiro.” (Dep. 9).

U.T. – O sujeito considera o fator financeiro como critério secundário em sua escolha.

D.O. – “... objetivo sócio-econômico (2º lugar)” (Dep. 11).

U.T. – O sujeito considera como critério de escolha de carreira seus objetivos socioeconômicos, mas os coloca em segundo lugar, depois da realização pessoal.

D.O. – “... mas também tem que receber uma recompensa financeira e social.” (Dep. 13).

U.T. – Além de outros fatores, o orientando considera a recompensa social e financeira importantes a serem consideradas em sua opção.

- Síntese das unidades significativas transformadas

As expectativas e preocupações dos orientandos, nesses trechos de seus depoimentos, referem-se aos fatores socioeconômicos da escolha da profissão: à definição do papel do indivíduo na ordem social do trabalho, atendendo a uma exigência social; às expectativas familiares; ao papel do profissional; às condições de preparo, ingresso e às oportunidades de exercício efetivo das profissões; à ascensão na carreira; ao *status* do profissional; ao campo de atuação profissional e à valorização da profissão no mercado de trabalho; aos problemas enfrentados e às recompensas esperadas.

A maioria dos depoimentos, no entanto, parece convergir no sentido de atribuírem às questões financeiras e sociais do trabalho mais um significado de recompensa, de resultado alcançado inerente à sua realização do que como um fator crítico determinante e limitador de suas escolhas.

- *As limitações à liberdade de opção e a construção de uma nova ordem social*

D.O. – “ → Problema em conseguir paciência para entrar na faculdade que eu quero.”

U.T. – O sujeito refere-se à necessidade de ter paciência para atender às exigências estabelecidas para alcançar seus objetivos.

D.O. – “A minha escolha p/ uma Universidade é por causa das dificuldades que eu passei e passo p/ conseguir o que eu quero, e uma

universidade para mim é impossível até que eu prove para mim mesma o contrário.” (Dep. 9).

U.T. – O sujeito considera que a formação em nível superior pode ajudá-lo a superar as dificuldades que enfrenta para conseguir o que quer. Por outro lado, considera, em princípio, impossível seu acesso à universidade, propondo-se a superar os obstáculos.

D.O. – “ ... *Tenho problemas financeiros porque moramos minha irmã, minha prima e eu. Tenho uma carga de trabalho longa (saio de casa às 6:20 volto depois do cursinho: não tenho tempo suficiente p/ dedicar aos estudos ... – Faltam-me livros no momento. ... Obs: Estou afastada da minha família.*” (Dep. 10).

U.T. – Para o estudante, a escolha de um tipo de trabalho está prejudicada por fatores como a distância da família (os pais), os problemas financeiros enfrentados e o regime de trabalho necessário que prejudicam a dedicação aos estudos e a aquisição de livros.

D.O. – “ ... *mesmo com as dificuldades, ainda é o que eu quero?*” (Dep. 12).

U.T. – O orientando considera as dificuldades a serem enfrentadas um fator importante para a confirmação de sua escolha.

- Síntese das unidades significativas transformadas

Apenas uma terça parte dos orientandos manifesta preocupações com os limites que podem restringir sua liberdade de opção, em termos das dificuldades identificadas no contexto onde vivem.

Identificam como fatores limitadores a distância da família, os problemas financeiros e o regime de trabalho necessário que prejudicam a dedicação aos estudos e a aquisição de livros.

Os problemas e dificuldades enfrentadas, entretanto, não parecem ter o sentido de impedimentos ou obstáculos, mas de situações a serem enfrentadas e superadas.

- Síntese geral das unidades significativas transformadas

Finalizando, este capítulo procurou esclarecer um aspecto das preocupações relacionadas à OP: a visão de orientandos. O estudo dirigiu-se, portanto, diretamente a um grupo de orientandos, para aproximar nossa compreensão da experiência vivenciada por eles, sua percepção da questão e dos fatores envolvidos na escolha da profissão, suas necessidades e expectativas em relação à OP.

Interessa saber em que medida os modelos teóricos podem contribuir para o atendimento às necessidades e às expectativas dos orientandos.

Em relação à compreensão da questão da escolha da profissão, todos os participantes do estudo demonstram preocupar-se com a escolha da profissão no sentido de alcançar realização pessoal, em termos de bem-estar psicológico, material, social e físico, como um fim visado, um horizonte de vida.

Em relação aos fatores a serem considerados na escolha da profissão e às dificuldades enfrentadas, na análise do conteúdo dos depoimentos dos estudantes, as preocupações específicas manifestas podem ser facilmente identificadas com as categorias enfatizadas pelos diversos modelos de OP: o conhecimento de si mesmo, a tomada de decisão, o desenvolvimento da maturidade vocacional, os comportamentos eficazes, a informação profissional, os determinantes socioeconômicos, as limitações à liberdade de opção e a construção de uma nova ordem social. Além desses, procurou-se esclarecer, de uma forma global, como compreendem a questão da escolha da profissão e o papel da OP.

As preocupações dos sujeitos voltam-se, prioritariamente, para as etapas mais próximas, no tempo e na experiência – a escolha de uma carreira para candidatar-se no processo seletivo da universidade para um curso superior. As preocupações com questões relativas ao ingresso na profissão e seu exercício aparecem como secundárias e menos frequentes.

A maioria dos discursos inclui preocupações com determinantes socioeconômicos da profissão, relativos a oportunidades, benefícios, problemas e

dificuldades a enfrentar na concretização de suas opções. Aparecem em termos genéricos, não detalhando, por exemplo, questões como o desemprego.

As referências frequentes aos determinantes pessoais e socioeconômicos, num mesmo trecho, denotam que, na sua percepção, esses fatores encontram-se vinculados entre si.

Poucos participantes mostraram-se preocupados com a consideração de comportamentos eficientes, com o desenvolvimento de sua maturidade vocacional, com as limitações impostas por aspectos socioeconômicos relacionados à sua classe social de origem ou com a construção de uma nova ordem social. Falam em realizar-se, em obter sucesso, em prestar uma contribuição para a sociedade, mas parecem fazê-lo de modo idealizado, abstrato.

Os discursos são ricos em temas, mas revelam pouca consistência no trato da questão, são apresentados em forma truncada, numa linguagem que demonstra pouca familiaridade com a questão, um conhecimento incompleto, aberto, inconclusivo, tipificado, próximo do senso comum. Os orientandos parecem ressentir-se da falta de um significado mais personalizado, resultante da interpretação de particularidades concretas de sua situação pessoal.

As expectativas dos sujeitos em relação à OP concentram-se numa ajuda personalizada, próxima, em termos de orientações e informações para compreender e lidar com as situações enfrentadas, nas diversas etapas do processo, o que corresponde às dificuldades detectadas para compreender o fenômeno da escolha de carreira de um modo abrangente, consistente (identificando, caracterizando e relacionando os fatores determinantes), no contexto de sua experiência pessoal do ambiente onde vivem.

Em suma, a perspectiva de visão dos orientandos participantes do estudo revela que enfrentam dificuldades para definir um curso / profissão que favoreça sua realização pessoal, mostrando-se um tanto desorientados, desinformados e com visão pouco amadurecida sobre a questão. Esperam contar com o apoio personalizado da OP em termos de orientação e informação para a escolha da profissão e da carreira universitária, priorizando o esclarecimento de fatores de sua identidade pessoal sobre os ambientais, mas vinculando-os.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de esclarecer diferenças detectadas entre as perspectivas de visão da escolha da profissão por orientadores educacionais e orientandos, em vista de identificar contribuições para a melhoria da eficácia da Orientação Profissional.

A preocupação com a questão surgiu da constatação de que a OP não tem sido valorizada pelo sistema educacional nem vem sendo praticada nas escolas públicas brasileiras, mas continua a ser procurada por um índice significativo de estudantes e seus familiares como uma assistência na tomada de decisões quanto ao encaminhamento do futuro acadêmico e profissional, apesar de sofrer um certo descrédito junto a estes.

A análise da perspectiva de visão dos orientadores partiu da revisão das concepções e características do trabalho, enquanto conceito central, e de suas relações com a organização da sociedade e da educação, nos tempos, procurando-se estabelecer referências para a explicitação de como a OP procura explicar a escolha da profissão e de que fatores trata.

Para a análise dos modelos teóricos de OP foi adotado o critério de classificação em dois grandes grupos: os psicológicos e os não-psicológicos, incluindo nestes últimos o modelo crítico.

Os *modelos psicológicos* apoiam-se na Psicologia Vocacional. Concentram-se no estudo do indivíduo, procurando harmonizar suas características com o desempenho de uma ocupação especializada. A OP representa a assistência para a escolha de um curso que prepare para o exercício de uma profissão socialmente valorizada, para um emprego estável, para a realização subjetiva, para uma vida segura e previsível. Do ponto de vista social, exerce função seletiva, distributiva e conservadora, contribuindo para o *ajustamento* de populações a atividades laborais especializadas e diversificadas, para a produtividade na sociedade industrial, urbana, complexa.

O enfoque psicológico mostrou-se limitado e insuficiente. Se assiste na escolha de uma profissão desejável, adequada às habilidades da pessoa e

favorável à sua realização pessoal, não esclarece como seu perfil de habilidades e valores corresponde a atividades e objetivos laborais, assim como não trata das condições socioeconômicas favoráveis ou adversas à realização dessa opção, nem de como superar eventuais limitações, o que muitas vezes coloca em alto risco sua implementação.

Os *modelos não-psicológicos* da OP baseiam-se na Economia e na Sociologia Industrial. Procuram explicar a escolha da profissão e o exercício profissional sob a perspectiva não do indivíduo, mas da organização do trabalho na sociedade. Limitam o papel do indivíduo ao desempenho de uma função social, minimizando a importância dos fatores subjetivos na escolha da profissão. Destacam fatores socioeconômicos relacionados à produtividade, à seleção profissional, ao desemprego e à alienação no trabalho, diante da influência dos processos de competitividade na produção e de globalização dos mercados. A escolha do indivíduo, nesta perspectiva, representa uma resposta às vantagens e desvantagens do mercado de trabalho, sintetizadas no salário.

O enfoque não-psicológico da OP contribuiu, portanto, para alertar os orientadores educacionais para o fato de que a escolha da profissão tem implicações socioeconômicas que precisam ser explicitadas e consideradas.

O *modelo crítico* da OP representa um movimento de orientadores educacionais brasileiros, iniciado nos anos 80, preocupados com estudantes de classes desfavorecidas, que se mostravam menos preocupados com a escolha de um curso que preparasse para uma profissão realizadora e mais com seu ingresso imediato na força de trabalho.

Fundado no materialismo histórico, o enfoque crítico concentrou-se na análise do contexto das decisões dos estudantes, nas causas sociais das desigualdades como fatores responsáveis pela falta de liberdade de opção profissional. As discussões voltaram-se para a causa da transformação da ordem social, para o papel da educação nesse processo e para o estudo das relações educação-trabalho.

Voltando-se para a sociedade, o modelo crítico contribuiu para o avanço da OP, ao propor sua contextualização, mas afastou-se de sua proposta

original, pela qual foi e tem sido valorizada, de assistir as pessoas na escolha da profissão. A OP enfrenta, desde então, um longo período de impasses teóricos, de discussões acadêmicas, de estagnação na escola pública, enquanto prática, de busca de novas definições do significado dela própria e do papel do orientador educacional.

O exame da perspectiva dos orientandos concentrou-se no esclarecimento das percepções de um grupo de estudantes de curso pré-vestibular, oriundos de classes desfavorecidas, sobre a escolha da profissão e suas expectativas em relação à OP.

A análise de seus depoimentos revelou que enfrentam dúvidas quanto à profissão a seguir e se interessam pela OP. Mostram frágil compreensão da questão da escolha da profissão, abordando-a de modo inconsistente e truncado. Manifestam-se primeiramente interessados na exploração do conhecimento de si mesmos, em vista de identificarem um dado curso ou profissão relacionado às suas habilidades e interesses que favoreça sua realização pessoal. Não demonstram preocupação destacada em relação aos condicionantes contextuais de concretização de suas opções. As expectativas manifestas, nesse sentido, antes referem-se a informações sobre profissões, de modo vago e inespecífico.

Adotando-se o *trabalho* como referência e explicitando-se *como* o problema da escolha de um tipo de trabalho tem sido tratado pela OP, pode-se perceber que uma explicação para sua ineficácia estaria no fato desta tratar a escolha apenas como uma questão individual (psicológica) ou apenas como uma questão social (socioeconômica ou crítica) tornando-se parcial e insuficiente, bem como por desconsiderar as especificidades das percepções e necessidades dos orientandos e as transformações do contexto social, cultural, educacional.

Este sumário das análises realizadas nos capítulos anteriores possibilita a formulação de algumas conclusões fundamentais:

1. A complexidade da organização da sociedade, do trabalho, da educação e as transformações a que estão sujeitas impõem a necessidade da OP para que os estudantes possam elaborar planos esclarecidos de trabalho.

Essas transformações incluem, como fatores críticos, a democratização crescente da sociedade, a pluralidade e o aumento de oferta de cursos de nível superior; a pluralidade de características, distribuição e requisitos das oportunidades de trabalho; a extensão da expectativa de vida das pessoas.

2. As diferenças entre as percepções de orientadores entre si e destes com os orientandos a propósito da escolha da profissão e da OP contribuem para que esta seja considerada insuficiente e insatisfatória.

As percepções de ambos apresentam um conflito fundamental de objetivos. Os modelos psicológico e socioeconômico visam *ajustar* o indivíduo à sociedade; o modelo crítico, *transformar* a sociedade, enquanto ao orientando interessa sua realização pessoal; a escolha de um curso / profissão representa um recurso para atingi-lo de modo mais esclarecido, seguro e duradouro.

Os modelos não proporcionam a necessária compreensão da questão e não tratam explicitamente do esclarecimento das características dos seus determinantes nem das relações entre eles. Ao tratar do que é pessoalmente desejável ou do socialmente provável, a OP não favorece a conciliação entre interesses pessoais e sociais. A adoção de qualquer um dos modelos seria, portanto, insuficiente e ineficaz, por ser parcial, e insatisfatória para favorecer a necessária e ambicionada competência e segurança para as decisões, a superação de dúvidas, a obtenção de respostas unívocas, a realização de opções claras, definitivas, seguras, “para toda a vida”.

3. Para que a OP se torne suficiente, mais satisfatória e eficaz, é necessário ampliar a compreensão da questão da escolha da profissão, caracterizando-o enquanto fenômeno complexo e dinâmico, resultante das relações recíprocas entre os indivíduos e a sociedade. É necessário também enriquecer, aprofundar e estender o exame das características dos determinantes pessoais e sociais do fenômeno, evidenciando suas relações recíprocas, no contexto concreto da realidade onde ocorre, considerando-se as transformações a que estão sujeitos. Importa, igualmente, contextualizar os orientandos e personalizar a OP, aproximando-a da compreensão da experiência vivenciada por eles, atendendo às suas necessidades e expectativas de apoio, pois a OP não se

restringe a questões conceituais e abstratas; a questão em si remete às vidas pessoais de cada um, assim como a formação da pessoa, do cidadão, do trabalhador envolve significados personalizados.

A adoção de um modelo complexo de OP, que inclua as contribuições dos modelos existentes e supere seus limites, pode contribuir para a superação dos impasses atuais e de sua estagnação nas escolas, para sua revalorização como recurso educacional concorrente para a consecução dos fins da educação nacional.

Essas conclusões implicam mudanças consistentes na OP, que resultam em subsídios para um modelo teórico complexo, que inclua:

1. A concepção da *escolha da profissão* enquanto projeto de *vida & trabalho*, um fenômeno complexo e dinâmico, resultante das relações tensas entre *indivíduo e sociedade* e adoção de uma *abordagem dialógica* que possibilite a compreensão da dinamicidade dos fatos e da relatividade das escolhas, diante de uma realidade em transformação contínua.

Nesse fenômeno, a *vida* do ser humano é compreendida como um projeto em aberto, em transformação permanente, continuamente construído pela pessoa, numa sociedade também em mudança, rumo a horizontes fugidios de realização, com sentido particular, confrontando-se com situações inesperadas na realidade que o cerca, sobre as quais tem controle restrito.

O projeto de vida inclui *o trabalho*, compreendido como conceito central na vida individual e coletiva da sociedade contemporânea, que apresenta dimensões diversas, complementares, analisadas sob prismas filosófico (o sentido humano do trabalho), sociológico (a função do indivíduo na sociedade), econômico (as condições de produtividade e de distribuição da riqueza), histórico (as mudanças na organização da sociedade e do trabalho) e psicológico (a harmonização entre características pessoais e os requisitos das ocupações).

2. Uma abordagem multidimensional e multidisciplinar para exame estendido e aprofundado tanto dos determinantes pessoais quanto dos sociais do fenômeno, esclarecendo suas relações mútuas e aproximando o enfoque humanístico do espírito crítico e experimental da pesquisa científica.

3. Um enfoque contextualizador dos orientandos e personalizador da OP, que considere o desenvolvimento cognitivo e vocacional dos participantes, bem como suas experiências particulares de vida, em seus contextos próprios.

Quanto à prática da OP, propõe-se mudanças em relação aos programas, ao planejamento e sua implementação, aos orientandos, ao material de apoio e à avaliação.

1. Em relação aos programas e seus objetivos, ampliá-los, enriquecê-los e aprofundá-los, com vistas ao aperfeiçoamento da própria OP e de sua contribuição para a consecução dos fins da educação, na medida em que visa ao desenvolvimento pessoal e à integração como cidadão à ordem social e econômica vigente bem como a possibilidade de intervir nela.

Os programas de OP podem constituir incentivo à persistência e ao desempenho nos estudos, especialmente de estudantes oriundos de classes desfavorecidas, como meio para a otimização de recursos pessoais para seu desenvolvimento pessoal e social.

Importa também que os programas de OP constituam recursos para a instrumentalização da pessoa para a competência e autonomia decisória, incluindo o desenvolvimento de conceitos e raciocínios, habilidades e atitudes através da análise de informações, da diversificação de atividades e de experiências de vida, como recursos necessários para que possa compreender a questão, desenvolver um pensamento crítico próprio, à luz de seus próprios valores e os da sociedade onde vive, para situar-se, ajustar-se às mudanças e participar de sua promoção.

2. Em relação ao planejamento e realização do processo, importa planejar a implementação da OP enquanto processo formativo para o desenvolvimento pessoal e social de todos os alunos, integrando-o ao ensino e ao currículo escolar, implementando-o ao longo dele, em todos os níveis de ensino, de modo a acompanhar as etapas de desenvolvimento das pessoas.

No nível fundamental, o planejamento deve voltar-se à diversificação de experiências concretas do aluno com atividades de trabalho humano, a partir

das quais possa, posteriormente, fundamentar escolhas com conhecimento de causa; no nível médio, articular o estudo dos fatores determinantes e suas características com outras disciplinas estudadas no currículo, desenvolvendo a capacidade de realizar operações abstratas, ao efetuar comparações, avaliações, escolhas com orientações estáveis, de modo autônomo e ativo.

O planejamento da OP e sua operacionalização devem ainda procurar tratar a questão de modo compreensivo e explicativo, num processo espiral, de retomada, ampliação e aprofundamento da análise dos fatores envolvidos, de suas relações e implicações. Importa também ancorar a compreensão das questões envolvidas em análise do passado, projetando-a para o futuro, fomentando a capacidade de formar projetos a longo prazo, fornecendo bases para as pessoas acompanharem as mudanças, sem temor do novo, instrumentalizando-as para a renovação da vida pessoal e social.

3. *Em relação aos orientandos* cumpre considerar suas percepções, interesses, necessidades e expectativas, na organização de programas específicos, de modo a atendê-las, tornando as atividades potencialmente significativas e resultantes.

Importa considerar os princípios da aprendizagem e as etapas de desenvolvimento cognitivo e vocacional deles, assim como a etapa de vida em que se encontram e suas experiências, propiciando oportunidade de enriquecê-las e diversificá-las, especialmente no que se refere ao conhecimento do mundo do trabalho, assim como incluir aprendizagem de noções conceituais comensuradas diretamente com situações reais de vida e trabalho.

Antes de envolver os orientandos no programa de OP de cada ano letivo, é recomendável, nos primeiros encontros situá-los diante do problema e do conjunto do programa, seus objetivos e conteúdos, para tornar significativos os temas que serão explorados.

4. *Em relação ao material de apoio*, até o nível médio, é necessário elaborar material de pesquisa adequado à compreensão por estudantes, pois muitos temas constituem objeto de disciplinas estudadas apenas no nível superior.

5. *Em relação à avaliação*, importa desenvolver processo de avaliação contínua, no âmbito da comunicação, de modo a verificar a compreensão das questões envolvidas, dos objetivos das atividades e dos procedimentos envolvidos, a cada encontro. Periodicamente é importante verificar a apreensão das noções conceituais trabalhadas, zelando para não avaliar o mérito de conteúdos valorativos das escolhas dos orientandos -- respeitados os limites éticos e legais.

As conclusões e propostas permitem a formulação de recomendações para estudos posteriores relacionados à elaboração de um novo modelo de OP e à sua prática.

Uma primeira proposta refere-se ao estudo de uma mudança da designação do fenômeno tratado de *escolha da profissão*, expressão já inadequada e desgastada, para *orientação para o trabalho*, ou outra mais expressiva do fenômeno de que trata e dos objetivos a que visa, na relação indivíduo-sociedade. Pelo mesmo motivo, a OP mereceria uma nova designação, dissociada do sentido diagnóstico que evoca.

A segunda proposta refere-se ao estudo dos impactos das relações educação-trabalho sobre a escolha da profissão, na configuração da sociedade atual. Parece mais cabível assistir o planejamento de atividades de trabalho significativas para a pessoa e a sociedade.

A terceira proposta refere-se à elaboração de um modelo teórico e operacional de OP, que aborde o fenômeno em sua complexidade e dinamismo, dialeticamente, e aprofunde a análise dos fatores determinantes, bem como de suas relações recíprocas. A consecução de tal objetivo requer a cooperação de uma equipe multidisciplinar de profissionais.

A quarta proposta refere-se ao estudo da extensão do recurso da OP para outros públicos-alvo, em outras etapas de vida e a suas transições: formandos, mulheres adultas, desempregados, adultos em transição de carreira, pré-aposentados, bem como a outras instituições, para-educacionais, voltadas para a requalificação profissional e para a ação social.

A quinta proposta refere-se à revisão e à ampliação das funções do OE, no seu papel de educador, diante de novos objetivos e públicos-alvo, com características e necessidades peculiares.

A sexta proposta refere-se à formação do Orientador Educacional. Não basta uma formação abreviada e superficial num ou noutro modelo teórico, efetivada em duas disciplinas. Além do conhecimento dos diversos modelos, é necessária uma sólida fundamentação nas Ciências em que a OP se apoia.

Nestes estudos é importante ter presente sua dependência mútua e a possibilidade de ultrapassar uma crítica esvaziadora, para que se torne uma força significativa, diante das necessidades das pessoas, propósitos sociais e disponibilidades da OP.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia* [trad. Alfredo Bosi, Maurice Cunio et al]. 2ª ed., SP: Mestre Jou, 1960, 1980. 980p.
- ALVES, Maria Inês Massaro. *O vestibular e a escolha da profissão*. SP: FE Unicamp. Seminário temático de pós-graduação, 1996, p. 96-98.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. [trad. Mário da Gama Kury]. 3ª ed. Brasília, DF: UNB, 1999. 238p.
- ARRUDA, Marcos. *A articulação trabalho-educação visando uma democracia integral - in: Carlos Minayo Gomes (org.). Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. SP: Cortez, 1987, p. 61-74.
- AUED, Bernardete Wrublevski (org.). *Educação para o (des)emprego*. RJ: Vozes, 1999. 190p.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. [trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro]. Lisboa: Ed. 70, 1991, 225p.
- BOCK, Ana Mercês Bahia et al (org.). *A escolha profissional em questão*. SP: Casa do Psicólogo, 1995. 247p.
- BOCK, Sílvio Duarte. *Concepção de indivíduo e sociedade e as teorias de Orientação Profissional*, em BOCK, Ana Mercês Bahia et al (org.). *A escolha profissional*. SP: Casa do Psicólogo, 1995, p.61-70.
- BOLLES, Richard Nelson. *Qual é a cor do seu pára-quadras? como conseguir um emprego e descobrir a profissão dos seus sonhos*. [Trad. Luiz Antonio Aguiar]. RJ: GTM, 1998. © 1970, 1972. 351p.
- BOLLES, Richard Nelson. *The three boxes of life and how to get out of them: an introduction to life/work planning*. Berkeley: Ten Speed Press, 1978, 1981. 466p.
- BOLLES, Richard Nelson. *Where do I go from here with my life?* 4th ed. Berkeley: Ten Speed Press, 1989, 328p.
- BORGEN, Fred H. *Megatrends and milestones in vocational behavior: a 20-year counseling psychology retrospective*. Journal of vocational behavior, v39, n3, p.263-90, dec 1991.

- BRASIL, Leis e Decretos – LDB 5692/71 e LDB 9394/96.
- BRASIL, MTb/Secretaria de emprego e salário. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Brasília: SINE, 1982. 753p.
- BRAVA JUNIOR, Augusto Caccia. *A crise da formação profissional*. SP: FE Unicamp, Seminário temático de pós-graduação, 1996, p. 24-26.
- BRANDON, Nathaniel. *O poder da auto-estima*. 8ª ed. SP: Saraiva, 1998. 109p.
- CARVALHO, Maria Margarida M. J. de. *Orientação profissional em grupo: teoria e técnica*. SP: Psy, 1995. 258p.
- CHARTRAND, Judy M.; CHARISSA C.C. *Advances in the measurement of career development constructs: a 20-year review*. Journal of vocational behavior, v39., n1, aug. 1991.
- CHARTRAND, Judy M. *The evolution of trait-and-factor career counseling: a person x environment fit approach*. Journal of counseling and development, v.69, n.6, p. 518-24, jul-aug 1991.
- CENAFOR, Divisão de Operações. Programa Ensino. *Metodologia para o treinamento do aluno de 2º grau na habilidade de tomada de decisões profissionais*, por Celso João Ferretti, Maria da Glória Bernardo Pimentel e Nobuko Kawashita. Consultor técnico: Laís Esteves Loffredi. 2v.: v1. caderno do aluno, 131p. e v2. manual do animador, 247p. SP. 1979.
- CRUZ, Roberto Moraes. *Formação profissional e formação humana: os (des)caminhos da relação homem-trabalho na modernidade* - in AUED, Bernardete Wrublevski (org.). *Educação para o (des)emprego*. RJ: Vozes, 1999. 190p.
- DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem trabalho*. [trad. Eugênia Deheinzelin]. SP: Esfera, 1999. 103p.
- FERRETTI, Celso João e BOCK, Sílvio Duarte (coord.). *Avaliação do material de informação profissional sobre o atendente de enfermagem*. SP: MTb / Fundação Carlos Chagas, 1983. (mimeo), 42p.
- FERRETTI, Celso João e BOCK, Sílvio Duarte. *Diretrizes metodológicas para a produção de informação profissional*. SP: MTb/Fundação Carlos Chagas, 1986. (mimeo). 48p.

- FERRETTI, Celso João. *A escolha enquanto objeto e objetivo da Orientação Educacional*. in: PENTEADO, W. M. A. (org.). *Fundamentos da Orientação Educacional*. SP: EPU, 1976. 240p. p. 10-26.
- FERRETTI, Celso João. *A escolha vocacional* - in: PENTEADO, W. M. A. (org.). *Fundamentos da Orientação Educacional*. SP: EPU, 1976. 240p. p. 83-99.
- FERRETTI, Celso João et al (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 1999, 220p.
- FERRETTI, Celso João. *Opção trabalho: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas*. SP: Cortez, 1988. 199p.
- FERRETTI, Celso João. *Uma nova proposta de orientação profissional*. SP: Cortez 1988. 109p.
- FLAVELL, John H. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. [trad. Maria Helena Souza Patto]. 5ª ed. SP: Pioneira, 1965, 1999. 479p.
- FONTES, Lauro Barreto. *Orientação profissional: recrutamento, seleção e informação profissional*. RJ: Livros Técnicos e científicos, 1980. 136p.
- FOSNOT, Catherine Twomey. *Construtivismo: uma teoria psicológica da aprendizagem* - in: FOSNOT, C. T. (org.). *Construtivismo: Teoria, perspectivas e prática pedagógica* [trad. Sandra Costa]. PA: Artmed, 1998, 248p.
- FOUAD, Nadya A. *Annual review 1991-1993: vocational choice, decision-making, assesment and intervention*. Journal of vocational behavior, v45, n2, p. 125-76, oct. 1994.
- FRANÇA, Carlos. *Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer*. SP: Unicamp, 1989. 124p.
- FRANCO, Maria Laura P.B. *Qualidade total na formação profissional: do texto ao contexto*. SP: Fundação Carlos Chagas, Cadernos de Pesquisa, n.92, p.53-61, fev 1995.
- FROST, Susan. *Academic advising for student success: a system of shared responsibility*. Washington DC: ASHE-ERIC Higher Education Reports, The Washington University, 1991. 4p.
- GAMA, Ruy. *A tecnologia e o trabalho na História*. SP: Nobel/EDUSP, 1986. 243p.

- GARRISON, Clifford B., McCURDY, William, J. MUNSON, Paul J., PAVLIC, Patricia, SAUNDERS Jean, SIMS, Kathryn, TELIS, Dorothea. *Findig a job you feel good about*. Niles, Illinois: Argus Communication. sd. 111p.
- GIBSON-CLINE, Janice. *Adolescence: from crisis to coping: a thirteen nation study*. Oxford: Butterford-Heineman, 1996, 315p.
- GIBSON, Robert Leone. *Orientação para a escolha profissional*. [trad. Wilma Millan Alves Penteadó]. s.ed. SP: EPU, 1972, 1975. 94p.
- GOMES, Carlos Minayo (org.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. SP: Cortez, 1987, 92p.
- GUIMARÃES, Isaura e PEREIRA, Elizabete. *Brazil - in Adolescence: from crisis to coping: a thirteen nation study*. edited by Janice Gibson-Cline. Oxford: Butterworth-Heineman, 1996. 315p.p. 57-72.
- HARKENESS, Charles A. *Career counseling: dreams and reality*. Springfield: Charles C. Thomas, 1976. 311p.
- HOLLAND, John L. *Making vocational choices: a theory of careers*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, Inc. 1973. 150p.
- HOLLAND. John L. et al. *Comments*. Journal of vocational behavior, v.40, n.2, p.158-209, apr. 1992.
- HOLLAND, John L. *Some explorations of a theory of careers: VII. A replication and some possible extensions*. Journal of career development, v.18, n.2, p.91-100, win. 1991.
- HOLLAND, John L. *Exploring careers with a typology. What we have learned and some new directions*. American Psychologist, v51, n4, p.397-406, apr. 1996.
- JAGER, Linda et al. *Congruence between personality traits and chosen occupation as a predictor of job satisfaction for people with disabilities*. Rehabilitation Counseling Bulletin, v.36, n.1, p.53-60, sep 1992.
- KLINE, Paul. *Psicologia da orientação vocacional*. [trad. Álvaro Cabral]. s.ed. RJ: Zahar, 1975, 1977. 301p.
- KUENZER, Acácia Zeneida. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. SP: Cortez: Autores Associados, 1985. 203p.
- LEWALLEN, Willard. *The impact of being "undecided" on college-student*

- persistence*. Journal of College Student Development, v34, n2, p.103-12, mar 1993.
- MACHADO, Lucilia Regina de Souza. *Formação geral e especializada: fim da dualidade com as transformações produtivas do capitalismo?* SP: Revista Brasileira de Educação, [s.n.], set/dez 1995, p. 83-93.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. *Educação e divisão social do trabalho: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro*. 2ª ed. SP: Cortez, 1982, 1990. 154p.
- MAIA, Pe. Pedro Américo, S.J. *Profissões e vida: acerte na escolha de seu futuro*. Cadernos de formação e cultura, n29. BH: Grupo Gente Nova, 1968.133p.
- MARTINS, Carlos R. *Psicologia do comportamento vocacional: contribuições para o estudo da psicologia do comportamento vocacional*. SP: EPU/EDUSP, 1978. 279p.
- MEDEIROS, Gertrudes Knihs. *Formação profissional versus mercado de trabalho no Vale do Itajaí: um estudo avaliativo*. Brasília, DF: Relatos de pesquisa, pesquisa, n31, p11-31, jul 1995. [Série Documental].
- MEIER, Scott T. *Vocational behavior, 1998-1990: vocational choice, decision-making, career development interventions, and assesment*. Journal of vocational behavior, v39, n2, p131-81, oct. 1991.
- MELLONI, Rosa Maria. *Teoria de campo em orientação educacional: proposição de uma teoria psicológica para a ação educativa da orientação*. Monografia de mestrado. SP: USP, 1974. (mimeo). 50p.
- MOBLEY, Michael; STANLEY, Robert. B. *Holland's theory: its relevance for lesbian women and gay men*. Journal of vocational behavior, v48, n2, p.125-35, apr 1996.
- MINICUCCI, Agostinho. *Educação para o trabalho: sondagem de aptidões e iniciação profissional*. SP: Atlas, 1979. 140p.
- MYORS, Brett. *A simple, exact test for the Holland hexagon*. Journal of vocational behavior, v48, n3, p339-51, jun 1996.
- NOSELLA, Paolo. *Trabalho e educação* - in: GOMES, Carlos Minayo (org.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. SP:

- Cortez, 1987, p. 27-42.
- OLIVEIRA, Marco Antonio. *Debate*. in: FERRETTI, C.J. et al (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 1999, 220p.
- OSIPOW, Samuel H. *Convergence in theories of career choice and development: review and prospect*. *Journal of vocational behavior*, n36, p122-131, 1990.
- OSIPOW, Samuel H. *Theories of career development*. 2nd. ed. NY: Appleton-Century-Crofts, 1973. 328p.
- PATTE JR., Robert H. *The counselor in a Psychological Society*. {s.trad.} mimeo. APGA Journal, sn. apr. 1980, 8 p.
- PELLETIER, Denis, BOUJOLD, Charles e NOISEAUX, Gilles. *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal*. [trad. Ephrain Ferreira Alves]. 4ª ed. RJ: Vozes, 1985. 241p.
- PELLETIER, Denis, NOISEAUX, Gilles e POMERLAU, Emmanuel. *L'aventure du travail*. Collection *Éducation au Choix de Carrière*, v3. Saint-Foy, Québec: Les Éditions Septembre. 1990.
- PENTEADO, Wilma Milan Alves. (org.). *Fundamentos de orientação educacional*. SP: EPU, 1976. 240p.
- PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. *Pós-modernidade: desafios à universidade*. in: SANTOS FILHO, José Camilo; MORAES, Silvia E. (org.). *Escola e universidade na pós-modernidade*. SP: Mercado das Letras, FAPESP, 2000. 247p., p. 163-200.
- PETERS, H.; HANSEN, J. C. *Vocational guidance and career development: selected readings*. 3rd ed. N.Y.: Macmillan, 1977. 481p.
- PIMENTA, Selma Garrido. *O pedagogo na escola pública*. 3ª ed. SP: Loyola, 1991, 1995.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Orientação profissional e decisão – estudo crítico da situação no Brasil*. SP: Loyola, 5ª ed. 1979, 1986. 135p.
- PIMENTEL, Maria da Glória Bernardo e SIGRIST, Aurea C. *Orientação educacional*. SP: Pioneira, 1971, 188p.
- PREDIGER, Dale J. *Assessment in career counseling*. ERIC Digest. (CS)

- ERIC Clearinghouse on counseling and student services, Greensboro, NC. (SP) Office of Educational Research and Improvement, Washington, DC. 1995, 4p.
- PREDIGER, Dale J. *Rejoinders*. Journal of vocational behavior, v40, n2, p210-38, apr 1992.
- PROJETO CIRET-UNESCO. *Evolução transdisciplinar da Universidade*. [síntese do documento por Basarab Nicolescu]. Locarno, Suíça, 1997. <http://perso.club-internet.fr/nico/ciret/> - 08/04/1998.
- RICE, Kenneth G.; Whaley, Teddi J. *A short-term longitudinal study of within-semester stability and change in attachment and college student adjustment*. Journal of college student development, v35, n5, p324-30, sep 1994.
- ROEHRS, Hermann. *Vocational guidance: a primary function of education*. International review of education, v38, n3, p209-21, may 1992.
- SANTOS FILHO, José Camilo; MORAES, Silvia E. (org.). *Escola e universidade na pós-modernidade*. SP: Mercado das Letras, FAPESP, 2000. 247p.
- SANTOS, Osvaldo de Barros. *Orientação e seleção profissional*. SP: Pioneira, 1963.
- SAVIANI, Demerval. *A nova lei da educação – trajetórias, limites e perspectivas*. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1997. 245p.
- SAVIANI, Demerval. *O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias*. in: FERRETTI, Celso João et al (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 1999, 220p.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. [trad. Marcos Santarrita]. RJ: Record, 1999. 205p.
- SHOEMAKER, Judith S. *Evaluating the effectiveness of extended orientation for new, undecided freshman*. (mimeo). Annual Meeting of the American Educational Research Association, S.Francisco, CA, apr, 1995, 15p.
- SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. *A percepção do perfil profissional de químicos face à cultura empresarial e formação acadêmica*. SP: FE Unicamp, 1996,

p.27-29.

- SILVA, Laura Beluzzo de Campos. *Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da profissão* - in BOCK, Ana Mercês Bahia et al (org.). *A escolha profissional*. SP: Casa do Psicólogo, 1995. p.25-44.
- SINOIR, Guy. *L'orientation professionnelle*. 2e ed. Paris: Presses Universitaires de France, Collection que sais-je?, 1950. 115p.
- SOARES, Dulce Helena. *O que é escolha profissional?* SP: Brasiliense, 1988. 69p.
- STULAC, Julia L., STANWICK, Douglas J. *The revolution in counseling – a sociological perspective*. APGA Journal, sn, mar 1980.
- SUPER, Donald Edwine e BOHN JR, Martin. *Psicologia ocupacional*. [trad. de Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos] SP: Atlas, 1980. 229p.
- TIEN, Hsiu-Lan; HOOD, Albert B. *A study os Holland's model in Taiwan*. Paper presented at the Annual Meeting of American Educational Research Associaton, L.A., 1994. 14p.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A formação profissional nas sociedades pós-industriais*. SP: FE Unicamp, Seminário temático de pós-graduação, 1996, p. 30-32.
- WEBER, Max. *História geral da economia*. Cap. IV – Origem do capitalismo moderno, p. 123-125. 2ª ed. SP: Abril Cultural, 1980.
- WEIL, Pierre. *Sua vida, seu futuro*. 4ª ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 1973, 1966. 187p.
- WEREBE, Maria José Garcia. *Grandezas e misérias do ensino no Brasil – 30 anos depois*. SP: Ática, 1994. 304p.
- WINTERS, A.R.; HANSEN, J. C. *Toward an understanding of work-leisure relationships*. in: PETERS, H.; HANSEN, J. C. *Vocational guidance and career development: selected readings*. 3rd ed. N.Y.: Mac Millan, 1977. 481p.
- YU, Jiayuan; ALVI, Sabir A. *A study of Holland's typology in China*. Journal of career assesment, v4., n3., p245-52, sum 1996.
- ZASLAVSKY, Irene, PINHEIRO, Marita de Almeida, PEREIRA, Maria Lucia da Cruz e FONTES, Mariana Coutinho de Oliveira. *Orientação vocacional: uma experiência em processo*. RJ: Eldorado Tijuca, 1979. 94p.

ANEXO

O discurso dos orientandos registrados nos depoimentos

Transcrição integral

Depoimento 1

A) Eu, particularmente espero que o psicodrama me ajude a definir minha profissão, saber se tenho aptidão para exercê-la e conhecer mais a respeito do que pretendo estudar no 3º grau.

B) Minha carreira já está quase decidida, pelo pouco que conheço de Relações Públicas (a carreira que pretendo escolher). Eu gosto muito de me relacionar com pessoas, procuro nessa profissão me realizar, ou seja, ter recompensas financeira, físicas, psicológicas e ser feliz.

C) Tudo o que vou aprender dentro dela, o status que terei, a importância que ela possui dentro do mercado e quais os benefícios terei ao concluir estes estudos.

D) Eu tenho certeza do que quero fazer, mas conheço pouco e gostaria de me aprofundar para realmente saber quais os benefícios e os problemas enfrentarei nessa carreira.

E) Que possa servir de apoio para me ajudar na área da carreira.

Depoimento 2

A) Por ser uma pessoa muito confusa e muitas vezes indecisa, eu não tenho qualquer idéia sobre qual profissão seguir. A impressão que tenho é de que não tenho vocação para nada. Eu adoro a natureza; mas será que este é um motivo para seguir Ciências Biológicas?

B) É o seguinte:

O meu objetivo é realmente a felicidade: não é ser rica ou ter status. Eu só quero o suficiente para viver bem. Se pra viver bem não fosse necessário ter dinheiro, eu ficaria sem trabalhar sem o menor problema. Mas já que as coisas não são bem assim, já que eu vou ter que estudar e trabalhar pro resto da minha vida, que seja algo que eu goste (difícil é saber o que eu gosto). As vezes a vontade que tenho é a de pegar meu namorado e irmos juntos a alguma ilha deserta e morar lá pro resto da vida.

Na minha opinião essa história de que todo mundo quer se realizar profissionalmente, ou melhor (acho que não me expressei bem), que as pessoas precisam de uma profissão e sem ela não há felicidade vai da cabeça de cada um, não encaro isso como regra ou verdade.

Há pessoas que moram no meio do nada, não têm qualquer bem material além de uma casinha de madeira e são felizes assim. Há pessoas que escolhem isso, é uma opção.

Eu não estou nem aí pro capitalismo, contas em bancos na Suíça. O problema do ser humano é justamente querer tudo ao mesmo tempo, e isso é relativamente impossível.

Primeiro quer ter dinheiro, depois quer mais dinheiro e depois quer mais e mais dinheiro. É uma outra questão de opção. Mas do que vale ter muito enquanto há pessoas que não tenham o que comer, onde morar, do que se orgulhar?

O que eu quero para mim é o meu amor, ter uma casinha, ter meus filhos, poder educá-los. Pra que mais?

Voltando ao assunto “já que tenho que trabalhar e estudar pro resto da vida que seja algo que eu goste”, o tipo de carreira é importante porque, poxa!, o resto da vida é muita coisa, passar o resto da vida fazendo coisas não agradáveis nunca traria satisfação profissional a alguém. Para se ter essa satisfação é preciso produzir bem, estar contente com.

C) E eu sei lá! Esses fatores são justamente a resposta para o que estou procurando. Se eu soubesse tais fatores eu saberia a carreira que devo escolher. Ora! Não faço idéia do que devo fazer e o quê pode me ajudar nisso.

D) Meus problemas e/ou dificuldades no momento, em relação a exercer uma profissão, é justamente a bendita profissão.

E) Minhas expectativas aqui são justamente a esperança de descobrir o meu papel nesse mundo, que profissão seguir, já que o mundo exige isso de mim.

Depoimento 3

A) Eu não tenho noção do que eu quero fazer no meu futuro, eu espero como o próprio nome diz uma “orientação profissional” informações, descobrir o que eu quero realmente e não o que minha mãe e meu pai diz que eu devo fazer.

Eu espero obter informações sobre profissões, não as profissões que existe e não as comuns, mas o que fazem as pessoas nessas profissões. Ex.: um pediatra → ele trabalha com crianças e o que mais? Isso é confuso na minha cabeça, falta conhecimento.

“Escolha” essa é a palavra que espero.

B) Muita, eu não quero escolher uma carreira que vá desistir depois e sim realmente alguma carreira que eu gosto, me sinta feliz.

C) Na minha opinião, uma carreira que me dê vontade para fazer, trabalhar porque sem vontade uma pessoa não trabalha e nunca consegue melhorar os outros fatores necessários. A motivação é fundamental.

D) Muita falta de informação porque se eu escolher uma profissão que não tem nada a ver comigo, eu não vou ter vontade e não vou chegar a lugar nenhum.

E) Informação para uma escolha correta.

Depoimento 4

A) Eu espero que, através desta orientação vocacional, consiga “achar” (“me achar”) um caminho entre tantas ao meu interesse. São elas: Exatas (Estatística), Ciências Sociais (Política) e Enfermagem (Biológicas)

A única coisa que tenho certeza é que preciso trabalhar em favor de alguma comunidade e desenvolver algum projeto em pesquisa.

B) O tipo de carreira que quero para mim é no sentido de promover, proteger e recuperar a qualidade (melhor qualidade) de vida da sociedade (não específica).

Trocar conhecimentos, ensinar.

Acrescentando retorno financeiro e satisfação pessoal, com possibilidades de “inovar”, fazer diferente (“inovar” me dará (me fará) feliz).

Pessoas saudáveis. Todas as idades.

C) Hoje considero importantes os seguintes:

- Desenvolver um trabalho, pesquisa; construir algo (abstrato, não concreto ex.: um prédio, um medicamento)
- Dividir, passar a diante (trabalho, ensino em grupo)
- Lidar com seres humanos saudáveis, não necessariamente “felizes”, “de bem com a vida”

Quero lidar com problemas e buscar caminhos (sugestões) p/ melhora dos mesmos.
Tipos de problemas: não sei!!!

D) → Problema em relação a idade. (me considero “velha” p/ começar agora).

→ Problema em conseguir paciência para entrar na faculdade que eu quero.

→ Dificuldade em saber onde posso desenvolver minhas pretensões.

→ Dificuldades sobre as carreiras que cogito (não conheço a fundo o sentido de cada uma) só superficial.

E) – abertura de “caminhos” (mente)

-- melhor visualização das oportunidades

-- equilíbrio emocional

-- recuperação de auto-estima e confiança

Depoimento 5

A) Espero me auto conhecer e decidir a minha carreira profissional (confirmar se é realmente Medicina que eu quero).

B) A importância fundamental para mim é a satisfação pessoal; que eu sinta prazer e seja recompensado por isso. Sei que a Medicina teve uma grande queda, de uns anos para cá, mas quero partir para essa área para reergue-la e descobrir curas para as doenças que vem surgindo.

C) O prazer pessoal, a matéria que “me dou melhor” (Biologia), e saber que eu quero cuidar de pessoas doentes.

D) A falta de informação, o medo de começar e não gostar do curso, e principalmente saber que para passar no vestibular de Medicina é muito difícil, tenho que confiar mais em mim, mas para isso ter certeza se é realmente Medicina que eu quero.

E) Espero tirar as minhas dúvidas pessoais, abrir mais a minha cabeça e quem sabe não mudar de curso?

Depoimento 6

A) Eu decidi participar do psicodrama para receber de pessoas com experiência de trabalho e de vida maior que a minha, pois vou começar agora, já tenho em mente o curso que quero fazer, tenho muita vontade de fazer Direito, e estou aqui para tentar esclarecer minhas dúvidas, tenho medo de começar e perceber que não é isso realmente o que quero. Espero também que o curso possa mostrar-me como progredir sempre e nunca ficar parada no tempo. Acho que esse curso vai ser muito útil além da vida profissional mas para minha vida pessoal.

B) Independente do tipo de trabalho, ele é muito importante e demais necessário na vida do ser humano. É preciso trabalhar para poder se auto-sustentar, morar enfim o dinheiro é a palavra-chave de tudo isso, você só obtém dinheiro se trabalhar. É muito importante você escolher uma carreira, de preferência aquela que mais chamar sua atenção, porque se você faz o que gosta, vai ser mais fácil de se obter sucesso na área. O que não pode acontecer de maneira alguma é ficar sem trabalhar. As pessoas do universo inteiro passam a vida toda trabalhando para sobreviver.

C) Como eu escolhi Direito, e pretendo seguir carreira nessa área e estar sempre aperfeiçoando-me para me tornar uma ótima profissional. Mas não conheço, não tenho

idéia como atua realmente o Direito com o povo, mas esse curso realmente puxa minha atenção, eu gosto de ler e acho que vou me “dar bem” nessa área.

D) Não conheço por dentro, a fundo o Direito realmente, mas é o curso que quero fazer. Pretendo e até hoje não pensei em hipótese de fazer outro curso, por isso acho que não vou ter muitas dificuldades de ir para frente. Vou procurar obter mais informações à respeito do Direito, afinal tenho obrigação. Eu sempre gostei bem mais da área de humanas, por isso estou certa.

E) Que possa servir de apoio, para eu aplicar na minha carreira.

Depoimento 7

A) Espero que eu me identifique com alguma profissão, pois tenho muitas dúvidas e incertezas quanto ao futuro, e quanto a minha realização pessoal, pois entro em contradições.

B) Em primeiro lugar o bem-estar físico-mental, e qualquer profissão ou trabalho não seria suficiente porque quero desenvolver o máximo o meu potencial e acredito que para isso você tem que ter certeza do que quer ou deseja.

C) * me sentir completa

* ter empolgação no que esta realizando

* bem estar mental

D) Estou preocupada, porque não gosto de trabalhar com muitas pessoas, não suporto competição, rivalidades sou muito direta e impulsiva, não consigo esconder quando estou mal ou incomodada, aliás faço questão de demonstrar. Mas quero algo que ajude pessoas no seu bem estar mental; me fascina o poder da mente, quero conversar, ajudar pessoas para que não cheguem em situações deploráveis.

Penso que se eu conversar com pessoas e tentar orientá-las, talvez eu possa melhorar a vida de muitas.

Penso na Psicologia, será que tenho chance de ser feliz sendo e pensando dessa forma?

E) Quero que no final do curso eu tenha tido orientações para que me decida. Não quero que me falem o que fazer, mas sim que me deem dicas e me mostrem qual caminhos possíveis dentro dos meus ideais e sonhos.

Depoimento 8

A) → Eu espero dessa Orientação, que me ajude a ver em que área profissional eu devo prosseguir, então, é claro que eu vou me ajudar, mas eu preciso da ajuda da orientação por que eu não tenho a mínima idéia para o que devo prestar vestibular.

E também espero saber um pouco sobre esse curso, pois eu não sei o que é.

Enfim, até é difícil de descrever pois eu estou muito perdida, o Vestibular já é no Fim do ano e eu ainda não defini a área que eu quero.

B) Eu ainda não sei bem o que desejo em relação ao trabalho. Mas eu gosto muito de ver todos ao meu redor feliz, de bem com a vida então na Universidade eu quero algo relacionado nisso.

C) O meu bem estar Psicológico, acima de tudo, Felicidades, depois vem o bem estar Financeiro, o bem estar Físico, social, etc...

D) Informação; pois para mim falta informação e orientação, sobre o Profissionalismo. e também sobre minhas escolhas.

Depoimento 9

A) Espero que após esta orientação eu consiga me decidir do que fazer, pois quero fazer tantas coisas que ao mesmo tempo acabo não querendo nada. Estou me sentindo como cego em tiroteio. Eu tenho uma grande vontade de fazer Psicologia, mas também gostaria de fazer Jornalismo, Hotelaria e Turismo, Artes Cênicas, etc...

Deixei a possibilidade de fazer Psicologia, porque algumas pessoas que estão fazendo me disseram que exige muita leitura, que não é o meu forte, e alguns amigos que hoje são médicos, disseram que eu corro um serio risco de ficar depressiva.

B) O que eu quero e trazer o que tem de bom para a sociedade fazendo o melhor para ambos. A minha escolha p/ uma Universidade é por causa das dificuldades que eu passei e passo p/ conseguir o que eu quero, e uma universidade para mim é impossível ate que eu prove para mim mesma o contrário.

C) O bem estar Psicologico acima de tudo e depois o bem estar financeiro.

D) No meu caso falta informação e orientação das minhas “escolhas”.

Depoimento 10

A) → Quero sair convicta da minha profissão (formação profissional). Posso dizer que tenho uma tendência para Letras pois, sempre quis ser uma Escritora mas, lendo alguns literários percebi que a maioria deles era formada em Direito porém, muitas vezes vendo pessoas sofrendo em leitos hospitalares, vejo-me ajudando de maneira eficiente e para isso almejo uma profissão e com maiores conhecimentos. Seria então uma Enfermeira.

→ Pensando melhor, revisando o meu eu sempre fui atraída e impulsionada p/ Letras e manter contato c/ pessoas agrupadas.

B) * É importante sentir prazer no que se faz. Isso é o que busco para minha vida.

* Fazer a escolha correta:

-- Pensar no bem-estar físico, social e psicológico

-- Conhecer o curso que me traga prazer pessoal. Aquele que pretendo estudar.

-- Saber porque quero estar exercendo determinada profissão.

* Tenho problemas financeiros porque moramos minha irmã, minha prima e eu. Tenho uma carga de trabalho longa (saio de casa às 6:20 volto depois do cursinho: não tenho tempo suficiente p/ dedicar aos estudos – Faltam-me livros no momento.

Quanto ao curso – quero ter uma visão ampla do mesmo através de orientações.

Obs: Estou afastada da minha família.

* Chegar num “caminho” que me traga convicção. Saber se realmente quero tal curso e me sentir feliz, realizada.

Obs: Dentre os escolhidos na resposta 01 – gostaria de saber qual me traria bem-estar.

Depoimento 11

A) – Tenho certeza em relação à profissão escolhida, mas quero saber minha vocação, para depois optar;

-- Há em mim algumas idéias sociais, junto a área que escolhi (Direito Penal), que gostaria de pôlas em prática;

-- Quero renovar pontos da minha personalidade.

- B) A importância maior é a minha realização pessoal, pois é isso que quero, que sempre quis.
- C) objetivo sócio-econômico (2º lugar)
assistência social (ajuda) (3º lugar)
realização do “eu” (1º lugar)
- D) nenhum (pela pouca orientação que tenho)
- E) Me citar na informação/orientação.

Depoimento 12

- A) Estou participando do psicodrama para me ajudar escolher o curso que vou fazer, pois existem muitos e é muito difícil escolher aquele em que vou gostar, me satisfazer pessoalmente e ajudar a sociedade de alguma forma. Preciso escolher bem, pois vou ter que estudar por um bom período da minha vida, e se eu não gostar, não vou conseguir ficar me aperfeiçoando por muito tempo.
- B) O tipo de trabalho envolve o bem estar físico e psicológico, satisfação pessoal e uma contribuição social; para isso precisamos ter conhecimento do tipo de trabalho, e acima de tudo ser feliz naquilo que faz.
- C) – é o que eu gosto?
 - sei fazer bem?
 - mesmo com as dificuldades, ainda é o que eu quero?
- D) – falta de informação sobre as profissões
 - muitas escolhas que dificulta na decisão
 - orientação para que profissão fazer
- E) Para que eu possa escolher com maior tranquilidade que profissão seguir e não me frustrar ao longo do curso.

Depoimento 13

- A) Eu quero fazer Medicina e gostaria de ter certeza se é isso que pretendo p/ minha vida profissional.
- B) Eu quero medicina porque gosto e me interessa muito
- C) 1º deve gostar para poder fazer bem o que escolher, mas também tem que receber uma recompensa financeira e social
- D) Para mim seria uma especialização porque quero a medicina, falta de orientação para a especialização.
- E) espero ter mais segurança na hora de fazer o meu vestibular.